TROPA DE ELITE 2 ✪ A REDE SOCIAL ✪ SEAN CONNERY

SET

CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

aver editora
Novembro, 2010 - Ed. 271 - Ano 23 - R$ 9,90
9 770104 159003 00271

HARRY POTTER
E AS RELÍQUIAS DA MORTE
A MAIOR SAGA DO CINEMA SE APROXIMA DO FIM

AFINAL, PRA QUE SERVE UM ASTRO?
com
Leonardo DiCaprio
Angelina Jolie
Sylvester Stallone
Tom Cruise

+ como A ORIGEM se tornou o melhor filme do ano

THE WALKING DEAD
Zumbis invadem a TV

QUADRINHOS NAS TELAS!
O LEGADO DE X-MEN

O CALDEIRÃO POP DE SCOTT PILGRIM CONTRA O MUNDO

O FUTURO COM THOR, VINGADORES, LANTERNA VERDE ETC...

Você pode voar.

VOCÊ VAI.
E VAI DE
TAM.

ONDE COMPRAR SUA PASSAGEM:

- Pelo telefone: 4002 5700 (nas capitais) e 0800 570 5700 (outras regiões).
- Nas lojas Casas Bahia: São Mateus - Av. Mateo Bei, 3.083; Vila Nova Cachoeirinha - Av. Itaberaba, 5.080; e República - Praça Ramos de Azevedo, 131 – todas em São Paulo.
- Em uma loja TAM dentro do aeroporto.
- Em uma loja TAM Viagens.
- Pelo site: www.tam.com.br/comoviajar.

Viajar de avião é mais rápido, mais barato e mais fácil do que você imagina. Está esperando o que para embarcar?

Já imaginou que delícia conhecer os lugares mais bonitos e animados do Brasil? As praias, o Cristo Redentor, a Amazônia... Ou matar a saudade daquele parente que você não vê faz tempo? Se você tem vontade de fazer tudo isso, mas desanima quando pensa no dinheiro que vai gastar e nas dificuldades de uma viagem de ônibus, então o problema já está resolvido: é só ir de avião. Com a TAM é bem mais fácil, rápido e barato do que você imagina!

1 É mais rápido e barato porque a passagem de avião sai mais em conta que a de ônibus e você pode parcelar em várias vezes. Sem contar que não tem gastos com alimentação e banho nos postos das estradas. Além disso, ao contrário das viagens de ônibus, que podem demorar dias, de avião você chega em apenas algumas horas e com pique para curtir o passeio.

2 É fácil de comprar porque você só precisa ir até a loja mais perto do seu trabalho ou da sua casa, ou comprar pelo telefone, ou, ainda, comprar pela internet com apenas alguns cliques, sem sair da sua casa. E, se você tiver alguma dúvida, é só acessar o site www.tam.com.br/comoviajar que você encontra todas as explicações passo a passo para a compra da sua passagem.

3 Não tem segredo para embarcar, porque só o que você precisa é arrumar as malas dentro do limite de peso permitido: para despachar, a soma pode chegar a 23 kg (independentemente do número de malas), enquanto a bagagem de mão pode somar até 5 kg. A mesma franquia de bagagem é válida para crianças a partir de 2 anos. Ao chegar ao aeroporto, com 2 horas de antecedência, apresente-se no balcão da TAM com as suas malas, a passagem e um documento original com foto. Lá, um funcionário da TAM vai explicar tudo direitinho sobre o seu embarque.

4 É gostoso de viajar, porque, além da experiência única de voar, no avião os assentos são marcados, e você vai saber qual é o seu logo que fizer o check-in. Sua bagagem de mão vai em um compartimento acima do assento para não estragar e para você não ter que ficar segurando. E durante o voo as aeromoças servem refeições rápidas que você não precisa pagar. Além disso, os comissários ficam à sua disposição para tirar dúvidas e explicar o que se pode ou não fazer no avião.

5 Não tem segredo para desembarcar, porque, logo que o avião pousa no destino, você vai ver algumas esteiras com as malas de todos os passageiros rodando. É só procurar a sua esteira pelo número do voo (que está no cartão de embarque), encontrar a sua mala e curtir o passeio. E não precisa ter pressa para pegar a sua mala: as esteiras ficam rodando várias vezes.

Viu como viajar de avião não tem segredo? Basta experimentar. Depois da primeira vez, você não vai mais querer viajar de outro jeito. Aliás, que tal planejar a sua viagem agora? Escolha o destino e conte com a gente para todo o resto. Aqui na TAM todo mundo pode voar.

Compare e economize:

Viagem de São Paulo a Fortaleza	Ônibus	Avião
Tempo de viagem	2 dias e 2 horas	3 horas e 20 minutos
Passagem ida e volta	R$ 708,00[1]	R$ 478,00[1] taxas não inclusas
Forma de pagamento	3x R$ 236,00 sem juros	6x R$ 79,67 taxas não inclusas sem juros

As horas de viagem de avião referem-se ao tempo de duração do voo. [1]Consulta realizada no dia 31/10/2010 para viagens no mês de outubro de 2010. Valores vigentes de 31/10/2010 a 6/11/2010, apenas para efeito de comparação.

TAM

As informações integrais e detalhadas sobre as regras/restrições desta tarifa anunciada ou demais tarifas da TAM, alteração de datas, reembolso, remarcação, cancelamento, tarifas específicas para crianças e pontuação no Programa TAM Fidelidade estão disponíveis para consulta no site www.tam.com.br, na central de atendimento e nos demais canais de venda.

Um belo dia você resolve mudar. E fazer tudo o que queria fazer. Começa com a viagem dos seus sonhos. No primeiro dia, você e seus novos amigos saem para passear. De tarde, conhecer a cidade. À noite, um bailinho, porque ninguém é de ferro. Amanhece, o sol brilha, a vida ainda mais. Você lembra dos amigos que ficaram em casa e não puderam vir. Dá vontade de cantar: "Agora só falta você". Só falta você aproveitar as vantagens do Viaja Mais Melhor Idade.

Pacotes especiais para a melhor idade.
E 50% de desconto nos hotéis cadastrados.

MUDE SUA ROTINA.
O PRAZER DE VIAJAR
NÃO TEM IDADE.

ViajaMais
MELHOR IDADE

Quem tem mais de 60 anos tem também mais vantagens na hora de viajar.

Para saber mais,
ligue **0800 770 7202**
ou procure uma agência de viagens.
www.viajamais.com.br

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

As revistas de turismo possuem um péssimo hábito. Querem ensinar o seu leitor a viajar sozinho, esquecendo o agente de viagem.

POSSO VIAJAR!

A primeira revista dirigida à classe média brasileira resolveu mudar isso.

Em todas as nossas matérias colocamos:
"Para viajar com segurança e mais barato, consulte um agente de viagem!"

A classe média brasileira vai descobrir, através da revista **POSSO VIAJAR!** que o agente de viagem é o seu anjo da guarda. É a segurança para que o sonho das férias não vire pesadelo.

aver www.avereditora.com.br

NESTA EDIÇÃO

SONY

30

ESTRELA DE VERDADE: Angelina Jolie (*Salt*) coloca-se entre os artistas que, com o veículo certo, são garantia de público

23 AFINAL, PRA QUE SERVE UM ASTRO?

Leonardo DiCaprio, Angelina Jolie, Tom Cruise, Sylvester Stallone, Will Smith e Nicolas Cage, que tiveram altos e baixos em 2010, são a base desse ensaio sobre o papel dos astros no cinema hollywoodiano do novo século, sua posição ante uma indústria que privilegia produtos e os números milionários que eles podem (ou não) gerar.

44 O COMEÇO DO FIM

Uma década e seis filmes depois, a série mais bem sucedida da história se aproxima de sua conclusão com o lançamento da primeira parte de HARRY POTTER E AS RELIQUIAS DA MORTE. SET analisa as origens do fenômeno, seus imitadores, o batalhão de atores britânicos que fizeram dos filmes seu segundo lar e o futuro do trio de protagonistas, Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson.

52 GAME ON!

A aventura pop SCOTT PILGRIM CONTRA O MUNDO marca o casamento perfeito de cinema, HQs e videogames – ainda celebramos os dez anos de um gênero que começou com *X-Men*

56 SET ENTREVISTA M. NIGHT SHYAMALAN

O diretor fala sobre as críticas pesadas, os fãs e O ÚLTIMO MESTRE DO AR

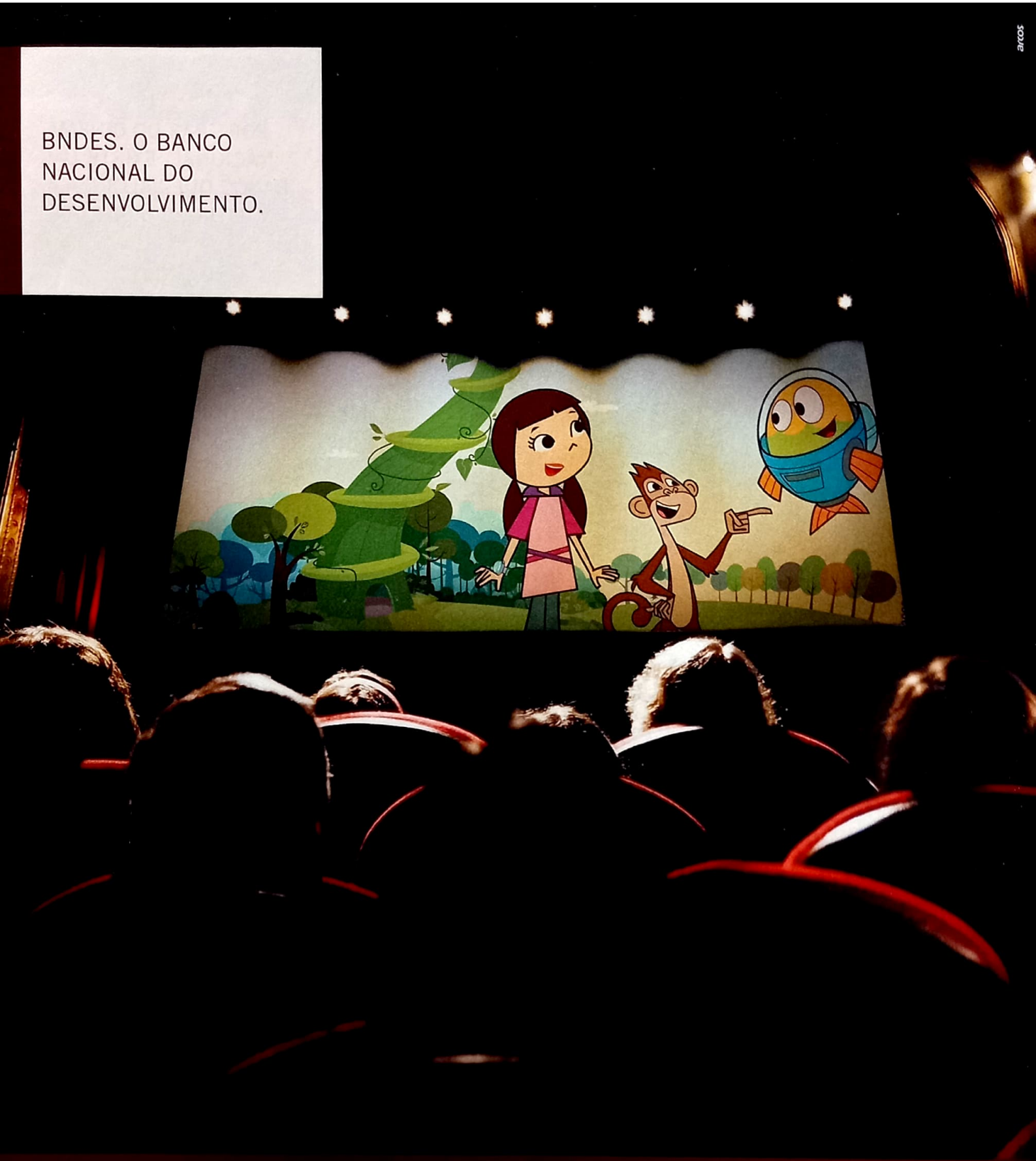
SEÇÕES

11 EDITORIAL **12** TAKES **69** FILTRO – CINEMA, DVD & BLU-RAY, TV PAGA, LIVROS & HQs **81** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **82** NOSTALGIA

NA CAPA: *Harry Potter e as Relíquias da Morte (Warner)*

POR TRÁS DO CINEMA NACIONAL, EXISTE UM BANCO QUE VALORIZA A CULTURA BRASILEIRA.

BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.



O BNDES é um dos principais parceiros do cinema nacional. Está presente desde a produção e distribuição de filmes até o patrocínio de festivais e o financiamento de salas de exibição. Por tudo isso, o BNDES já pode ser considerado um protagonista da indústria brasileira do audiovisual, mesmo atuando por trás das câmeras.

Ouvidoria: 0800 702 6307
www.bndes.gov.br

BNDES

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski

ARTE
Editor de Arte Fabiano Spadari
Designers Fernando Rodella
Tratamento de Imagens Daniel Freire

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alfredo Sternheim, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Edu Fernandes, Erika Zanão, Maria Fernanda Menezes, Mariana Laviaguerre, Sérgio Rizzo
Ilustração Yuri Moraes

PUBLICIDADE
live GROUP
Mídia e Negócios
Representante exclusivo
Live Group - Fone (11) 3151-3818
contato@livegroup.com.br
Direção geral Luis Carlos Borges
(borges@livegroup.com.br)

aver editora
www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes
Hélcio Estrella, Anderson Espinosa

ASSISTENTE DE DIRETORIA
Luciano Evangelista

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo: Rua da Consolação, 1992, 7º andar,
CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

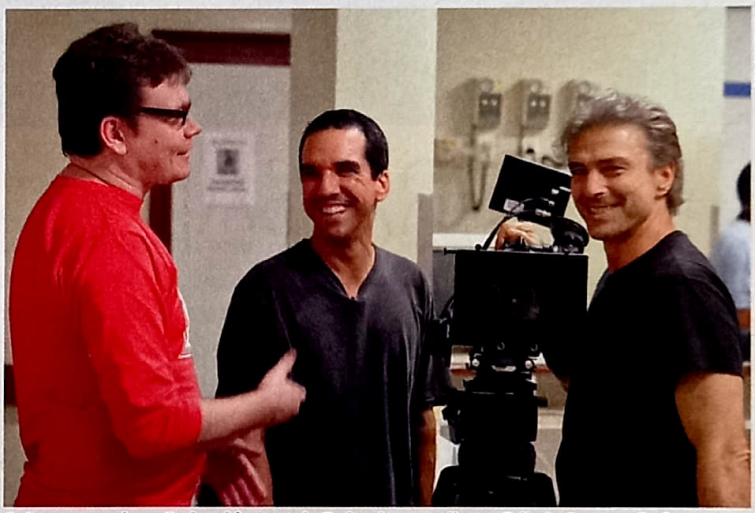
REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3257-3129-4179.
De segunda a sexta-feira, das 9 às 18h.
assinanteset@avereditora.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.

Os tempos mudam. O cinema acompanha. Desde seus primórdios os filmes se ancoram em astros para despertar a atenção da platéia e lotar as salas. Há mais ou menos uma década esse jogo começou a mudar. O sorriso brilhante de atores e atrizes milionários foi gradativamente sendo substituído por produtos, marcas reconhecíveis que potencializam o marketing e decidem, para o bem ou para o mal, a carreira de um filme. Claro que o equilíbrio com o casamento de um astro com um personagem carismático é o Santo Graal para produtores e diretores, mas nem sempre é possível capturar um raio na garrafa. Nesta edição voltamos nosso olhar para alguns filmes que enfeitaram os cinemas este ano – todos ancorados por astros, cada um contando uma história diferente. Por falar em história (e nessa mudança de foco), há dez anos um filme foi fundamental para solidificar um subgênero como parte da sobrevivência do cinema como entretenimento: *X-Men*, que deu início a uma enxurrada de produções adaptadas de gibis – como o sensacional *Scott Pilgrim Contra o Mundo*. E a cereja no topo do bolo dessa tendência se aproxima do fim: *Harry Potter e as Relíquias da Morte* encerra as atividades do bruxo mais famoso do mundo – a segunda parte do filme estréia em julho. Mudanças. Somos especialistas nisso.

Roberto Sadovski
Editor-Chefe


ARQUIVO PESSOAL

Ação entre amigos: Sadovski no set de *Federal*, com o diretor Erik de Castro e Carlos Alberto Riccelli – o filme, rodado em 2006, finalmente estreou celebrando o cinema de ação

Afogando em números

7 **Filmes ultrapassaram 1 bilhão de dólares nas bilheterias mundiais**

4 **anos separam as filmagens de *Federal* da estréia do filme nos cinemas**

65 **milhões de reais era a bilheteria de *Tropa de Elite 2* até o fechamento desta edição**

2 **filmes de temática espírita arrastaram multidões no Brasil este ano**

Wagner Moura como o coronel Nascimento: melhor personagem do cinema brasileiro

FOTOS: DIVULGAÇÃO

PEDE PRA SAIR!

Tropa de Elite 2 mira na política nacional – mas pode trucidar o "nosso" cinema

POR ROBERTO SADOVSKI

Noite de 3 de outubro, lá está SET em Paulínia, pólo principal da produção do cinema brasileiro de hoje, para assistir a pré-estréia de *Tropa de Elite 2*. Na platéia, gente ligada ao filme, a cinema em geral, jornalistas e políticos. Na tela, o coronel Nascimento desenrola uma história sobre milícias, compra de votos, queima de arquivo, corpos desaparecidos – nada que a gente não esteja amortecido por causa do noticiário habitual, mas amplificado pela força da narrativa de José Padilha. A qualidade das imagens está anos-luz além do que o "nosso" cinema habitualmente apresenta. Existe uma coerência de ideias, de temas, a preocupação em criar cinema de verdade.
E eu não conseguia parar de pensar em *Lula – O Filho do Brasil*.

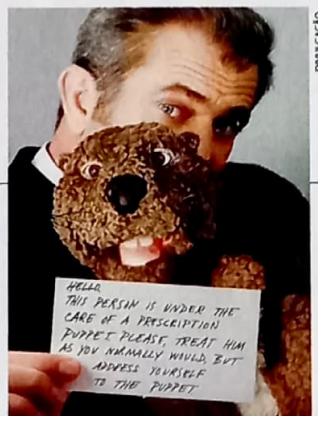
Para quem acompanha o noticiário cinematográfico brasileiro, a notícia de que a biografia do presidente Lula foi o longa escolhido por uma comissão (estatal) para representar o Brasil como candidato a uma vaga entre os indicados a melhor filme estrangeiro no Oscar não é mais nova. Mas continua igualmente chocante e absurda. *Lula – O Filho do Brasil* é a antítese do que pode ser chamado de "cinema", uma peça de propaganda amoral e oportunista que coincidentemente chegou aos cinemas em pleno ano de eleição, quando Lula fazia campanha para a sua candidata (que, como sabemos, foi eleita no segundo turno). Quando estreou, *Lula* foi solenemente ignorado pelo público e solapado pela crítica. Sua carreira no mercado de home vídeo se

Depois de ser cortado da sequência de *Se Beber, Não Case*, MEL GIBSON est que o chama de racista e misógino. A vítima? O drama *The Beaver*, de Jodi

Ninguém quis ver: *Lula – O Filho do Brasil* é o representante do país para o Oscar

mostra igualmente medíocre (SET optou por ignorar ambos os lançamentos). Ainda assim, a comissão que o escolheu, em detrimento de filmes infinitamente melhores e mais representativos do Brasil, como *5x Favela*, *Bróder* e *É Proibido Fumar*, foi unânime. O jornalista Boris Casoy saberia exatamente o que dizer nessas horas.

Enquanto isso, *Tropa de Elite 2*, que incomodou políticos durante sua produção por retratar uma turba de corruptos decididos a comprar votos a troco de assistencialismo barato e a manutenção das milícias em favelas, firma-se como um novo patamar do que pode ser chamado de "cinema brasileiro": urgente, tecnicamente perfeito, profissional. Para quem produz filmes no Brasil, é uma boa hora para rever conceitos e reaprender como fazer a coisa, despindo-se de ideologias e focando na arte de criar um espetáculo. *Tropa 2* é empolgante, atual, preocupado com sua narrativa, com a evolução de seus personagens, com a linguagem cinematográfica usada para contar uma história. Ou seja, tudo que *Lula – O Filho do Brasil* não chegou perto de ser, mas é o nosso representante no Oscar – que, com a mais absoluta certeza, vai ignorar o cinema brasileiro mais uma vez. E *Tropa de Elite 2* responde, rápido, com números sólidos: em cinco dias de exibição, levou 2,5 milhões de pessoas aos cinemas, a quarta melhor estreia de um filme brasileiro da história. Até agora, é a maior bilheteria da retomada, com cerca de 65 milhões de reais em caixa. Perdeu, playboy!



DIVULGAÇÃO

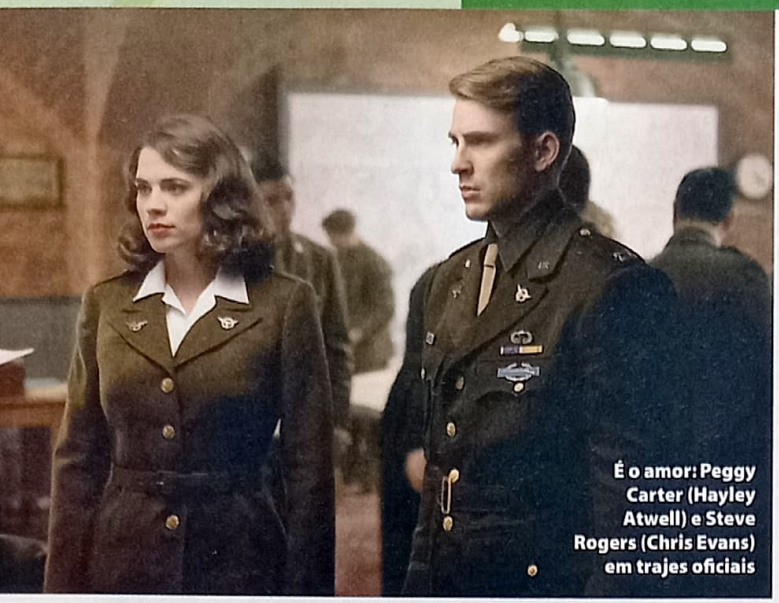
na mira da patrulha hollywodiana Foster, que está sem data de lançamento

Francis Ford Coppola está flertando mais uma vez com o cinema. Depois dos autobiográficos *Youth Against Youth* e *Tetro*, o cineasta lendário está filmando *Twixt Now and Sunrise*, com Val Kilmer e Ben Chaplin, em uma trama que surgiu de um pesadelo, evoluiu para um conto e se tornou um roteiro. O filme, de 7 milhões de dólares, ainda não tem distribuidor.

O elenco do novo *Homem-Aranha*, que estréia em 2012, continua engordando. Martin Sheen e Sally Field devem interpretar Ben e May Parker, tios do futuro herói. Rhys Ifans é Curt Connors, o Lagarto, e a gracinha Emma Stone fará Gwen Stacy, primeiro amor de Peter Parker (Andrew Garfield). No papel de Mary Jane... ninguém! Ela não está no filme...

Hora de podreira! *O Vingador Tóxico*, personagem-símbolo da Troma, vai ganhar refilmagem sob a direção de Steve Pink (*A Ressaca*). A idéia é criar uma nova série com o herói deformado

DIVULGAÇÃO



É o amor: Peggy Carter (Hayley Atwell) e Steve Rogers (Chris Evans) em trajes oficiais

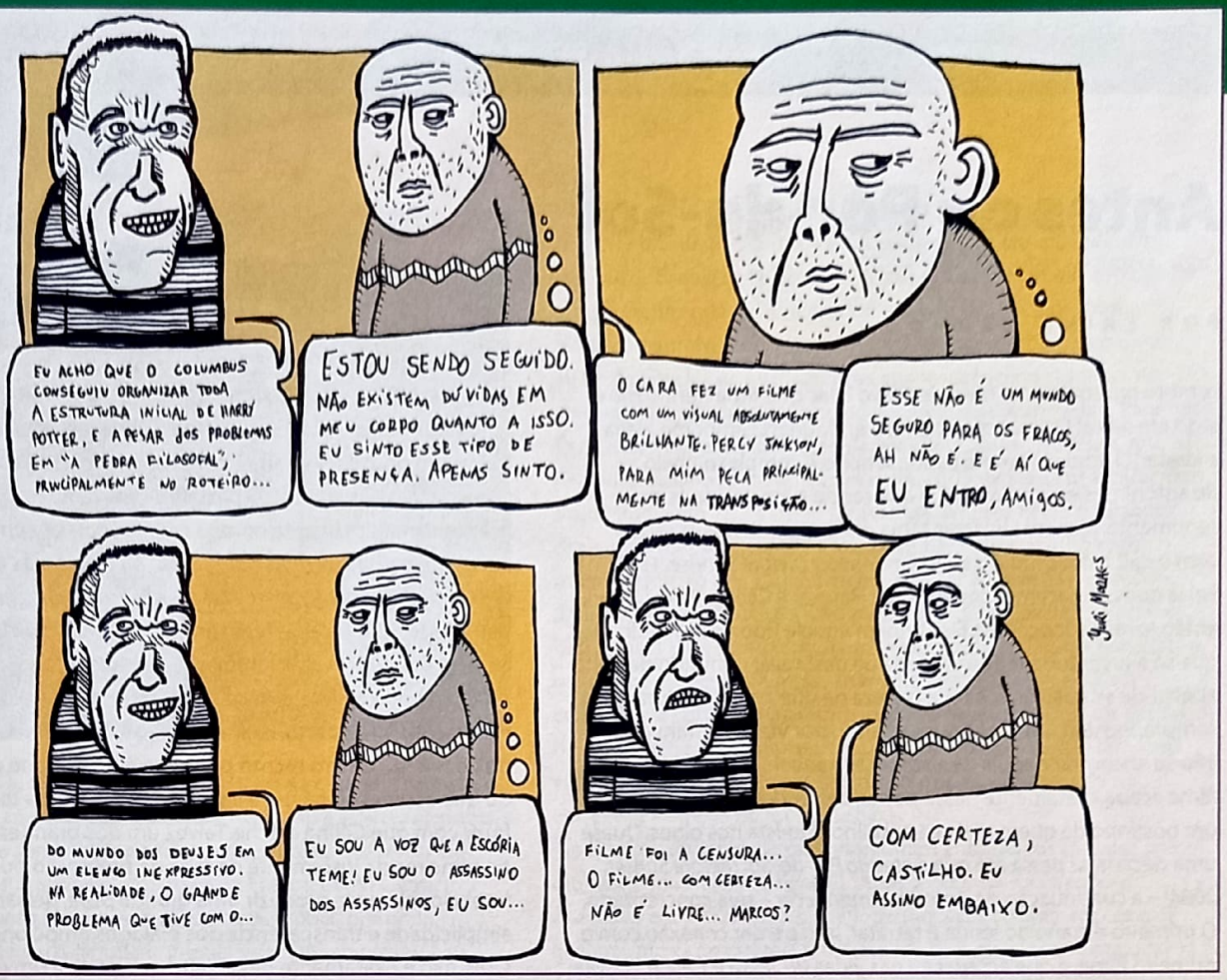
Capitão América

Desde que foi reintroduzido no Universo Marvel nos anos 60, primeiro como parte dos Vingadores, depois em seu título-solo, o Capitão América sofre uma certa pressão pelo lado "anti-imperialista" do planeta por representar, nada sutilmente, os Estados Unidos. *Capitão América: O Primeiro Vingador*, que chega aos cinemas em julho de 2011, deve fazer sua parte para remediar isso. Afinal, a produção da Marvel com direção de Joe Johston (*Rocketeer*, *O Lobisomem*), coloca o herói em sua origem, durante a Segunda Guerra Mundial, defendendo o mundo livre da ameaça nazista durante a "última guerra justa". Em uma época mais inocente, mas não menos perigosa, o jovem franzino Steve Rogers é rejeitado pelo serviço militar – sua insistência o coloca como candidato ideal para fazer parte do Projeto Renascimento, que tinha por objetivo criar um supersoldado para lutar contra as forças do Eixo. Chris Evans já foi o Tocha Humana em *Quarteto Fantástico* – outro filme dentro do Universo Marvel – e hesitou antes de aceitar defender as cores do Sentinela da Liberdade. "Eu estava louco em dizer não para o Capitão América", disse à *Entertainment Weekly*. *Capitão América* é, também, uma fantasia de ação, com o vilão, o Caveira Vermelha (Hugo Weaving), liderando os terroristas da Hydra em busca de um artefato milagroso, o Cubo Cósmico – em seu caminho, o herói que veste a bandeira dos EUA. Para evitar a rejeição, o filme se chamará simplesmente *O Primeiro Vingador* em alguns países. Uma tremenda bobagem.

Músculos instantâneos: Rogers passa de garoto franzino a montanha de músculos graças a efeitos digitais espertos

A luta pela liberdade: o Capitão América aparece aqui com seu primeiro traje de combate

FOTOS: PARAMOUNT



• script • life drawing • 3d • storytelling • full color • clay and mold • digital character • art direction

APRENDA COM QUEM FAZ!

www.impactoquadrinhos.com.br

Somente na Escola Impacto Quadrinhos, você aprende com os melhores artistas que atuam no mercado mundial de HQ, ilustração e modelismo. Pule da sala de aula para o mercado de trabalho internacional.

(011) 50726161

Rua Rua General Gois Monteiro 521, São Paulo - SP, cep 05029-000

Antes do Pôr-do-Sol

(2004, de Richard Linklater)

POR ERIKA ZANÃO

Lembro muito de uma frase de Olavo Bilac que dizia "tenho frio e ardo em febre! O amor me acalma e endouda! O amor me eleva e abate!". O amor é mesmo assim: simples e complexo, cheio de antônimos e sinônimos. É aí que reside a graciosidade do sentimento. Richard Linklater sabia disso quando nos agraciou com o cult e delicado *Antes do Amanhecer (Before Sunrise, 1995)*. Foi lá que conhecemos Jesse (Ethan Hawke) e Céline (Julie Delpy), então jovens e inocentes. Eles tinham aquele tipo de ingenuidade que só a juventude tem: a vontade de desbravar o mundo de peito aberto, de se apaixonar e ter a certeza de que aquilo irá durar para sempre. Passam um dia juntos andando por Viena e juram que irão se encontrar depois de seis meses naquele mesmo local. O filme acaba exatamente nesse ponto, deixando o espectador com um gostinho de quero mais e um brilho otimista nos olhos. Quase uma década se passa até que *Antes do Pôr-do-Sol (Before Sunset, 2004)* – a continuação de *Antes do Amanhecer* – seja concretizado. O primeiro desafio do longa é retratar, sem perder conexão com o primeiro filme, o que aconteceu nas vidas de Jesse e Céline. Hawke e Delpy se unem à Linklater na construção do roteiro e o resultado é uma investigação aos cantos da alma e do coração do ser humano. Mas nem pense que se trata de uma obra intelectualóide, pois é na simplicidade e honestidade que *Antes do Pôr-do-Sol* conquista.

A premissa é simples. Jesse está no final da turnê de seu livro em Paris, autografando os últimos exemplares, e já divide cena com Céline, que está por perto observando-o. Em menos de dez minutos já é possível compreender que o encontro marcado há muitos anos atrás nunca aconteceu. Jesse e Céline resolvem caminhar por Paris e em pouco tempo nos devolvem a sensação confortável do primeiro filme de trazer o espectador para dentro dos diálogos. Isso fica ainda mais marcante porque o filme acontece em tempo real; Jesse tem menos de duas horas antes de pegar o avião e voltar para casa. A surpresa de *Antes do Pôr-do-Sol* é o amadurecimento dos personagens. Aqueles jovens sonhadores, cheios de ideais, são agora adultos e trazem algum sofrimento na bagagem.

À medida que o filme avança e as duas horas para o vôo de Jesse vão ficando mais perto, confissões são feitas e verdades são trazidas à luz. O livro escrito por Jesse é na verdade um registro do que aconteceu há nove anos, em Viena, e uma tentativa de fazer com que Céline o ache. Talvez um dos grandes triunfos do filme resida justamente na falta de pretensão do diretor de intencionalmente produzir uma grande obra, deixando que a simplicidade e transparência dos diálogos emocionem o público. Oras, não é exatamente desse jeito que se vive um grande amor? Somos pegos de surpresa, tragados e, quando nos damos conta eis o que acontece. O amor. Tão majestoso. Repleto de dualidades, com suas esquinas escusas e piazzas ensolaradas. Linklater capta tudo isso de fora sutil e delicada e nos brinda com *Antes do Pôr-do-Sol*. E nós bebemos da taça... ficando com um gostinho – de novo – de quero mais.

***Erika Zanão é atriz e radialista**

FOTOS: WARNER

"**Jesse:** Eu sinto que, se alguém me tocasse, eu me dissolveria em moléculas...
Celine: Então eu quero experimentar uma coisa.
Jesse: O que?
Celine: (*lhe dá um abraço*) Quero ver se você permanece o mesmo ou se dissolve em moléculas...
Jesse: Como estou me saindo?
Celine: Ainda está aqui.
Jesse: Ótimo, eu gosto de estar aqui."

POR ALFREDO STERNHEIM

HOLLYWOOD STUDIOS

Brasileiros no Exterior

Vários de nossos intérpretes atuaram fora do país com freqüência e em meio de preconceitos daqui mesmo

É sempre assim. Basta um brasileiro fazer sucesso no cinema lá fora que encontra aqui opiniões divergentes e as vezes ofensivas. Foi assim com o cineasta Alberto Cavalcanti, que construiu a maior parte de sua obra na Inglaterra e na França, e com Carmen Miranda. A Pequena Notável, em certa ocasião, sofreu profunda depressão ao ser acusada de americanizada pela nossa imprensa. Um tratamento injusto, como o tempo provou depois. Mais recentemente esse enfoque tendencioso e predatório se viu com certa assiduidade em relação a Sônia Braga e a Rodrigo Santoro.

A paranaense que completou 60 anos em junho, chegou a ser um símbolo erótico de nosso cinema por conta dos êxitos *A Dama do Lotação* e *Dona Flor e seus Dois Maridos*, além de ganhar popularidade com novelas como *Dancing Days*. Mesmo assim, a partir de 1985, Sonia foi com a cara e a coragem para Hollywood. Primeiro, participou na TV de alguns episódios do *The Cosby Show* e do longa *Mil Elos – O Preço da Liberdade*, ao lado de Val Kilmer e dirigida por Daniel Mann. Ela prosseguiu com assiduidade e totalizou cerca de 34 títulos na sua filmografia estrangeira que inclui produções para a TV. Alguns discutíveis, outros ótimos, feitos sob as ordens de cineastas respeitáveis como Paul Mazursky, John Frankenheimer, Gregory Nava, Robert Redford e Clint Eastwood. Em três ocasiões foi finalista no Globo de Ouro e com a série *Laredo, o Último Desafio*, de Joseph Sargent, ganhou Lone Star & Television Awards de melhor atriz coadjuvante de 1995. Nada mal para uma brasileira generosa que nunca esnobou convites brasileiros, como o da telenovela *Páginas da Vida*. Um equívoco. Esquecida pelo autor Manuel Carlos, passou a maior do tempo esculpindo, sem nenhuma cena de intensidade dramática. Rodrigo Santoro corre esse risco caso aceitasse o conselho de um autor de novelas de que lamentou sua insistência no cinema do exterior, enfatizando que seu lugar é aqui, nas telenovelas. Para que? Para sofrer o mesmo desprezo de Manuel Carlos? Rodrigo, que não deixou de atuar em nosso cinema, em 2003 estreou em Hollywood numa ponta em *As Panteras Detonando*. Muitos fizeram chacota dessa intervenção, mas não atentaram para seu trabalho como o michê obsessivo por Helen Mirren em *The Roman Spring of Mrs. Stone*, versão feita naquele ano para a TV do conto de Tennessee Williams. Desse ponto em diante, alternando trabalhos brasileiros, o ator que está com 35 anos, atuou em umas sete produções estrangeiras como *Simplesmente Amor*, o épico *300*, alguns episódios da mítica série *Lost* e na comédia *O Golpista do Ano*. Ele tem uma visão bem clara sobre o cinema daqui e de lá, como expôs na entrevista à edição de junho de SET.

Na Europa, duas brasileiras conseguiram enfrentar as câmeras como estrelas. Uma é Norma Bengell. Após o êxito de *O Pagador de Promessas* em 1962, fez até 1975 personagens centrais em cerca de quatorze filmes no exterior. Como *O Mafioso*, de Alberto Lattuada, *Uma Bela Gringa*, de Giuliano Montaldo, *O Planeta dos Vampiros*, de Mario Bava, *Os Cruéis* de Sergio Corbucci. E ao lado de atores da fama de Alberto Sordi, Renato Salvatori, Jean Sorel, Joseph Cotten e Jean-Louis Trintigant. A outra é Florinda Bolkan, a bela e talentosa cearense que, sob a proteção da companheira, a produtora Marina Cicogna, em 1968 estreou no cinema italiano em *Momentos Eróticos*, de Damiano Damiani. Daí em diante, atuou em mais de cinquenta filmes. Alguns importantes como *Os Deuses Malditos*, de Luchino Visconti e *Investigação Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita*, de Elio Petri, que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1970. Aos 69 anos, Florinda continua atuando, mais em produções para a TV de Roma.

A bola da vez agora é Alice Braga. Sem deixar de fazer filmes brasileiros, a sobrinha de Sônia Braga tem obtidos papeis centrais em longas americanos como *Eu Sou a Lenda*, com Will Smith e *Território Restrito*, ao lado de Harrison Ford. Nada mal para essa paulistana de 27 anos que, espero, não sofra as habituais rejeições patrioteiras de alguns críticos.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

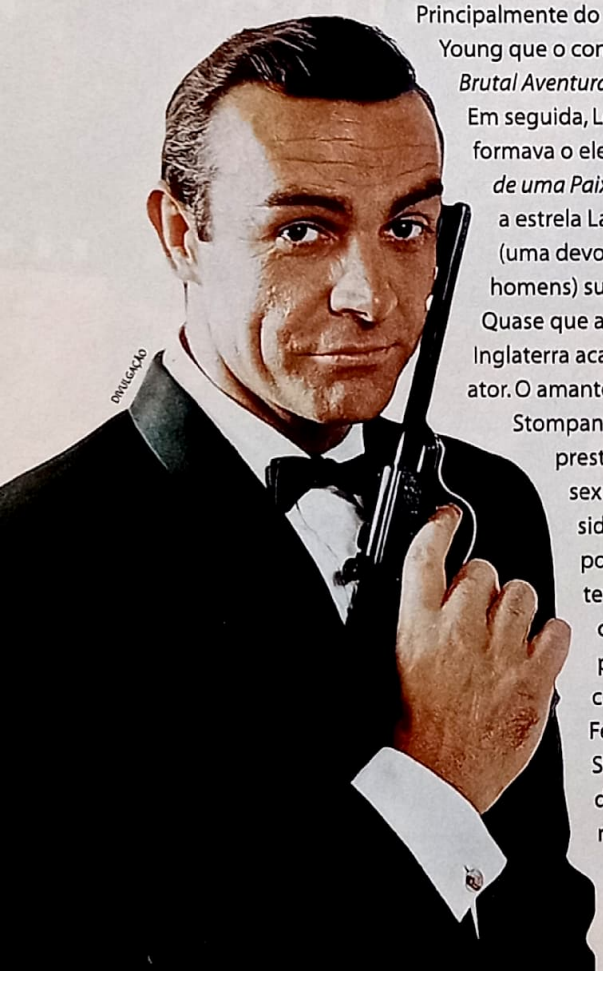
CONNERY, SEAN CONNERY COMPLETA 80 ANOS

Superando o risco de ser estigmatizado como o eterno James Bond, o ator escocês mostrou ter luz própria e ganhou respeito

POR ALFREDO STERNHEIM

A primeira vista, Thomas Sean Connery poderia ter sido apenas mais um sujeito musculoso e bonito que tentou carreira artística sem grande brilho e chegou a velhice esquecido. Mas foi o contrário. Ele chega a velhice reverenciado em todos os cantos do planeta. O destino e o talento favoreceram esse escocês nascido em 25 de agosto de 1930 numa família humilde em Edinburgh. Depois de lutar pela sobrevivência em várias atividades (leiteiro, marinheiro e lustrador de caixão), candidatou-se ao título de Mister Universo. Não ganhou, mas com seu corpo perfeito foi ser modelo em escola de arte (posava nu) e acabou fazendo ponta na encenação teatral do musical *Ao Sul do Pacífico*. Em pouco tempo, já estava aparecendo em filmes para a TV.

Foi em 1957, a partir de seu primeiro trabalho para o cinema, em *No Road Back*, que ele começou a chamar a atenção dos cineastas. Principalmente do diretor Terence Young que o conduziu em *A Brutal Aventura* naquele ano. Em seguida, Lewis Allen formava o elenco de *Vitimas de uma Paixão* quando a estrela Lana Turner (uma devoradora de homens) sugeriu Connery. Quase que a filmagem na Inglaterra acaba mal para o ator. O amante dela, Johnny Stompanato (famoso prestador de serviços sexuais e que tinha sido indicado à Lana por Ava Gardner) teve uma crise de ciúmes e, armado, partiu para briga com Connery. Felizmente, Stompanato se deu mal e, com o nariz quebrado, voltou para Hollywood onde, pouco tempo depois, acabou esfaqueado mortalmente pela adolescente Cheryl, filha de Lana.



A VEZ DE BOND

Em 1962, os produtores Albert Broccoli e Harry Saltzman preparavam *O Satânico Dr. No*, o primeiro dos filmes com o agente 007. Ou James Bond. Após uma busca que incluiu nomes famosos, por influência também de Terence Young que dirigiu o longa, Connery foi escolhido. O resultado foi um sucesso mundial. Os prosseguimentos com o personagem criado pelo escritor Ian Fleming passaram a popularizar o ator. Foram três grandes êxitos até 1965, em meio de algumas alternâncias que ele aceitou para provar que não dependia só da série. Entre outros, fez *Marnie – Confissões de uma Ladra*, de Alfred Hitchcock, o suspense *A Mulher de Palha*, com Gina Lollobrigida e o western *Shalako*, com Brigitte Bardot. Mas esses e outros fracassos provaram que ele não podia abandonar o agente 007.

No total, Connery interpretou James Bond em nove ocasiões, sendo a penúltima em 1971 (*Os Diamantes são Eternos*) e, depois, em 1983 (*Nunca Mais Outra Vez*), quando ganhou um salário altíssimo. Mas tanto o público como os cineastas já sabiam do excelente ator que era, independente do personagem que lhe deu popularidade. Filmes como *O Golpe de John Anderson*, *O Homem que queria Ser Rei*, *Robin e Marian* e *O Nome da Rosa* foram alguns que consolidaram sua fama. E ao viver o policial Jim Malone em *Os Intocáveis*, foi aplaudido de pé quando recebeu o Oscar de melhor ator coadjuvante de 1987. Dois anos depois, foi eleito o homem mais sexy do mundo pela revista People.

Connery teve ainda boas oportunidades aproveitadas integralmente em filmes como *Indiana Jones e a Última Cruzada*, *Caçada ao Outubro Vermelho*, *Lancelot - O Primeiro Cavaleiro* e *A Rocha*. Mas em sua última aparição em 2003 no fraco *A Liga Extraordinária*, já eram perceptíveis os sinais da avançada idade. O ator, que entre 1962 e 1973 foi casado com a talentosa atriz Diane Cilento, de *As Aventuras de Tom Jones* ("perdi meu marido para James Bond", disse ao separar-se), desde 1975 vive com a pintora Micheline Roquebrune na praia de Marbella, Espanha. Chega aos 80 anos sabendo que, para muitos, será sempre lembrado como James Bond. Porém, isso não o incomoda, pois sabe que não faltam admiradores de seu genuíno talento, comprovado em longas sem a parafernália e as mulheres bonitas que cercavam o agente 007.

CINEMA: COMO FAZER

O diretor de *Federal* fala sobre suas influências e referências para criar um verdadeiro filme de ação brasileiro

POR ERIK DE CASTRO

Falando em termos de estilo, 'levada': será um filme curto, grosso, porrada. Entretenimento com reflexão. Como os filmes que cresci vendo e aprendi a apreciar. Referências nesse sentido – e que fizeram parte da inspiração inicial para a elaboração do roteiro de *Federal*: *Os Intocáveis*, de Brian dePalma, *O Exterminador do Futuro* (o primeiro), de James Cameron e o policial *Chuva Negra*, de Ridley Scott. O tipo de Cinema que me fez querer ser cineasta.

Cinema, para mim, é roteiro. Como cineasta, eu sou primeiro roteirista: dedico muito trabalho ao roteiro. Depois, como diretor, procuro seguí-lo da melhor forma possível, explorá-lo, potencializá-lo: sem firulas, sem maneirismos - foi assim com meu primeiro longa, o documentário *Senta a Pua!*.

Com *Federal*, o que pretendo é me ater a um estilo que lembre, por exemplo, o bom cinema policial dos anos 70, como *Operação França*, de William Friedkin, *Operação França II*, de John Frankenheimer e *Sérpico*, de Sidney Lumet. Um Cinema de *storytelling*, básico, cujo poder reside em simplesmente se seguir uma boa, forte estória. A estória é a estrela. O diretor está a serviço dela.

Outras referências para *Federal*:

- Em termos do trato da questão da violência: o lirismo de *Platoon* (de Oliver Stone), *Os Imperdoáveis* (de Clint Eastwood) e *Dança com Lobos* (de Kevin Costner).
- Quanto à forma como pretendo retratar Brasília como personagem do filme: a Los Angeles do futuro está para *Blade Runner* (de Ridley Scott), como Brasília está para *Federal*. No mesmo caso, Nova York está para *Operação França* e Tókio para *Chuva Negra* (R. Scott) – e a Chicago antiga para *Os Intocáveis*.
- Em termos de Fotografia, o *approach* geral será bem realista. Quanto à fotografia diurna, as grandes referências são faroestes clássicos, como *Meu Ódio Será Tua Herança*, de Sam Peckinpah (esse também uma boa referência em termos gerais para *Federal*), o próprio *Os Imperdoáveis* e *Butch Cassidy*, de George Roy Hill. Quanto à fotografia noturna: filmes policiais urbanos como *Falcões da Noite* (de Bruce Malmuth), *Operação França*, *Sérpico* e *Viver e Morrer em Los Angeles* (de William Friedkin).
- Quanto ao ritmo, à montagem, edição: o primeiro *Exterminador do Futuro* (James Cameron), o primeiro *Mad Max* (de George Miller) – e *Cidadão Kane* (de Orson Welles).
- Outros filmes que também são referenciais para *Federal*: *O Poderoso Chefão* (Coppola) e *Sobre Meninos e Lobos* (Eastwood).

FOTOS: EUROPA

Diplomacia entre lençóis: Carolina Gómez nas esferas do poder

O poder dos EUA: Michael Madsen é um agente do FBI

movie monster DEATHMATCH

Quem é o mostro mais poderoso do cinema? SET separa as criaturas mais vis e ferozes do planeta para determinar quem é o vencedor!

MACACO VOADOR obedece, ao lado de seus irmãos, bruxas malvadas na terra de Oz.

PREDADOR BERZERKER é a evolução mais feroz dos caçadores intergalácticos.

ALIEN é a forma de vida perfeita, adaptável a qualquer ambiente, e que vive para matar.

SIL chegou à Terra com o objetivo de procriar e conquistar: amoral, sua violência não tem limite.

Macacos até podem morder, mas não tem chance contra as armas do predador.

Nós já vimos este filme, e a força do alien encontra uma barreira na precisão militar do predador

As criaturas de H.R. Giger se equilibram, mas Sil não resiste ao ferrão do alien.

JULIA ROBERTS

Não existe armamento do espaço sideral capaz de resistir ao charme, beleza e arcada dentária da linda mulher. Afinal, bem sabemos que *Predadores*, reinvenção da série do caçador espacial, não chega perto do poder de destruição de *Comer, Rezar, Amar*, reinvenção de Julia Roberts como protagonista de um blockbuster hollywoodiano. O alívio? Ambos perderam para *Os Mercenários* de Sylvester Stallone...

NHAC! A mosca tentou se aproximar, mas foi eliminada a dentadas pela poderosa Julia

NHAC! A Medusa se vê refletida nos dentes de Julia, e não resiste ao próprio feitiço

Bastou a mosca babar nas barbatanas do monstro submarino para este derreter

JULIA ROBERTS já foi a maior estrela do planeta – e possui, sei lá, uns 257 dentes...

MEDUSA transforma criaturas vivas em pedra com seu olhar amaldiçoado.

CRIATURA DA LAGOA NEGRA ergue-se das profundezas e ameaça mocinhas indefesas.

A MOSCA usa sua força sobre-humana e saliva ácida para subjugar seus inimigos.

Cartaz em cartaz

SET

ROCCO E SEUS IRMÃOS

(Rocco e i suoi fratelli, Itália/França, 1960)

Direção: Luchino Visconti **Roteiro:** Suso Cecchi d'Amico e Pasquale Festa Campanile **Produção:** Goffredo Lombardo **Direção de Fotografia:** Giuseppe Rotunno **Desenho de Produção:** Mario Garbuglia **Edição:** Mario Serandrei **Música:** Nino Rota **Estúdio:** Titanus

13
facadas são dadas na versão europeia do filme - na americana são só 3.

SINOPSE

Rosario é viúva e vive com seus quatro filhos. Eles mudam-se para Milão para morar com Vicenzo, seu quinto filho. A família passa por vários problemas até que todos achem ocupação.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Rocco Parondi: Ele trabalha em uma lavanderia e está prestando serviço militar. Ele começa um relacionamento com a namorada de seu irmão e causa uma rixa na família.
Simone Parondi: Praticante de boxe, envolve-se com a prostituta Nadia. Quando ela começa a ter um caso com Rocco, a relação entre os irmãos é ameaçada.
Nadia: Ela é uma prostituta que acaba se colocando no meio de uma briga de irmãos.
Rosaria Parondi: Depois de viúva, ela segue para Milão com seus filhos. Na nova morada, uma briga de amor pode acabar com sua família.

CURIOSIDADES

■ A voz do ator francês Alain Delon teve de ser dublada. ■ Os atores Renato Salvatori e Annie Girardot começaram a namorar na vida real depois de trabalharem juntos nesse filme. ■ Francis Ford Coppola gostou tanto do filme que contratou Nino Rota para compor a trilha de O Poderoso Chefão. ■ Quando foi lançado nos Estados Unidos, o filme foi exibido com cerca de meia hora a menos para eliminar cenas violentas. ■ Esse é o penúltimo filme dirigido por Luchino Visconti totalmente em preto-e-branco. ■ É a primeira vez que uma obra de Giovanni Testori é transformada em filme. ■ As autoridades de Milão impediram a realização de uma cena de assassinato em um ponto turístico da cidade.

DATA DE ESTREIA

6 de setembro de 1960 (Itália)

Rocco Parondi
(Alain Delon)

Simone Parondi
(Renato Salvatori)

Nadia
(Annie Girardot)

Rosaria Parondi
(Katina Paxinou)

O PROFETA

(Un prophète. França/Itália, 2009)

Direção: Jacques Audiard **Roteiro:** Thomas Bidegain e Jacques Audiard **Produção:** Lauranne Bourrachot, Martine Cassinelli e Marco Cherqui **Direção de Fotografia:** Stéphane Fontaine **Desenho de Produção:** Michel Barthélémy **Edição:** Juliette Welfling **Música:** Alexandre Desplat **Estúdio:** Why Not Productions, Chic Films, Page 114, France 2 Cinéma, BIM Distribuzione, Union Générale Cinématographique e Celluloid Dreams

12
milhões de euros é o orçamento estimado do filme

SINOPSE

Malik é um jovem de origem árabe que é mandado para a prisão por agressão a um policial. No presídio há uma divisão entre detentos árabes e outros que vêm da Córsega. Malik não consegue se envolver positivamente com nenhuma das facções, mas tenta sobreviver fazendo favores para os mafiosos.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Malik El Djebena Jovem de origem franco-árabe de 19 anos, passou maior parte de sua vida em reformatórios juvenis. Por sua primeira condenação como maior de idade, é mandado para o presídio Brécourt para cumprir pena de 6 anos.
César Luciani Criminoso experiente, é o líder dos detentos corsos. Sua facção tem acordo com os guardas e consegue dominar o presídio. Ele usa Malik para fazer pequenos serviços e continuar suas atividades ilícitas.
Reyeb Esse prisioneiro muçulmano oferece drogas para Malik em troca de favores sexuais. Mais tarde, Malik é coagido por Luciani para assassinar Rayeb.
Ryad Prisioneiro muçulmano que se torna amigo de Malik e o ajuda a concretizar seus planos.

CURIOSIDADES

■ Foi o candidato francês ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro na cerimônia do ano de 2010. ■ Niels Arestrup já havia trabalhado com o diretor Jaques Audiard em De Tanto Bater, Meu Coração Parou (2005) ■ O diretor Jaques Audiard estava mostrando um filme para prisioneiros e ficou chocado com as condições de vida deles, por isso decidiu fazer um filme com esse cenário ■ Ex-detentos foram contratados como consultores e figurantes para dar autenticidade ao filme. ■ Tahar Rahim conheceu o diretor enquanto dividiam um carro de um set de filmagem. ■ Em uma cena, prisioneiros assistem ao DVD de Com 007 só se Vive Duas Vezes (1967). ■ Com 150 minutos de duração, era o mais longo concorrente ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2010. ■ Os roteiristas cogitaram nomear o filme Para Servir Alguém. ■ Por ser impossível realizar as filmagens em uma prisão verdadeira, o cenário foi todo construído para o filme.

DATA DE ESTREIA

18 de junho de 2010 (Brasil)

Malik El Djebena
(Tahar Rahim)

César Luciani
(Niels Arestrup)

Reyeb
(Hichem Yacoubi)

Ryad
(Adel Bencherif)

"Você acha que dura muito tempo aqui sem proteção?"
César Luciani

AFINAL, PRA QUE SERVE UM ASTRO?

A ERA DO PODER DOS GRANDES ATORES TERMINOU? SET OLHA PARA 2010 E VÊ QUEM GANHOU E QUEM PERDEU NESSA GUERRA

Em seu livro *As Estrelas*, dedicado a analisar o significado de atores e atrizes de cinema para as plateias que os admiram, o sociólogo francês Edgar Morin usa como epígrafe uma frase do escritor britânico Bernard Shaw: "O selvagem adora ídolos de madeira e de pedra; o homem civilizado, ídolos de carne e de sangue". Para Morin, os astros da tela – "semidivindades, criaturas de sonho resultantes do espetáculo cinematográfico" – são "seres que têm as propriedades simultâneas do humano e do divino, análogas em certos aspectos aos herois mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto".

Basta passar por uma banca de revistas, navegar pela internet ou zapear a TV para confirmar que o fenômeno ao qual Morin se refere persiste hoje de maneira mais ampla do que em 1957, quando foi publicada a primeira edição do livro. Naquele momento, "o cinema já em crise se esforçava por se salvar, relançando as estrelas". Na constelação de semidivindades que disputa a atenção do público atualmente, personalidades de cinema dividem espaço com músicos, atores de TV, atletas e anônimos transformados em figuras públicas por reality shows, blogs, vídeos no YouTube ou qualquer evento que alcance a mídia. Crimes, por exemplo.

Esvaziou-se, dessa forma, a importância dos astros "originais", os de carisma construído na tela grande? Sem dúvida. Então, para o negócio cinema, eles já eram? De forma alguma. Parece mais adequado reconhecer que o culto a atores e atrizes continua a existir e ainda interfere na carreira de um filme, mas se transformou em algo menos determinante do que nos tempos em que o *star system* era o braço mais frondoso do *studio system*. No auge de Hollywood, quando o cinema reinava sozinho no cenário da diversão de massas, era dominante o conceito de que filmes deveriam ser produzidos de acordo com linha de montagem, formada por profissionais especializados nas mais diversas funções, e de que os atores e atrizes eram suas principais "iscas de venda".

Uma vez identificado com os nomes de sua preferência, o espectador os acompanhava com a fidelidade de um devoto. De acordo com esse raciocínio, o caminho para um sucesso de bilheteria passava quase sempre por um ou mais astros no elenco. A crença nessa regra durou até os anos 90 e início dos anos 2000, quando os cachês atingiram cifras recordes. Veio o refluxo, no entanto, com uma redução drástica na parte do orçamento consumida pelo elenco – situação amenizada por cláusulas de participação nas receitas ou mesmo por acordos de co-produção.

Faz sentido que a indústria tenha agora um pé atrás em relação ao poder dos astros em ancorar um sucesso global. Na lista das quinze maiores bilheterias dos últimos quize anos, não há nenhum caso flagrante de star system. Embora Leonardo DiCaprio e Kate Winslet tenham evidentemente contribuído para o êxito de *Titanic*, bem como Johnny Depp para o de *Alice no País das Maravilhas* e da franquia *Piratas do Caribe*, as multidões foram arrastadas para as salas por outros motivos. *Avatar* é o símbolo mais límpido de que os astros não são mas tão determinantes como no passado.

Em defesa dos astros, contudo, é preciso dizer que eles ainda podem fazer diferença (quanto *Avatar* teria arrecadado se o protagonista fosse interpretado por DiCaprio ou Brad Pitt?), sobretudo no âmbito de filmes sem a aspiração de gerar megabilheterias. Afinal, na era das celebridades, eles têm ainda imensa força para cavar espaço gratuito na mídia, para vender e alugar filmes em DVD e Blu-Ray, para puxar audiência na TV paga e aberta, para despertar polêmicas em redes sociais. Sim, há muitos "ídolos de carne e de sangue" na praça, mas os de cinema continuam a ter pedigree mitológico.

DIVULGAÇÃO

O CAMPO DOS SONHOS

O sucesso de *Ilha do Medo* e *A Origem* reafirma o astro de *Titanic* como um chamariz nas bilheterias e um ator preocupado com suas escolhas e sua carreira

Foi Leonardo DiCaprio que gritou, em plenos pulmões, que era o "Rei do Mundo" em uma das cenas imortalizadas em *Titanic*. Embora as palavras pudessem ter saído da boca do diretor James Cameron (que de fato o fez quando recebeu o Oscar pelo filme), o ator conquistou um superestrelato até então inesperado. Protagonista de sucessos modestos, DiCaprio então se viu no olho do furacão – o qual ele tem enfrentado com serenidade, sem afobação, culminando em 2010 com o que é, até o momento, o melhor ano de sua carreira.

Não que, até protagonizar o (então) maior sucesso de bilheteria da história, DiCaprio fosse um desconhecido. Já carregava na bagagem filmes que se tornaram cult (*Diário de Um Adolescente*, *Eclipse de Uma Paixão*) e uma indicação ao Oscar, de melhor ator coadjuvante por *Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador*. Assim, o sucesso chegou a um ator que, apesar da pouca idade, tinha experiência e os pés no chão. O que aconteceu em sua carreira pós-*Titanic* foi um leque de escolhas com bons diretores e filmes que sempre fugiram do óbvio – o péssimo *O Homem da Máscara de Ferro* não conta, já estava pronto quando *Titanic* estreou... Todo mundo precisa de uma vergonha, certo?

Através do espelho: Cobb (DiCaprio) e Ariadne (Ellen Page) no mundo dos sonhos de *A Origem*

FOTOS DIVULGAÇÃO

VALE QUANTO PESA

QUEM SÃO OS ATORES QUE VALEM MAIS, DÓLAR A DÓLAR, NA CONTABILIDADE DOS ESTÚDIOS?

Salários milionários. Um oceano de regalias. Poder de decisão inquestionável. Atributos de uma era remota (na verdade, menos de uma década atrás), em que astros do primeiro time pediam – e recebiam – entre 20 e 25 milhões de dólares por filme. Os estúdios, certos de uma performance brilhante de seu "produto", abria os cofres, esperando um fluxo generoso de volta. Ah, bons tempos...

No mundo pós-crise, estúdios e astros fazem sua contabilidade na ponta do lápis para chegar a um acordo que seja vantajoso para ambas as partes – o risco, em muitos casos, é abraçado por todos. A revista *Forbes*, por outro lado, decidou fazer um outro tipo de conta. Baseado nas bilheterias de sucessos recentes e na carreira de 36 dos atores mais caros na indústria, chegaram a um cálculo correto de quem são, de fato, os nomes que mais colocaram pessoas nas poltronas – e quem seriam os investimentos mais seguros neste negócio tão instável quanto a arte de fazer filmes. Em seu cálculo, eles desenharam quando o estúdio recebe por cada dólar investido em seus atores (o valor está entre parênteses). O resultado dá um panorama diferente de quem realmente detém o poder em Hollywood – contanto, claro, que ninguém conte a eles...

1 SHIA LaBEOUF (81 dólares)

Para *Transformers* (2007), Shia recebeu 5 milhões de dólares – o aumento que recebeu para *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* (2008) e *Transformers – A Vingança dos Derrotados* (2009) ainda não lhe colocou no patamar dos 20 milhões por trabalho. Ainda assim, ambos os filmes foram sucessos arrebatadores, o que o coloca no topo da lista.

2 ANNE HATHAWAY (64 dólares)

Como as mulheres ainda ganham menos que os homens em Hollywood, foi fácil para Anne, que ganhou pontos por *O Diabo Veste Prada*, *Noivas em Guerra* e, principalmente, *Alice no País das Maravilhas*, chegar tão alto na lista.

3 DANIEL RADCLIFFE (61 dólares)

Duas palavras: *Harry Potter*. Daniel não ganha pouco com a série, mas seu salário é uma brisa comparado aos quase 6 bilhões de dólares que a série já rendeu.

4 ROBERT DOWNEY JR. (33 dólares)

Por causa de seu passado sexo, drogas e rock and roll, o salário de Downey Jr. ainda não está no patamar de colegas como Tom Cruise ou Will Smith. Mas duas franquias – *Homem de Ferro* e *Sherlock Holmes* – o mantém rentável e bem na lista.

5 CATE BLANCHETT (27 dólares)

Ela é o segundo nome em filmes como *O Curioso Caso de Benjamin Button* e *Robin Hood* (que foram sucessos mundiais), mas como ganha menos que seus parceiros Brad Pitt e Russell Crowe, ganha lugar na lista.

Jogo da verdade: DiCaprio é observado por Mark Ruffalo em *Ilha do Medo*

COMERCIALMENTE VIÁVEL

O que Leonardo DiCaprio se tornou depois de *Titanic* foi o sonho de qualquer diretor: um ator de verdade, sem medo de arriscar e disposto a evoluir em seu ofício, ao mesmo tempo em que seu nome no cartaz era garantia de que o filme ao menos seria notado. Foi na ressaca de *Titanic* que ele fez *A Praia*, de Danny Boyle, uma aventura paradisíaca que assumia sua violência e mostrava as maçãs podres em uma comunidade superficialmente perfeita. Embora *A Praia* não fosse perfeito, lá estava DiCaprio dando o máximo, aproveitando a fama ao mesmo tempo que não perdia o foco de seu trabalho. Se os quase 150 milhões arrecadados no mundo todo pareceram um fracasso (e não foi), o motivo ainda era a injusta comparação com *Titanic*. Mas logo o ator ia firmar uma parceria que mudaria sua carreira completamente.

Muita gente torceu o nariz quando Martin Scorsese escolheu DiCaprio para protagonizar o épico *Gangues de Nova York*, ao lado de Daniel Day Lewis e Cameron Diaz. A verdade é que boa parte dos críticos não se conforma com o fato de ele ser um ótimo ator, ao mesmo tempo que é comercialmente viável. Scorsese viu algo em Leo, a capacidade de moldar-se a qualquer personagem sem perder seu brilho próprio. O resultado foram mais três filmes que se mostram acima da média: *O Aviador*, *Os Infiltrados* e *Ilha do Medo*. Além de Scorsese, DiCaprio escolheu a dedo seus diretores desde então, trabalhando com Steven Spielberg (*Prenda-me Se For Capaz*), Edward Zwick (*Diamante de Sangue*), Ridley Scott (*Rede de Mentiras*) e Sam Mendes (*Foi Apenas Um Sonho*). Uma carreira sem fracassos. Mas o melhor ainda estava por vir.

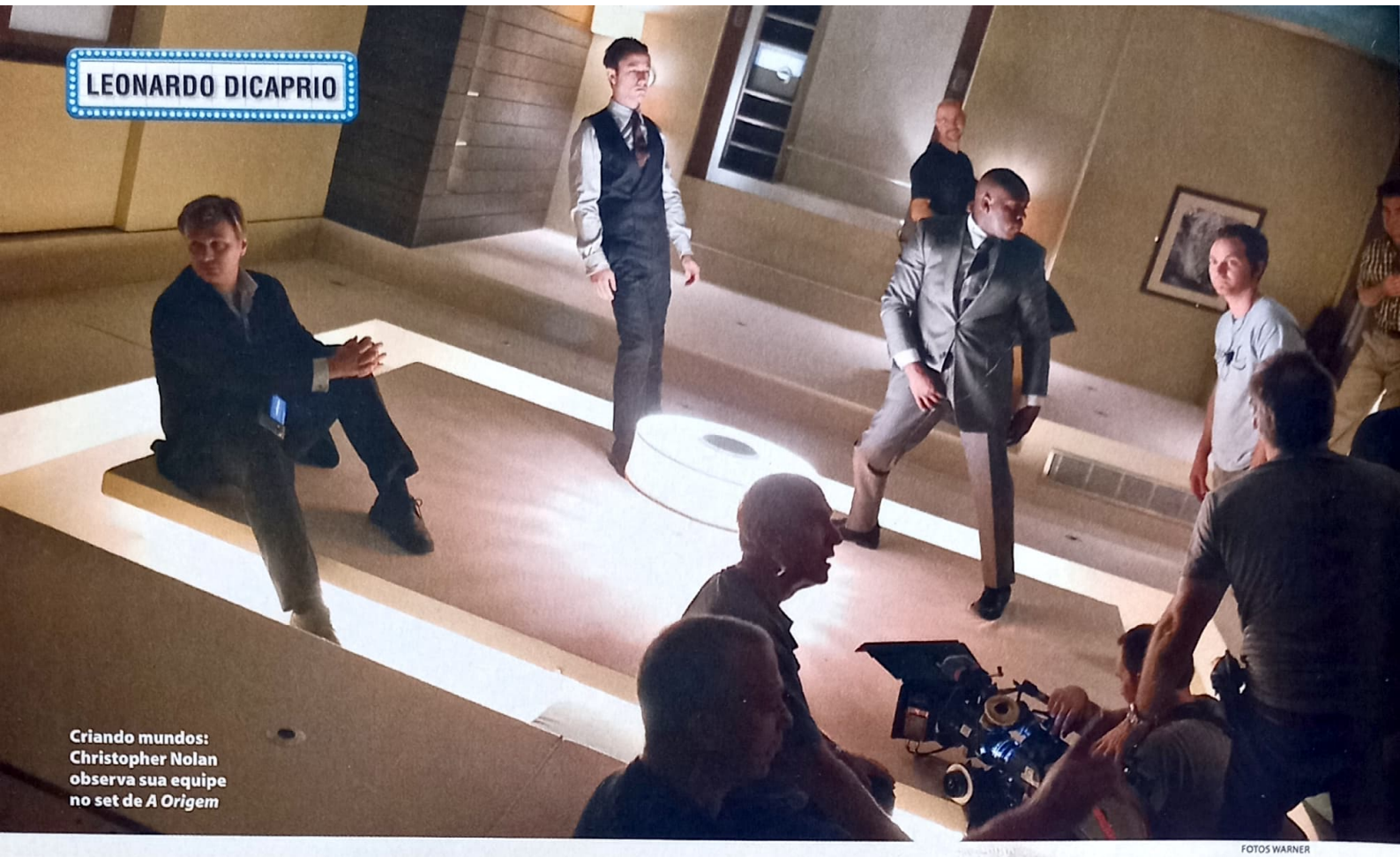
CHUVA DE MILHÕES

Depois de *Batman – O Cavaleiro das Trevas* render mais de 1 bilhão de dólares para a Warner, o diretor Christopher Nolan ganhou as chaves do estúdio para fazer o que bem entendesse. E Nolan tinha idéia, que datava da época que migrou do cinema independente para o esquema dos estúdios com *Insônia*, mas cuja gênese já se fazia aparente em seu primeiro filme, o intrigante *Following*. Na produção totalmente independente (rodada em finais de semana com os amigos), Nolan mostrou Bill (ou "o jovem"), um escritor que seguia pessoas em busca de matéria para seu próximo trabalho – mas vê a sua própria num ponto de virada ao seguir um ladrão, Cobb. A realidade em sua mente e as conseqüências de seus atos no mundo real culmina numa certa falta de ar, uma surpresa que Nolan gosta de pincelar em seus filmes.

DICAPRIO EM NÚMEROS

*ainda em cartaz

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
TITANIC	1997	600,788,188	1,843,201,268
A ORIGEM	2010	291,130,914	819,230,914*
PRENDA-ME SE FOR CAPAZ	2002	164,615,351	352,114,312
OS INFILTRADOS	2006	132,384,31	289,847,354
ILHA DO MEDO	2010	128,012,934	294,803,014



Criando mundos: Christopher Nolan observa sua equipe no set de *A Origem*

FOTOS WARNER

"Eu me perguntei o que aconteceria se a gente fosse mais fundo no estudo das barreiras do que é real e do que acontece em nossa mente", conta Nolan, anos depois e já com o mundo a seus pés. "Mais do que isso, eu queria tornar o mundo dos sonhos real, palpável e que pudesse interagir com quem o habitasse." Na prática, o diretor criou *A Origem*, um thriller em que pessoas transitam em sonhos alheios, roubando segredos e plantando idéias. Para personificar alguém capaz de dar credibilidade a um conceito tão bizarro, um ladrão em sonhos não por acaso chamado Cobb, ele buscou Leonardo DiCaprio.

"Fiquei intrigado pelo conceito", revela o astro, semanas antes da estréia do filme. "Acho saudável que alguém como Chris (*Nolan*) consiga produzir uma idéia original nos dias de hoje, a indústria está em um momento esquisito. Talvez o público também queira algo para chacoalhar suas idéias." Para refrescar a memória, *A Origem* acompanha Cobb, ladrão especializado em roubar segredos de grandes empresários, criando um ambiente de sonho e os atraindo para lá durante o sono – com as defesas do subsconsciente em baixa, seria mais fácil obter as informações desejadas. Cobb e seu braço-direito, Arthur (Joseph Gordon Levitt) recebem uma proposta inusitava: em vez de roubar, eles precisam plantar uma idéia na mente do herdeiro de um império – seu rival, Saito (Ken Watanabe), quer quebrar o monopólio. Para isso, Cobb e Arthur tem de juntar uma equipe e arquitetar, em várias camadas de sonho, o golpe perfeito para plantar a idéia no alvo – isso se Cobb conseguir combater seu próprio subconsciente, assombrado por Mal (Marion Cotillard), sua mulher que, bem, está morta. Ufa!

QUEM MANDA! AS 15 MAIORES BILHETERIAS DOS ÚLTIMOS 15 ANOS

* bilheterias mundiais ** ainda em cartaz Fonte: Box Office Mojo

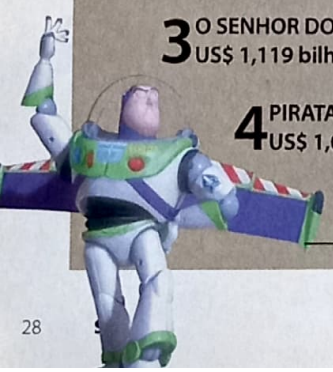
1 AVATAR (2009)
US$ 2,761 bilhões **

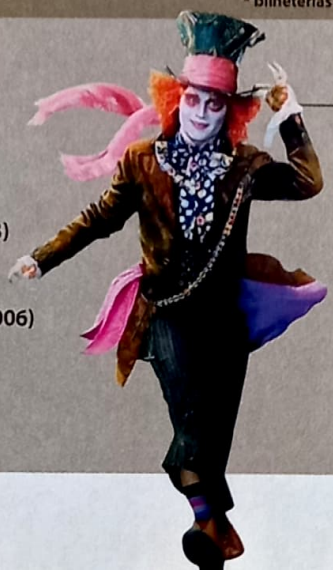
2 TITANIC (1997)
US$ 1,843 bilhão

3 O SENHOR DOS ANÉIS – O RETORNO DO REI (2003)
US$ 1,119 bilhão

4 PIRATAS DO CARIBE: O BAÚ DA MORTE (2006)
US$ 1,066 bilhão

5 TOY STORY 3 (2010)
US$ 1.031 bilhão **





6 ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (2010)
US$ 1,024 bilhão

7 BATMAN – O CAVALEIRO DAS TREVAS (2008
US$ 1,002 bilhão

8 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL (2001)
US$ 974 milhões

9 PIRATAS DO CARIBE: NO FIM DO MUNDO (2007)
US$ 962 milhões

10 HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX (2007)
US$ 938 milhões

PERSONAGENS E PRODUTOS

Se o propósito era fazer com que a platéia coçasse a cabeça e "chacoalhasse as idéias", como DiCaprio colocou, *A Origem* não poderia ter sido mais feliz. Afinal, nada é mais difícil do que encontrar a equação correta para criar um filme que se torne bem sucedido, mas aparentemente Nolan sabe transformar ferro em ouro: até o momento, *A Origem* faturou cerca de 810 milhões de dólares em todo o mundo – segunda maior bilheteria na carreira do ator e terceira maior do ano até agora, antes do novo *Harry Potter* chegar aos cinemas, e atrás somente de *Toy Story 3* e *Alice no País das Maravilhas*.

O ponto em que Leonardo DiCaprio, Christopher Nolan e *A Origem* se encontram é um marco para o cinema moderno, e talvez o modo como os estúdios devessem guiar seus negócios. É a combinação de um astro (que também é um ator de verdade) com um diretor verdadeiramente visionário, que lida com a mesma garra com o sistema da indústria (adaptações de livros e de quadrinhos, mantendo a equação marketing + reconhecimento de marca que o cinema de hoje adora) e com sua visão. Autores que não tem medo de se entregar às necessidades do mercado, que deixam o ego na porta no momento de se proclamar "gênios" e cuja maior preocupação é contar uma boa história.

É aí também que a carreira de Nolan, sempre pautada pelas boas escolhas, espelha a de DiCaprio. O sucesso de *A Origem* pode até parecer uma aberração, mas a resposta positiva do público indica que existe espaço para ousadia, até mesmo num mundo em que astros, dos dois lados da câmera, parecem empalidecer ante personagens e produtos. Os estúdios estão prestando atenção. A Warner entregou a série *Superman* para Chris Nolan, que por sua vez escolheu Zack Snyder como diretor – ele tem personalidade e apuro visual, talvez mais do que necessário para a franquia decolar novamente. Já a Fox praticamente fechou com Darren Aronofsky (*Requiem Para um Sonho*, *O Lutador*) para ele comandar *Wolverine 2*, ao lado de seu astro de *Fonte da Vida*, Hugh Jackman. Depois de *A Origem*, Leonardo DiCaprio até pode bradar mais uma vez que é o "Rei do Mundo". Mas ele não está sozinho. ROBERTO SADOVSKI

11 HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE (2009)
US$ 934 milhões

12 O SENHOR DOS ANÉIS – AS DUAS TORRES (2002)
US$ 925 milhões

13 STAR WARS – EPISÓDIO 1: A AMEAÇA FANTASMA (1999)
US$ 924 milhões

14 SHREK 2 (2004)
US$ 920 milhões

15 HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO (2009)
US$ 896 milhões

O FUTURO DOS SONHADORES

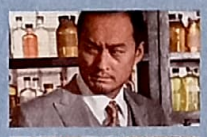
O QUE O MUNDO RESERVA PARA OS PROTAGONISTAS DE *A ORIGEM*

Leonardo DiCaprio (Cobb, o extrator) prepara-se para filmar *Hoover*, sobre o todo-poderoso diretor do FBI, sob a batuta de Clint Eastwood. Ele também flerta com uma nova adaptação do clássico *O Grande Gatsby*, a ser dirigida por Baz Luhrman.

Joseph Gordon-Levitt (Arthur, o armador) tem três projetos na manga (*Live With It*, com Seth Rogen, a aventura *Premium Rush*, de David Koepp, e *Looper*, ficção científica com Bruce Willis) e pode estar no novo *Batman* de Chris Nolan.

Ellen Page (Ariadne, a arquiteta) terminou a aventura cômica *Super*, com Rainn Wilson e Liv Tyler, e rodou *Tilda* para a TV americana.

Tom Hardy (Eames, o falsificador) tem o drama *Warrior* na agulha, e está filmando a comédia de ação *This Means War*, ao lado de Chris Pine sob a direção de McG, e se prepara para começar *Tinker, Tailor, Soldier, Spy*, thriller do mesmo diretor de *Deixa Ela Entrar*. Ah, e ele está confirmado no novo *Batman*!

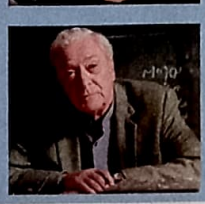


Ken Watanabe (Saito, o turista) completou um filme para a TV japonesa e está gozando merecidas férias.

Dileep Rao (Yusuf, o químico) pode aparecer nos próximos *Avatar* (no primeiro ele foi o Dr. Max Patel) assim que James Cameron decidir o que quer fazer da vida.

Cillian Murphy (Robert Fisher, o alvo) finalizou a dramédia *Hippie Hippie Shake*, de Beeban Kidron (que andava sumida desde *Bridget Jones – No Limite da Razão*) e está trabalhando no thriller *Retreat*, com Thandie Newton. Ele deve dar as caras em *I'm.Mortal*, ficção científica do diretor Andrew Niccol

Marion Cotillard (Mal, o ponto cego) rodou *Les Petits Mouchoirs* na França, terminou *Midnight in Paris* sob a batuta de Woody Allen e prepara-se para *Contagion*, ficção científica de Steven Soderbergh, com Matt Damon, Gwyneth Paltrow, Kate Winslet e Jude Law.



Michael Caine (Miles, o professor) vai filmar a fantasia juvenil *Journey 2: The Mysterious Island*, continuação de *Viagem ao Centro da Terra 3D*, ao lado de Josh Hutcherson e Dwayne Johnson. Ah, e Alfred volta no terceiro *Batman*. Claro.

ANGELINA JOLIE

DIVA MODERNA

Equilibrando projetos de mais prestígio com o ocasional blockbuster hollywoodiano, a atriz de *Salt* se firma como a maior estrela do cinema atual

Mãos ao alto!: Angelina Jolie garantiu o sucesso do thriller *Salt*

FOTOS SONY

Grandes divas do passado eram reconhecidas apenas pelo uso de seus primeiros nomes, como Greta (Garbo), Bette (Davis) e Marilyn (Monroe). Da mesma forma, guardadas as devidas proporções cinematográficas, só há uma Angelina no atual firmamento das celebridades. A bem-sucedida condução de sua carreira – e, por que não, também dos eventos pessoais que ajudaram a torná-la uma das figuras mais carimbadas do século 21 – exemplifica os cuidados que astros precisam tomar, ao lado de seus agentes e de pessoas do círculo íntimo, para gerenciar os próprios rumos profissionais em época na qual todos são "frilas" (no ápice do star system, os estúdios cuidavam disso) e dá muito mais trabalho manter-se na vitrine da mídia com um registro positivo.

Jolie ainda era casada com o ator Billy Bob Thornton – de quem viria a se divorciar em 2003, já como a parte mais célebre do casal – quando, por um cachê de 7 milhões de dólares, promoveu um salto na carreira ao encarnar a heroína de games Lara Croft na primeira aventura da franquia no cinema, *Tomb Raider* (2001), que arrecadou 274,7 milhões em todo o mundo. O fiasco do longa seguinte da série – *A Origem da Vida* (2003), que fez "apenas" 90,8 milhões – interrompeu a trajetória de Lara Croft no cinema, ao menos por enquanto, mas não inibiu a presença de Jolie em superproduções de ação bem-sucedidas nas bilheterias

AMOR EM CENA

Em *Sr. & Sra. Smith* (2005), que arrecadou mais de 400 milhões de dólares (e um pouco mais fora do que nos EUA, apontando para o perfil internacional de Jolie), deu-se o encontro midiático com Brad Pitt, que tanto bem fez à imagem pública e à carreira de ambos. Embora os rumores sobre o romance entre eles começassem a circular ainda durante as filmagens, quando Pitt era casado com Jennifer Aniston, Jolie negou qualquer envolvimento com o ator naquele momento. É razoável supor que a superexposição da dupla, inclusive na mídia de fofocas e intrigas, atraiu espectadores aos cinemas e, posteriormente, ajudou *Sr. & Sra. Smith* a fazer também boa carreira em vídeo doméstico e na TV.

O marido igualmente famoso não a ajudou a fazer de *O Procurado* (2008) outro sucesso internacional – Jolie era a estrela solitária do elenco, secundada por James McAvoy e Morgan Freeman. Mas o primeiro filme em inglês dirigido pelo russo-cazaque Timur Bekmambetov (de *Guardiões da Noite* e *Guardiões do Dia*) era uma adaptação de quadrinhos, e sua dívida em relação à presença de Jolie é difícil de ser estimada. De qualquer forma, ela estava lá, assim como lidera também o elenco do suspense de ação *Salt*, em que interpreta uma agente da CIA. Se alguém ali for capaz de contribuir por meio da lógica do star system para o êxito do filme, terá sido Jolie, e não Liev Schreiber, Chiwetel

Ejiofor ou Daniel Olbrychski. Não foi surpresa que, em meio a uma temporada de verão anêmica nos Estados Unidos, *Salt* tivesse uma carreira sólida, que já engrena rumores de uma continuação.

FATOR JOLIE

Em paralelo a essas superproduções que fazem dinheiro mas não agregam muito prestígio à carreira de ninguém, Angelina teve a sabedoria nos últimos anos de escolher papeis em dramas que consolidaram sua imagem como atriz e lhe valeram prêmios. Essa mistura – um sucesso de bilheteria aqui, um êxito de estima ali – pode até parecer fácil na teoria, mas traz dificuldades a todos os que não dispõem de bola de cristal para assegurar que um projeto vingará. O segredo é estar no lugar certo na hora certa, disponível para aceitar convites (e disputar papéis com outras atrizes também interessadas) acompanhados de bons indicadores – o prestígio e a forma do diretor, a natureza da personagem a interpretar, a "química" com os colegas de elenco.

A Troca (2008), por exemplo, trazia alguns desses elementos: um diretor acima de qualquer suspeita e admirado pela crítica (Clint Eastwood), um argumento centrado no drama de uma mãe em busca de seu filho – potencialmente favorável com o público feminino. Resultado: além de valer a Jolie indicações ao Oscar, ao prêmio do Sindicato dos Atores e ao Bafta, mais uma passagem pela mostra competitiva do Festival de Cannes, o filme arrecadou 113 milhões de dólares (com a bilheteria internacional correspondendo ao dobro da norte-americana). Aqui, mais do que em *O Procurado*, é razoável considerar que o "fator Jolie" foi determinante para o êxito comercial.

No ano anterior, *O Preço da Coragem* já havia demonstrado como a atriz era capaz de ampliar o foco direcionado a uma produção independente (ainda que co-produzida por Pitt). Mais uma vez, deu-se a combinação que interessava a todas as partes. Com Jolie no papel principal, o filme – dirigido pelo eclético mas "sem-bilheteria" Michael Winterbottom, de *A Festa Nunca Termina*, *Neste Mundo* e *Nove Canções* – circulou na mídia com intensidade muito maior do que se uma não-estrela o protagonizasse. E, no papel da jornalista Mariane Pearl, cujo marido (o também jornalista Daniel Pearl) foi sequestrado e morto no Paquistão enquanto ela estava grávida, Jolie obteve as inevitáveis indicações – na falta do Oscar, o Globo de Ouro, o prêmio do sindicato e de diversas associações de críticos – e mais alguns pontos na escala de atriz dramática.

ANGELINA TEVE A SABEDORIA DE ESCOLHER PAPEIS QUE A CONSOLIDARAM COMO BOA ATRIZ

Estrela em três momentos: *Sr. & Sra. Smith*, *O Procurado* e *Salt*

FIQUE DE OLHO... EM QUEM?

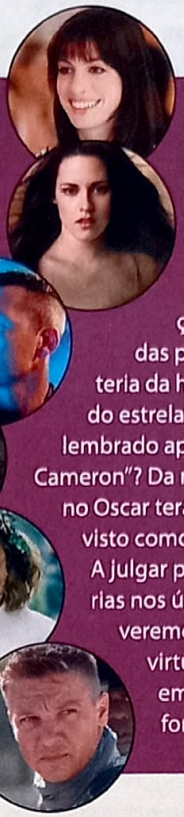
ENTRE FRANQUIAS, TALENTOS E PROMESSAS, O FUTURO DA CRIATURA "ASTRO DE CINEMA" TRANSFORMA-SE EM UMA INCÓGNITA

Os astros de cinema podem ter hoje características distintas daquelas que reinavam no passado, mas continuam por aí e, tudo indica, continuarão enquanto houver cinema tal como o conhecemos. Palpites para o futuro? A relação de sucessos de bilheteria dos últimos anos protagonizados por atores jovens aponta para algumas potenciais candidaturas. A franquia *Crepúsculo*, por exemplo, emplacará alguém no firmamento adulto (Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner?) como ocorreu com alguns dos jovens de *Vidas sem Rumo* e *O Selvagem da Motocicleta* nos anos 80?

Entre as moças um pouco mais velhas, já se aproximando dos 30, Anne Hathaway e Emily Blunt passaram pela "escola Meryl Streep" em *O Diabo Veste Prada* (2006) e talvez sejam fortes candidatas a brilhar em Hollywood na próxima década. Bryce Dallas Howard parecia mais promissora como estrela quando despontou em *A Vila* (2003), mas a experiência nas franquias *Homem Aranha* e *O Exterminador do Futuro* não lhe deu empurrão significativo. Vai saber, no entanto, se a entrada em *Crepúsculo* não ajudará?

Já entre os atores, uma incógnita chama a atenção porque talvez demonstre as novas coordenadas para o surgimento de astros: *Avatar*, a maior bilheteria da história, será capaz de estender o tapete vermelho do estrelato para Sam Worthington ou, no futuro, ele será lembrado apenas como "aquele ator que fez o filme do James Cameron"? Da mesma forma, o triunfo de *Guerra ao Terror* (2009) no Oscar terá o efeito de senha para que Jeremy Renner seja visto como um astro potencial?

A julgar pelo caminho percorrido pelas grandes bilheterias nos últimos anos, um bom palpite é o de supor que veremos em breve o surgimento do primeiro astro virtual – ou a fantasia do personagem de Al Pacino em *S1m0ne - Nasce uma Superestrela* (2002) ser transformada finalmente em realidade.



FORA DA RIBALTA

E o que essa bem-sucedida gerente da própria carreira está pensando em fazer daqui para a frente? Aposentar-se. Cedo para quem completou 35 anos em junho, mas não para quem diz querer dar "a atenção que cada um de seus filhos merece" agora que estão crescendo, segundo afirmou à revista *Vanity Fair*, da qual foi capa em agosto. "O trabalho não é a coisa mais importante na minha vida. Atuar me ajudou a amadurecer. Ajudou a me conhecer melhor, a viajar, a entender a vida, a me expressar, todas essas coisas maravilhosas. Sou muito, muito agradecida, é um trabalho divertido. É um luxo. Mas não penso que farei isso por muito mais tempo. Eu tenho uma casa muito feliz."

FOTOS DIVULGAÇÃO

Antes que Angelina siga os passos de Greta e retire-se precocemente da ribalta, um novo filme com Pitt está na pauta. "Eu adoraria, nós já conversamos sobre isso", disse ela à *Vanity Fair*. "Precisamos resolver quem tomará conta das crianças, mas se trata apenas de encontrar a coisa certa, porque estamos procurando." Uma continuação para *Sr. e Sra. Smith*, talvez? "Algumas pessoas já tentaram. Pedimos a alguém que buscasse no filme algo para a sequência, mas não veio nada original." E, como ela já provou, não basta tilintar a caixa registradora: precisa também falar ao cérebro e ao coração. SÉRGIO RIZZO

ANGELINA EM NÚMEROS

*ainda em cartaz

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
SR. & SRA. SMITH	2005	186,336,279	478,207,520
O PROCURADO	2008	134,508,551	341,433,252
LARA CROFT: TOMB RAIDER	2001	131,168,070	274,703,340
SALT	2010	118,311,368	291,589,857*
60 SEGUNDOS	2000	101,648,571	237,202,299

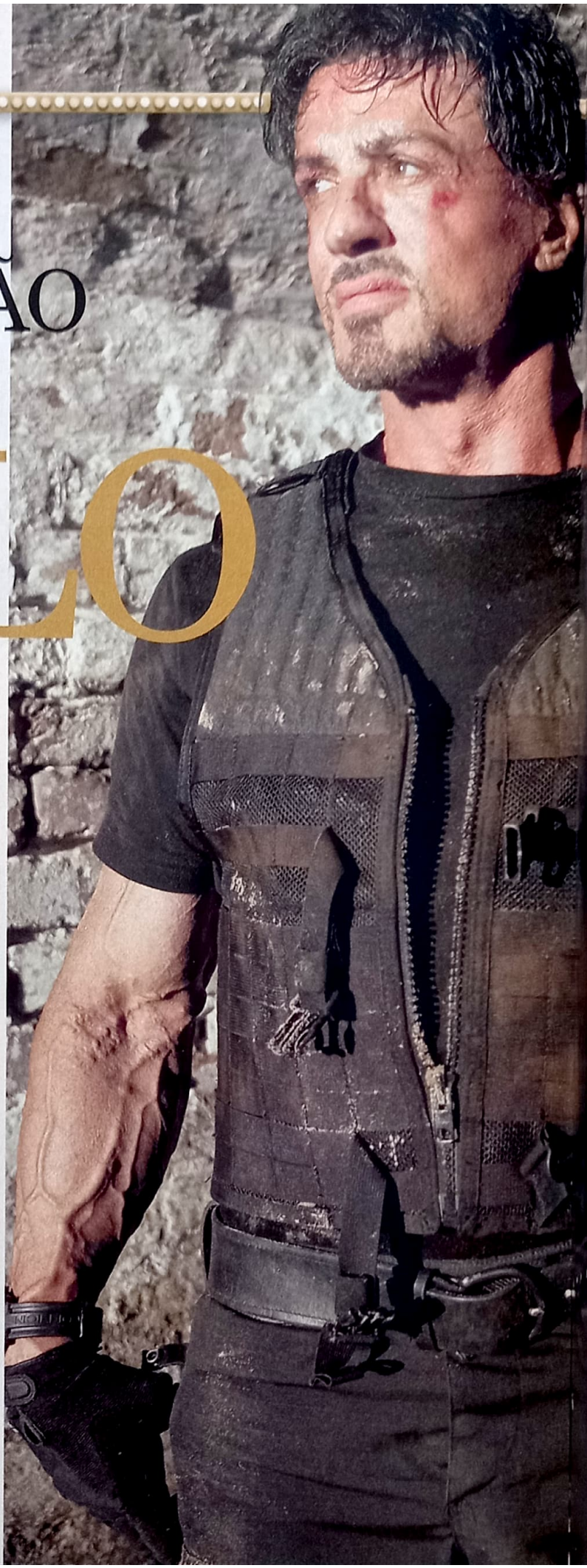
SYLVESTER STALLONE

A REINVENÇÃO DE UM ÍDOLO

O astro de *Rocky* e *Rambo* fala como foi buscar nos anos 80 a inspiração para sua volta ao estrelato, *Os Mercenários*

Sylvester Stallone está de volta. Pode parecer um caso sério de anacronismo, mas o ator, aos 64 anos, volta a protagonizar não só um sucesso de bilheteria, mas um filme que conseguiu deixar sua marca na mente do "consumidor", que pela primeira vez em anos (décadas?) saiu do cinema pedindo mais do ator/roteirista/diretor. Não que *Os Mercenários* seja uma obra-prima, mas sua combinação de testosterona, bom humor e carisma dos envolvidos – mais a promessa da reunião dos sujeitos mais casca-grossa do cinema de ontem e de hoje – foi a idéia genial que Sly precisava para experimentar mais uma vez o gostinho da fama.

Não que ele algum dia tenha deixado de ser famoso! Mas seu flerte com as grandes bilheterias foi abreviado lá atrás, nos anos 80, quando *Rocky IV* e *Rambo II – A Missão* não só fizeram dele o maior astro do mundo como também espelharam, de forma estranha mas fiel, o que os Estados Unidos da Era Reagan representaram. Depois, Stallone parece que só buscou o tempo perdido. Não que ele não tenha participado de filmes muito bacanas – como *Risco Total*, *O Demolidor* (ambos de 1993) e *Cop Land* (1997). Mas eram fagulhas entre desastres, como suas tentativas de ser comediante (*Minha Filha Quer Casar*, originalmente escrito para Danny De Vito, e *Pare! Senão Mamãe Atira* arranharam o fundo do poço) e seus filmes de ação "sérios", desprovidos de um humor típico da personalidade do astro – entre esses, *Condenação Brutal*, *O Especialista*, *Assassinos* e *Daylight*. Stallone, praticamente por duas décadas, virou piada.



FOTOS CALIFORNIA

Último grande herói: Stallone em *Os Mercenários*

A maré começou a mudar quando Robert Rodriguez o escalou para ser o vilão de *Pequenos Espiões 3D* – era oficial: Sly era cool de novo. Mas era pouco. A ressurreição de seu personagem mais famoso com *Rocky Balboa*, que prometia uma nova queda, mostrou-se um filme sensível e antenado com a platéia. Se *Rambo 4* foi um flerte "sério" com a ultraviolência, *Os Mercenários* é o resultado de um equilíbrio perfeito do cinema-truculência que fez sua fama nos anos 80. E é sobre essa volta que o astro fala a seguir.

Sem rodeios: você está feliz com o produto final?

Muito, muito feliz! Eu acho que, no gênero da ação, *Os Mercenários* é uma cria incomum por ter um elenco enorme. Geralmente, filmes de ação são construídos em torno de um único sujeito. Este é um espetáculo de oito caras e tem muita emoção.

De onde você acha que surgiu a idéia?

Eu sugeri que se tivermos um grande elenco em que cada um é especialista em uma área distinta traz um certo peso. Não é sobre um grupo de farsantes ou sujeitos que querem ser astros. Cada um dos atores já teve seus filmes, sua carreira. São personalidades distintas que precisam funcionar. Jason (*Statham*) mostra um lado emocional e também senso de humor – ele tem um sorriso incrível. E também temos muito humor de Jet Li – o que é inesperado. Mas quando ele faz o que se espera de Jet Li, é bom prestar atenção!

Eu achei mesmo que *Os Mercenários* é um filme divertido. Dolph Lundgren, por exemplo, traz muito desse alívio cômico.

Com certeza. Seu humor pertence a um lado mais sombrio. Ele é um sujeito intrigante para se trabalhar. Dolph tente a ser pensativo, taciturno, então é gratificante ver como ele sorri e sai de sua zona de conforto. Quando testamos o filme seu personagem teve as melhores avaliações.

Como você consegui esse elenco?

Bom, Jason foi o primeiro em quem eu pensei. Então eu pensei, hmmm, por que não ir na direção oposta e apostar em Jet Li? De repente a coisa ficou internacional. Eu percebi que queria ter um nêmesis ali, mas não queria um desconhecido ou alguém com pouco peso. Primeiro eu chamei Jean Claude Van Damme, depois Steven Seagal e todos esses caras de filmes de ação. Mas eles tinham outros planos. Então eu deixei essa parte para depois. O mundo está mudando, a mídia se consolidando e foi por isso que busquei Randy Couture, que em seu universo é como um mercenário, um homem de ação. Steve Austin mostrava uma certa ameaça física mas também tinha um pouco de experiência com o cinema. Depois eu pensei.... uau, Dolph Lundgren? Será que vou me atrever? Ele nem tinha passado por minha cabeça.

Jornada dupla: Stallone dirige *Os Mercenários* no Rio de Janeiro

FOTOS CALIFORNIA, FOX

Por que não? Porque vocês trabalharam juntos antes?

Bom, foi a primeira vez que eu trabalhei com todos os outros. Com Dolph, eu pensei no peso que ele trazia. Ele é Drago! Eu não sabia se conseguiria me livrar dessa bagagem, mas depois eu pensei, que diabos, e o trouxe a bordo. Ele é como um monstro! Quando ele entrou em cena, Eric Roberts disse que não se sentia confortável conversando com um gigante segurando um rifle. Ele é ótimo!

Por falar em pessoas que estão voltando, você também trouxe Mickey Rourke.

O papel de Mickey era bem complicado porque ele estava rodando *Homem de Ferro 2*. Ele tinha de ir e voltar o tempo todo. E seu personagem carregava muita responsabilidade, porque ele começa como esse sujeito curtido que manda o mundo para o inferno, que se diverte, e só depois que a gente vê quem ele é. Quando ele fala sobre o momento em que sua alma pegou o caminho errado. Ele muda o filme, e eu precisava deste coringa para marcar o momento em que mercenários não estão mais fazendo um trabalho por causa de dinheiro. Tem uma frase no começo do filme que resume isso, "um presente não é um presente se você o vender, um presente tem de ser de graça". No fim das contas, um presente é dado – que lhes devolve a vida, sua própria alma. É o que acontece a todos. E é Mickey quem dá o pontapé inicial.

É empolgante para você chamar pessoas como Dolph Lundgren e talvez Mickey Rourke e dar uma segunda vida à suas carreiras?

Olha, eu caminho por essa estrada da vida e percebo o quando é difícil encontrar essas pessoas únicas que resistem ao teste do tempo. Cada um deles, quando entra numa sala, a temperatura muda. Eles são diferentes. Às vezes suas estrelas caem, mas o simples fato de você ser um astro prova que a luz sempre esteve lá. E sempre pode ser acesa de novo. De verdade. E nós temos visto uma bela quantidade de retornos ultimamente. Todo mundo diz, "eu não acredito que ele ainda tem fôlego". Bom, eu acredito! Se um colega tem essa qualidade, é um astro, e tem o veículo certo, ele volta mesmo. Simples assim. Mas você nunca será grande como foi um dia. Você só consegue ser quente uma vez, quando você é descoberto e quando você está no auge... uau!

Você mencionou Jean-Claude Van Damme, que não quis fazer o filme. Você sabe o motivo?

Ele não enxergou. Ele fez alguns comentários errados. "Estamos fazendo por dinheiro." Ele chegou a falar que eu disse que não havia motivação, que estávamos fazendo pelo dinheiro. Bom, eu disse que o filme podia ser um sucesso e ele interpretou outra coisa. Eu gosto de Claude, mas ele tem seus próprios planos e eu acho que ele começou a complicar um cenário muito simples.

Vamos falar sobre *A Cena*. Você, Bruce e Arnold juntos pela primeira, e provavelmente única, vez. Como aconteceu?

É uma daquelas coisas de um em um milhão. Eu pensei,

A grande virada: *Rocky Balboa* mostrou que ele ainda era o cara

naaah, nunca vai acontecer, eles são muito ocupados. Um dos caras é o governador! Ele tinha de fazer em seu dia de folga e em poucas horas. O dinheiro (*de seu salário*) foi para a caridade. Bom, tínhamos de rodar a cena em literalmente três horas e meia. Bruce está num avião para a Turquia, Arnold voltando para Sacramento e eu atrás, esperando que tudo esteja em foco. Porque a gente nunca sabe. Não vai dar pra reunir todo mundo de novo. É como três asteróides em colisão. É isso – bum! Já foi.

Você estava nervosa naquele dia?

Uma pilha! A gente tinha um take. Nunca estivemos juntos no mesmo set. Então a gente vai, sei lá... cada um tem seu ritmo e eu não queria que eles perdessem esse ritmo. Eu não queria que eles fossem diferentes de quem eles são. Mas eles são ótimos, ficou fantástico.

Originalmente você chamou Kurt Russell para o papel de Bruce, Sr. Church, certo?

Eu achei que não ia rolar com Bruce, então já estava conversando com Kurt. Mas não era pra ser. *(risos)*

Era importante para você que esses caras fossem humanos, e não máquinas de matar invulneráveis?

Yeah. Eu já cometi esse erro e acho que não é certo. Você sempre é assombrado por alguma coisa além de seu trabalho, seja sua religião ou um problema com a bebida ou sua namorada te deixou ou sua filha tá enrolada com o pior pesadelo da cidade. Sempre tem alguma coisa te devorando por dentro. Ser taciturno... eu já fiz isso e foi errado. É por isso que *Rocky* funciona tão bem. Ele nunca para de falar seus diálogos internos, não importa o quanto pareça absurdo.

Como você descreve *Os Mercenários*?

Os Mercenários é arte folk, se você quiser chamar assim. É mítico, é completamente imaginário. Mas as cenas de ação são incríveis. São todas realistas, possíveis de acontecer de verdade. Eu entendo o valor do CGI mas eu queria fazer um filme que pudesse de fato ser realizado de verdade. Quando você vê um sujeito saltando de um avião em movimento, ele está saltando de um avião em movimento! CHRIS HEWITT

SLY EM NÚMEROS

*ainda em cartaz

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
RAMBO II: A MISSÃO	1985	150,415,432	300,400,432
ROCKY IV	1985	127,873,716	300,473,716
ROCKY III	1982	125,049,125	250,049,125
ROCKY, UM LUTADOR	1976	117,235,147	225,000,000
PEQUENOS ESPIÕES 3D	2003	111,761,982	197,011,982
OS MERCENÁRIOS	2010	103,068,524	260,918,742*
RISCO TOTAL	1993	84,049,211	255,000,211

O PONTO DE VIRADA

Com o fraco *Encontro Explosivo*, que falhou em encontrar o grande público, chegou a hora de um dos maiores astros do cinema se reinventar?

O tempo passa, o tempo voa, e a carreira de Tom Cruise já não continua numa boa, parafraseando o jingle de uma antiga campanha publicitária de banco. Aos 48 anos, o garoto bonito que despontou na juventude em filmes como *Vidas sem Rumo* (1983) e *Negócio Arriscado* (1983), chegando rapidamente ao estrelato em *Top Gun* (1986) e *A Cor do Dinheiro* (1986), continua bonito, com o mesmo sorriso perfeito, mas já faz tempo que deixou de ser garoto. Nos últimos anos, também não parece mais garantia de grande público: ele precisa "reinventar-se" para encontrar, como astro cinquentão, espaço em Hollywood que corresponda ao lugar nobre que já ocupou.

Clint Eastwood descobriu, ao associar a carreira de ator e produtor à de diretor, o seu modo de amadurecer no negócio e manter-se como referência em quadrantes bem diferentes dos que fizeram sua fama em faroestes e policiais dos anos 60 e 70. Cruise tentou pavimentar caminho equivalente ao tornar-se produtor, com bons resultados no início, mas o desempenho de alguns de seus projetos recentes criou dúvidas sobre a eficácia da estratégia. De qualquer forma, o capital acumulado em mais de duas décadas como um dos maiores astros de cinema do planeta ainda lhe rende combustível para, na pior das hipóteses, manter-se inercialmente no Olimpo de Hollywood. A bilheteria apenas mediana de *Encontro Explosivo* nos EUA – abertura de 21 milhões de dólares e acumulado de 61 milhões em três semanas, tendo a ajuda de Cameron Diaz – sugere, no entanto, que já ficaram para trás, nesse mercado que se transforma de modo cada vez mais acelerado, os bons tempos de *Guerra dos Mundos* (2005), com 234 milhões nos EUA e outros 365 milhões no mercado internacional, ou mesmo de *Missão Impossível III* (2006), com 133 milhões nos EUA e mais 262 milhões nos outros países.

CAMINHOS IMPROVÁVEIS

Cruise ainda arrasta multidões e monopoliza a mídia, mas a dinâmica perversa do negócio cinema, tal como se desenha hoje nos EUA, trabalha com um patamar de "multidões" que astro nenhum parece capaz, sozinho, de arrastar. Seria preciso conjugar o seu apelo junto ao público com diversos outros "valores de produção", como se diz na indústria. Fatores intangíveis também entram na equação, como a imprevisível predisposição do mercado para apreciar tramas e gêneros em determinado momento. Cruise envolveu-se recentemente, como ator e produtor, em projeto que demonstra a dificuldade de atender a todos os pré-requisitos de um sucesso: *Leões e Cordeiros* (2007), que não custou caro para os padrões norte-americanos (cerca de 35 milhões de dólares), tinha astros no elenco (Robert Redford, também diretor, e Meryl Streep, além de Cruise) e tema nobre, mas arrecadou míseros 15 milhões nos EUA.

Já a comédia de ação *Trovão Tropical* (2008) teve resultado positivo, ultrapassando a barreira dos 100 milhões nos EUA, com um formato diluído de estrelato – Jack Black, o também diretor Ben Stiller e Robert Downey Jr. dividiram irmanamente o espaço nobre nos cartazes – e Cruise escalado em papel secundário, como um produtor de cinema. Não há nenhuma dúvida, contudo, de que sua participação recebe tratamento vip (cabe a ele a dança que encerra cinicamente o filme) e de que o tom geral de humor negro deve muito à sua impagável caracterização. Há algo ali, na participação econômica mas estelar de Cruise, que lembra o Marlon Brando pós-*O Poderoso Chefão* (1971), quando o astro então redescoberto passou a trabalhar cada vez menos tempo por cada vez mais dinheiro. Seria um dos caminhos a explorar no futuro, o das participações marcantes em papeis menores? Vale lembrar que seu personagem em *Trovão Tropical*, Leo Grossman, pode estrelar seu próprio filme, reflexo da urgência com que o astro pretende se reconectar com o público. Talvez abraçar um projeto improvável para alguém de seu perfil, como o épico de terror *At the Mountains of Madness*, que será dirigido por Guillermo Del Toro, seja outro caminho.

A FRANQUIA DE SEMPRE

O que já está assegurado em sua carreira no curto prazo, no entanto, é uma nova aposta na franquia *Missão Impossível*, outra vez

Brasil brasileiro: Tom Cruise aportou no Rio de Janeiro para lançar *Encontro Explosivo*

FOTOS FOX

em parceria com J.J. Abrams (que, desta vez, participaria apenas do roteiro, entregando a direção a Brad Bird, veterano da Pixar que assinou *Os Incríveis* e *Ratatouille*). O quarto longa-metragem da série já tem data prevista de estreia, em dezembro de 2011. Será um teste decisivo para checar se, às vésperas de completar 50 anos, Cruise ainda será capaz de transferir seu prestígio como celebridade – o assíduo frequentador de revistas, sites e programas de TV como marido de Nicole Kidman, Penélope Cruz e, agora, Katie Holmes – a um personagem de ação que interpretou pela primeira vez quando tinha pouco mais de 30 anos. Ele sabe que a tarefa pode ser inglória, e a escalação de Jeremy Renner (*Guerra ao Terror*) aponta que o estúdio quer ao menos deixar alternativas para manter a franquia minimizando a condição de protagonista de Cruise.

Como produtor, não há sinais no horizonte de que ele volte a abraçar longas independentes ou de orçamento apenas mediano como *Os Outros* (2001), *O Preço de uma Verdade* (2003) e *Tudo Acontece em Elizabethtown* (2005), que tiveram a chancela de sua produtora em sociedade com Paula Wagner. Nesses casos, foi um pouco Robin Hood, ajudando a viabilizar filmes sem grandes perspectivas comerciais (embora o diretor Alejandro Amenábar e a estrela Nicole Kidman tenham feito de *Os Outros* um êxito de 200 milhões de dólares). É hora de Tom Cruise voltar ao papel que ele mesmo se injetou quando estampou seu sorriso pela primeira vez num cartaz de cinema: a de maior astro do cinema. SÉRGIO RIZZO

CRUISE EM NÚMEROS

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
GUERRA DOS MUNDOS	2005	234,280,354	591,745,540
MISSÃO IMPOSSÍVEL 2	2000	215,409,889	546,388,105
MISSÃO IMPOSSÍVEL	1996	180,981,856	457,696,359
TOP GUN	1986	176,786,701	353,816,701
MISSÃO IMPOSSÍVEL III	2006	134,029,801	397,850,012
MINORITY REPORT	2002	132,072,926	358,372,926
O ÚLTIMO SAMURAI	2003	111,127,263	456,758,981
JERRY MAGUIRE	1996	153,952,592	273,552,592
RAIN MAN	1988	172,825,435	354,825,435

Tudo vira ouro: Will Smith (aqui em *Eu Sou a Lenda*) é o maior astro do cinema

O REI DO MUNDO

Não importa se ele está longe das telas desde o drama *Sete Vidas*: nos bastidores, o astro trabalhou como produtor e fez de *Karatê Kid* um sucesso em família

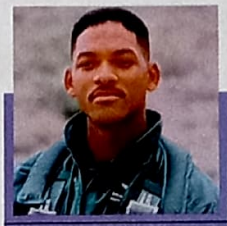
Will Smith completará 42 anos em setembro, mas faz quase 15 anos que sua carreira traduz o velho sentido do *star system*: dê-me um filme com ele, e lhe darei um sucesso. A fileira de êxitos começou com *Independence Day* (1996) – que, evidentemente, não é "filme de ator", com a ênfase tradicional de Rolland Emmerich em cenários de desastre e efeitos especiais. Ocorre que Smith fazia o personagem mais simpático da trama, um dos pilotos que enfrentam os invasores alienígenas, e o sucesso extraordinário dessa superprodução (306 milhões de dólares nos EUA e espantosos 511 milhões no mercado internacional, o que o manteve por algum tempo no segundo lugar desse ranking, atrás somente de *Jurassic Park*) tornaram Smith um rosto familiar e simpático para espectadores de todo o mundo.

Antes de *Independence Day*, Smith havia ajudado a despretensiosa comédia *Feita por Encomenda* (1993) a fazer ótima carreira comercial, como coadjuvante de Whoopi Goldberg e Ted Danson, e chamara a atenção para seu potencial como ator no drama *Seis Degraus de Separação* (1993), de bilheteria modesta. Mas, principalmente, já experimentara o gostinho de ser protagonista em *Os Bad Boys* (1995), estréia de Michal Bay como diretor explosivo que custou 10 milhões de dólares e arrecadou 140 milhões em todo o mundo. Desde então, apenas dois filmes de Smith deixaram de ultrapassar a simbólica barreira da centena de milhões: *Lendas da Vida* (2000) e *Ali* (2001), que lhe valeu sua primeira indicação ao Oscar. Até mesmo *Sete Vidas* (2008), que teve desempenho abaixo do esperado nos EUA, fechou a bilheteria global com US$ 168 milhões.

TOQUE DE MIDAS

A fileira de êxitos traz os dois longas da série *Homens de Preto*, em 1997 e 2002 – o terceiro epidósio, ainda com Tommy Lee Jones como seu parceiro, tem lançamento previsto para o verão de 2012 nos EUA; o suspense de ação *Inimigo do Estado* (1998), com Gene Hackman; o faroeste de humor *As Loucas Aventuras de James West* (1999), com Kevin Kline e Salma Hayek; a continuação de *Os Bad Boys*, em 2003; as ficções científicas *Eu, Robô* (2004), com Bridget Moynahan, e *Eu Sou a Lenda* (2007), com Alice Braga; as comédias *Hitch – Conselheiro Amoroso* (2005), com Eva Mendes, e *Hancock* (2008), com Charlize Theron; e o drama *À Procura da Felicidade* (2006), que lhe rendeu a segunda indicação ao Oscar, com Thandie Newton e Jaden Smith, filho de Will.

Nada mal, sobretudo quando se nota que nenhum de seus parceiros de elenco nesses filmes tinha perfil de mobilizar grandes plateias (está claro que o piano da popularidade foi carregado por Smith), que os gêneros são diferentes (sugerindo versatilidade incomum), e que o período de bons ventos atravessa mais de uma década (demonstrando que não se tratou de prestígio efêmero, mas de apelo sustentado). Como produtor, ele parece interessado em estender o sucesso até a geração seguinte da família, à semelhança de algumas dinastias hollywoodianas, e mantém seu Toque de Midas firme. Observando a habilidade de seu filho, Jaden, agora um adolescente de 12 anos, com artes marciais, Will bancou a refilmagem de *Karatê Kid* como veículo para o filho e manteve a produção funcionando como um relógio. A "fórmula" é velha conhecida – garoto em ambiente hostil aprende a lidar com o novo mundo sob a asa de um mestre – e o resultado foi acima do esperado. Ao lado de Jackie Chan, o filme de Smith pai (na produção) e Smith filho (como protagonista) atingiu a marca de 180 milhões de dólares apenas nos EUA. Nada mal! SÉRGIO RIZZO



WILL EM NÚMEROS

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
INDEPENDENCE DAY	1996	306,169,268	817,400,891)
EU SOU A LENDA	2007	256,393,010	585,349,010)
HOMENS DE PRETO	1997	250,690,539	589,390,539)
HANCOCK	2008	227,946,274	624,386,746)
HOMENS DE PRETO II	2002	190,418,803	441,818,803)

FOTOS WARNER

UM ASTRO... DIFERENTE

Com *Aprendiz de Feiticeiro*, o ator que parece brigar com o estrelato tenta iniciar uma terceira franquia

Sob os antigos critérios do *star system*, que vigoraram até os anos 60, pareceriam altamente improváveis as chances de um ator como Nicolas Cage se tornar um astro. É bem verdade que a renovação de Hollywood nos anos 70 abriu espaço para figuras desglamourizadas, como Gene Hackman, Jack Nicholson e Robert De Niro, mas ainda assim a carreira errática do sobrinho mais famoso de Francis Coppola – e, para as novas gerações de espectadores, muito mais célebre do que o próprio tio cineasta – contraria a maioria das características comumente associadas ao estrelato no cinema. Cage é um ótimo exemplo, portanto, de como ser astro hoje pouco tem a ver com o que fez de Clark Gable, Gary Cooper e John Wayne ícones masculinos do passado.

Aos 46 anos, sua expressão ingênua ainda lembra a do garoto que o tio Francis escalou em *O Selvagem da Motocicleta* (1983), *Cotton Club* (1984) e *Peggy Sue – Seu Passado a Espera* (1986). A estreia no cinema, contudo, havia sido em *Picardias Estudantis* (1982), quando ainda usava o pseudônimo Nicolas Coppola (o nome de batismo é Nicholas Kim Coppola). Na primeira fase de sua carreira, notabilizou-se por comédias, como *Arizona Nunca Mais* (1987) e *Feitiço da Lua* (1987), que deu o Oscar a duas de suas colegas de elenco, Cher e Olympia Dukakis, e foi sucesso de bilheteria. A Palma de Ouro em Cannes para *Coração Selvagem* (1990) alimentou sua imagem de ator extravagante e cult, que atingiria o ápice com o Oscar por *Despedida em Las Vegas* (1995), como o autodestrutivo alcoolatra que encontra amparo em uma prostituta (Elisabeth Shue).

FUTURO INCERTO

Na sequência, e com um Oscar no bolso, tornou-se um improvável astro de aventuras que fizeram sucesso de bilheteria, como *A Rocha* (1996), que arrecadou 325 milhões de dólares, *Con Air – A Rota da Fuga* (1997), com 223 milhões, e *A Outra Face* (1997), com 245 milhões. Como seus colegas de elenco variaram de um filme para outro, convém suspeitar que Cage tivesse boa parcela de responsabilidade pelos êxitos. E, em outro movimento altamente improvável, seu próximo longa a fazer ótimo caixa, com 180 milhões em todo o mundo, é o drama romântico *Cidade dos Anjos* (1998), refilmagem de *Asas do Desejo* (1987), em que forma par com Meg Ryan. Outro capítulo surpreendente viria com o sucesso do suspense de ação com fundo histórico *A Lenda do Tesouro Perdido* (2004), produzido pela Disney, que fez 347 milhões de dólares em todo o mundo e inaugurou uma franquia. A continuação, *Livro dos Segredos* (2007), superou o primeiro em arrecadação. O terceiro longa está em desenvolvimento.

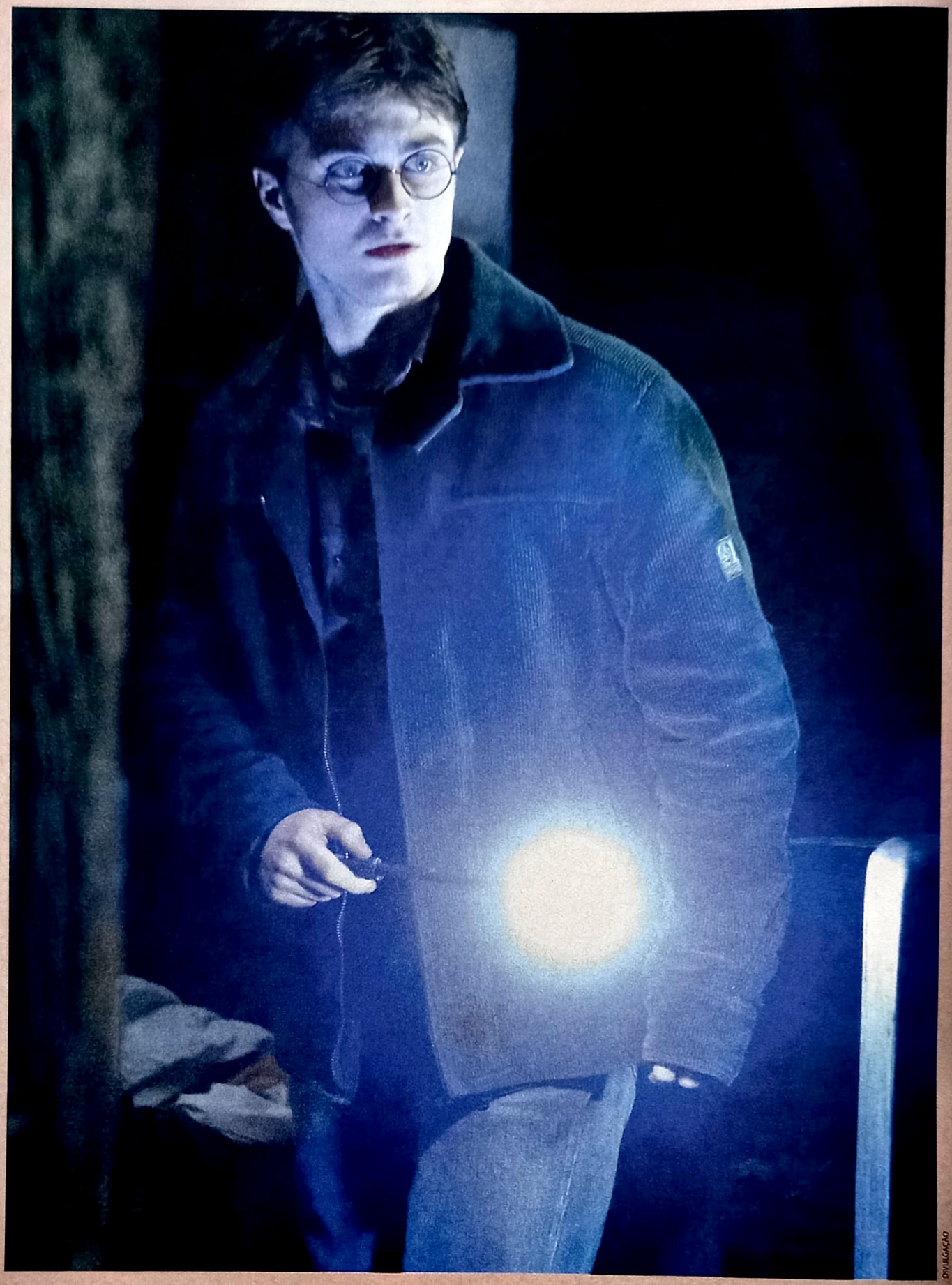
Esse astro que não parece astro tem alternado nos últimos anos produções classe A de expectativa comercial, como *O Sol de Cada Manhã* (2005) e *As Torres Gêmeas* (2006), além da adaptação do personagem da Marvel *Motoqueiro Fantasma* (2007, e que ganha continuação ano que vem) com produções independentes que, sem ele, teriam visibilidade de mercado bem menor, como *Perigo em Bangkok* (2008) e *Vicio Frenético* (2009). *Aprendiz de Feiticeiro*, feito com o mesmo time de *A Lenda do Tesouro Perdido* (o produtor Jerry Bruckheimer e o diretor Jon Turtletaub), estacionou nos 62 nas bilheterias americanas e ficou num esquisito meio-termo. Para onde vai caminhar a carreira de Cage na próxima década? Ganha uma foto autografada quem acertar. SÉRGIO RIZZO

CAGE EM NÚMEROS

	ANO DE PRODUÇÃO	BILHETERIA NOS EUA	BILHETERIA MUNDIAL (em milhões de dólares)
A LENDA DO TESOURO PERDIDO: O LIVRO DOS SEGREDOS	2007	219,964,115	457,364,600
A LENDA DO TESOURO PERDIDO	2004	173,008,894	347,512,318
A ROCHA	1996	134,069,511	335,062,621
MOTOQUEIRO FANTASMA	2007	115,802,596	228,738,393
A OUTRA FACE	1997	112,276,146	245,676,146
60 SEGUNDOS	2000	101,648,571	237,202,299

FOTOS DISNEY

***Aprendiz de Feiticeiro*: Nicolas Cage abraça o jeitão Disney de ser**



DIVULGAÇÃO

O começo do fim

MORTE! DESTRUIÇÃO! E SEM 3D? OS BASTIDORES DE *HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE*, PRIMEIRA PARTE DO CLIMAX DA SAGA

POR ROBERTO SADOVSKI

Daniel Radcliffe pode dizer que trabalhou mais do que dobrado nas filmagens de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, que, finalmente, conclui a saga do bruxo (agora) adolescente. Afinal, logo nas primeiras cenas da aventura dirigida por David Yates (comandante da série desde o quinto filme, *A Ordem da Fênix*), o ator tem de trabalhar sete vezes, ao menos, na mesma cena. Explica-se: para impedir que os seguidores do senhor do mal, Voldemort, persigam Harry, seus amigos tomam uma poção, ganham a aparência do bruxo e seguem caminhos diferentes. Na prática, Radcliffe teve de reproduzir os passos dos colegas à perfeição, para que seu rosto pudesse ser encaixado perfeitamente em seus corpos.

FOTOS DIVULGAÇÃO

A face do mal: Voldemort (Ralph Fiennes) observa o corpo inerte de Dumbledore (Michael Gambon)

Harry Potter já chegou ao cinema como um grande sucesso literário

Acredite, lidar com efeitos especiais foi um dos menores problemas que a produção enfrentou em quase um ano e meio de filmagens para dar origem a *Relíquias da Morte* – o mais longo dos livros da saga escrita por J.K. Rowling também se tornou o mais longo de seus filmes. No plural mesmo, já que o estúdio decidiu dividir a conclusão da franquia em dois filmes. O primeiro chegando aos cinemas este mês; o segundo, concluindo a história em julho do ano que vem. Foi uma longa jornada, iniciada em novembro de 2001, que termina entre choro e fortes laços de amizade: é mais de uma década de trabalho para a equipe, atores que passaram de crianças a adolescentes juntos e que viram o mundo os transformar em celebridades – no caso de Daniel Radcliffe, num dos jovens mais ricos do mundo.

Não que dinheiro seja algum problema para a Warner, estúdio que abraçou a saga mágica que brotou da imaginação de J.K. Rowling para se tornar a franquia cinematográfica mais bem sucedida da história, pela qual passaram quatro diretores, os melhores atores britânicos dessa geração (veja quadro) e rendeu cerca de inacreditáveis 5,5 bilhões de dólares – isso sem contar a avalanche de produtos licenciados (e um parque temático para completar) estampando o rosto dos atores que ajudaram a fazer de *Harry Potter* um fenômeno.

CHUVA DE MILHÕES

Curiosamente, nem sempre foi assim. Quando o estúdio adquiriu os direitos da saga, em 1998, a série já era um sucesso literário – o lançamento de *O Cálice de Fogo*, em 2000, foi motivo de filas de fãs desesperados à meia-noite nas livrarias americanas. Assim, todo cuidado era pouco para traduzir as aventuras do bruxo no cinema – além do respeito aos fãs, a autora acompanhou o processo

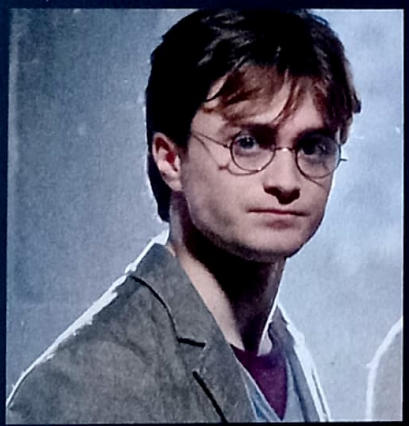
de perto. Parecia óbvio, pela mistura de fantasia e atores mirins do primeiro filme, que o diretor Steven Spielberg fosse convocado para comandar a aventura. Mas a boataria de que Spielberg pretendia mudar a escola de feitiçaria para os Estados Unidos, alterar o tom da trama e filmá-la como uma animação não caiu bem para os fãs.

De qualquer forma, o escolhido para levar *Harry Potter e a Pedra Filosofal* aos cinemas foi Chris Columbus, responsável pelos sucessos *Esqueceram de Mim* e *Uma Babá Quase Perfeita* (e também pelas bombas *Lado a Lado* e *Homem Bicentenário*). Não é exagero dizer que o sucesso da série deve-se muito às escolhas de Columbus – entre elas, do trio de protagonistas, os absolutamente desconhecidos Daniel Radcliffe, Emma Watson (a bruxa caxias Hermione) e Rupert Grint (o atrapalhado Ron Weasley). Chegando aos cinemas em novembro de 2001, sob a sombra dos ataques do 11 de Setembro nos Estados Unidos, o primeiro *Harry Potter* repetiu a façanha de sua contraparte literária e, dando uma dose de magia e escapismo, foi um sucesso. Mais do que isso: ao lado de *O Senhor dos Anéis*, que chegou aos cinemas no mês seguinte, foi a pá de cal na noção de que um filme precisa de astros para ser um sucesso; o cinema, agora, era definitivamente um jogo de personagens que traziam um nome forte aliado a possibilidades de marketing mais amplas.

Harry multiplicado: efeito bacana abre o novo filme

Claro que o fenômeno teve suas conseqüências, com os grandes estúdios partindo para uma corrida desenfreada em busca do "próximo *Harry Potter*" e

EXISTE VIDA APÓS HARRY POTTER? A RESPOSTA É SIM!



Antes de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, DANIEL RADCLIFFE havia aparecido no cinema somente em *O Alfaiate do Panamá*. Entre o quinto e o sexto filme rodou o drama *Um Verão Para Toda Vida* e emprestou a voz para um episódio dos Simpsons. Sua carreira começa de fato agora: Radcliffe está rodando uma nova versão da peça *The Woman in Black*, para a lendária produtora Hammer.

RUPERT GRINT foi o jovem astro que mais aproveitou as oportunidades abertas por sua participação na série. Entre as suas aventuras como o atrapalhado on Weasley, Grint trabalhou em quatro filmes, todos produções britânicas de gêneros variados. Mais velho do trio, o ator foi o primeiro a concluir o ensino básico durante as filmagens.

Nascida em Paris, EMMA WATSON não por acaso de tornou o ícone fashion na equipe de *Harry Potter*, com seu figurino a cada aparição público esmiuçado pelas revistas de fofoca. Não por acaso, seu primeiro ato após as filmagens de *As Relíquias da Morte* – ela cortou o cabelo bem curtinho – rendeu um oba oba. Embora esteja trabalhando no drama *My Week With Marilyn*, Emma vai frequentar uma universidade nos EUA.

colocando milhões de dólares nas mãos de autores que viram um filão juvenil se abrir. Ainda assim, *Eragon*, *As Crônicas de Spiderwick*, *A Bússola de Ouro* e o recente *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (curiosamente dirigido por Chris Columbus) não chegaram perto de emular o sucesso de *Potter*.
A saga *Crepúsculo*, que adicionou sexo e perigo à mistura, mas de maneira canhestra (J.K. Rowling é uma escritora infinitamente melhor que Stephenye Meyer, só para começar o papo), conseguiu reproduzir a histeria dos fãs, mas nem de perto arranhou os números da série bancada pela Warner.

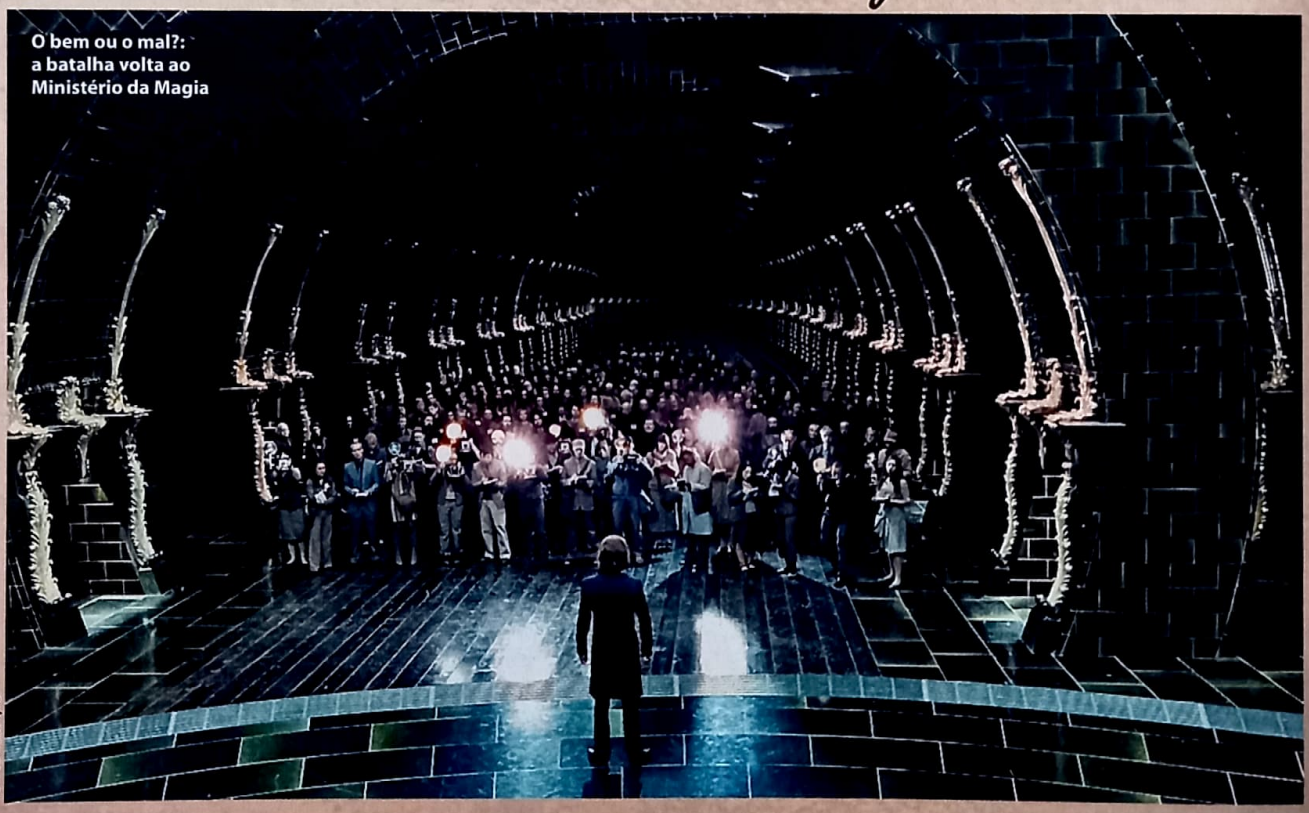
BATALHA ÉPICA

É provável que a relação *Harry Potter*/*Crepúsculo* permaneça inalterada com o lançamento de *As Relíquias da Morte* – a menor bilheteria da série do bruxo foi *O Prisioneiro de Azkaban*, que rendeu 800 milhões de dólares. *Lua Nova* foi o capítulo de *Crepúsculo* de maior sucesso, e estacionou 100 milhões abaixo da marca de *Azkaban*. Num ano decididamente fraco para o cinemão, a primeira parte da conclusão da saga de *Harry Potter* vai estrear com sede de sangue.

Essa violência também estará em cena. *Harry Potter e as Relíquias da Morte* conclui a batalha do bruxo e seus amigos contra as forças do mal lideradas por Lorde Voldemort (Ralph Fiennes). A única forma de derrotar o senhor das trevas é encontrar e destruir o segredo de sua imortalidade: os fragmentos de sua alma chamados Horcruxes. Para tal, Harry, Hermione e Ron partem numa espécie de road trip, deixando para trás tudo que lhes é de mais precioso para salvar o mundo. É também a primeira vez que vemos a vida de Hermione fora de Hogwarts – mesmo que seja com ela apagando de seus pais a memória de que ela um dia existiu. Em sua jornada, o trio descobre segredos sobre o passado de Dumbledore (Michael Gambon), assassinado por Severo Snape (Alan Rickman) no filme anterior, *O Enigma do Príncipe*, bem como as verdadeiras motivações por trás das ações do professor que nunca se deu bem com Harry.

O clímax de *As Relíquias da Morte*, no entan-

A segunda parte de As Relíquias da Morte estréia em julho de 2011



O bem ou o mal?: a batalha volta ao Ministério da Magia

FOTOS DIVULGAÇÃO

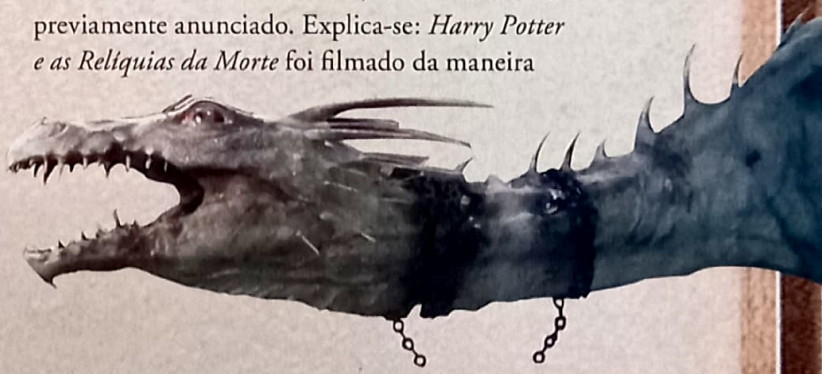
De volta ao começo: Harry e Hagrid (Robbie Coltrane) pilotam na Rua dos Alfeneiros

to, só será mostrado em 2011, na segunda parte do filme. O diretor David Yeates promete uma batalha épica que deixará Hogwarts em ruínas – e que custará a vida de vários personagens apresentados ao longo de uma década de filmes. Para quem ainda tem como incerto o destino de Harry – e se você quiser entrar no cinema 100 por cento virgem da trama do livro, é melhor pular o resto deste parágrafo – fotos das filmagens de uma cena crucial vazaram para a Internet no começo deste ano: Daniel Radcliffe envelhecido como Harry, quase duas décadas depois da batalha final.

TEMPO HÁBIL

Outras batalhas, mais importantes para a conclusão da saga no cinema, foram vencidas nos bastidores. A primeira foi, claro, a decisão de dividir o filme em duas partes – uma idéia que já havia passado pela cabeça dos produtores desde a adaptação da quarta aventura, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Com *As Relíquias da Morte*, eles decidiram não cortar nenhuma parte do livro, para dar aos fãs uma conclusão completa e satisfatória da saga – garantir algumas centenas de milhões de dólares a mais com dois filmes também não machucou ("coincidentemente", a última parte da saga *Crepúsculo*, *Amanhecer*, também foi dividida em dois filmes).

A segunda batalha, que provou o compromisso do estúdio com os fãs, foi a decisão de lançar a Parte 1 do fim da série em 2D, ao contrário do 3D previamente anunciado. Explica-se: *Harry Potter e as Relíquias da Morte* foi filmado da maneira tradicional, com a decisão de uma conversão em pós-produção para o 3D tomada após o sucesso, entre outros, de *Avatar*. O problema foi o tempo. Quando um filme desse porte é produzido, em diversas ocasiões o trabalho com os efeitos especiais é dividido em várias empresas diferentes. Para o trabalho de conversão a coisa muda: são poucas as empresas que conseguem um resultado de qualidade, e com o boom de filmes rodados em/convertidos para 3D, todos estão abarrotados de trabalho.



E a última coisa que a Warner quer é outro fiasco como *Fúria de Titãs* – que apresentou os efeitos tridimensionais mais toscos da história por causa de uma conversão apressada – em mãos. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, a Industrial Light & Magic calculou algo entre um e dois anos para relançar *Star Wars: Episódio I – A Ameaça Fantasma*, que volta aos cinemas em 3D em 2012. A Parte 2 de *Relíquias da Morte*, no entanto, será lançada no formato tridimensional, já que agora há tempo hábil para isso.

O estúdio, claro, já está de olho na forma que vai preencher o vácuo deixado pela verdadeira máquina de fazer dinheiro que foi *Harry Potter*

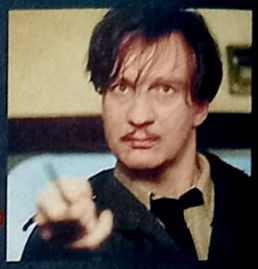
Cara, cadê o Hugh Grant?

A série *Harry Potter* trouxe grandes nomes do cinema britânico – tradição que continua em *Relíquias da Morte*. Bom, quase todos...

RICHARD HARRIS (Professor Dumbledore)
O diretor de Hogwarts foi defendido pelo ator, morto em 2002. 1

MICHAEL GAMBON (Professor Dumbledore)
Depois da morte de Richard Harris, Gambon assumiu o personagem e lhe condeceu uma aura levemente hippie... 3

DAVID THEWLIS (Professor Lupin)
Como o nome já entrega, Lupin sofre de um mal chamado licantropia, o que o deixa peludo com a Lua Cheia. 3



ALAN RICKMAN (Professor Snape)
Sombrio e severo, Snape é mais um personagem perfeito nas mãos de Rickman. 1

MAGGIE SMITH (Professora Minerva)
A dama do teatro inglês é a professora que recepciona os alunos quando chegam à escola. 1

TIMOTHY SPALL (Peter Pettigrew)
Preso no corpo de um rato, o grande Spall dá vida a um dos arquitetos da morte dos pais de Harry. 3

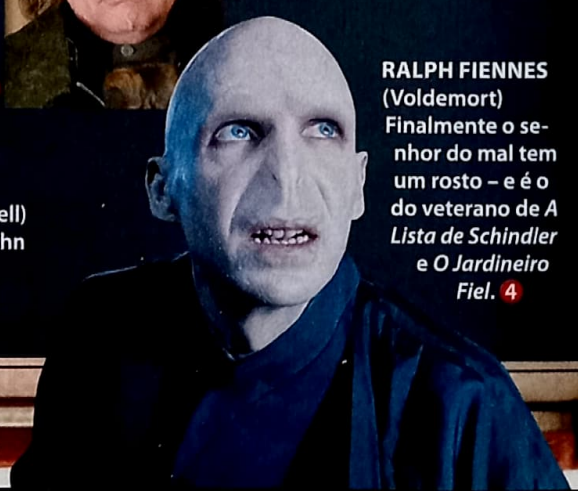
EMMA THOMPSON (Professora Trelawney)
A atriz vencedora do Oscar encarna aqui a atrapalhada professora que pode ver o futuro. 3

ROBBIE COLTRANE (Hagrid)
O ator ganhou estatura para se tornar o caseiro (e mais tarde professor) em Hogwarts. 1

ROBERT PATTINSON (Cédrico)
Antes de ser vampiro em *Crepúsculo*, Pattinson foi o aluno mais popular de Hogwarts. 4

BRENDAN GLEESON (Professor Moody)
Mago que lutou nas grandes guerras da feitiçaria contra as forças do mal, Moody é agora professor em Hogwarts. 4

IAN HART (Professor Quirrell)
Ian Hart, tão frágil como John Lennon em *Backbeat*, aqui encarna um professor com segredos sombrios. 1



RALPH FIENNES (Voldemort)
Finalmente o senhor do mal tem um rosto – e é o do veterano de *A Lista de Schindler* e *O Jardineiro Fiel*. 4

FOTOS DIVULGAÇÃO

nesta última década. O presidente da Warner já flertou com a idéia de mergulhar fundo no imenso catálogo de personagens da DC Comics, que pertence ao estúdio. *Lanterna Verde* é o primeiro a sair com a idéia de criar novas franquias em produção industrial, já ano que vem, com o terceiro *Batman*, *The Dark Knight Rises* (dirigido por Christopher Nolan) e um novo *Superman* (produzido por Nolan) chegando aos cinemas em 2012. É uma preocupação legítima, mas prematura. Afinal, ainda temos duas aventuras de *Harry Potter* para encher os cofres do estúdios – e nos dar uma pitada de imaginação e fantasia – pela frente. Com a jornada empreendida até o momento, não é pouco. ■

1 A PEDRA FILOSOFAL
2 A CÂMARA SECRETA
3 O PRISIONEIRO DE AZKABAN
4 O CÁLICE DE FOGO
5 A ORDEM DA FÊNIX
6 O ENIGMA DO PRÍNCIPE
7 AS RELÍQUIAS DA MORTE

HELENA BONHAN CARTER (Bellatrix Lestrange)
Estava demorando para a Sra. Tim Burton entrar na série – e foi com estilo, como uma das aliadas de Voldemort. 5

JIM BRADBENT (Professor Slughorn)
O bonachão Slughorn,um dos poucos a conhecer o passado de Voldemort, entra em cena para auxiliar a luta de Harry. 6

DAVID TENNANT (Barty Jr.)
Mais conhecido na TV inglesa como o Dr. Who, Tennant interpreta um dos aliados de Voldemort. 4

IMELDA STAUNTON (Dolores Umbridge)
Indicada ao Oscar por *O Segredo de Vera Drake*, a dama da TV e dos palcos assumiu o papel de diretora linha dura de Hogwarts. 5

JASON ISAACS (Lucius Malfoy)
Um dos grandes atores contemporâneos, Isaacs deu a Lucius um ar debochado e esnobe perfeito. 2

JULIE WALTERS (Sra. Weasley)
A matriarca dos Weasley ganha a face bem humorada – porém rígida – da atriz de *Billy Elliot*. 1

JOHN HURT (Sr. Ollivander)
De *Alien* a *V de Vingança*, John Hurt deixou sua marca – aqui ele é a pessoa que vende a varinha a Harry. 1

BILL NIGHY (Rufus Scrimgeur)
De *Anjos da Noite* a *Piratas do Caribe*, o grande Nighy defende agora o papel do novo Ministro da Magia. 7

GARY OLDMAN (Sirius Black)
Fugitivo da prisão dos magos, o padrinho de Harry é um dos magos mais poderosos do mundo. 3

CIARÁN HINDS (Aberforth Dumbledore)
O irmão de Alvo Dumbledore é membro da Ordem da Fênix original e é defendido pelo veterano de *Munique* e *Miami Vice*. 7

MIRANDA RICHARDSON (Rita Skeeter)
A repórter abelhuda deixa Harry desconfortável quando levanta suspeitas conexões com Voldemort. 4

KENNETH BRANAGH (Professor Lockhart)
O astro estava meio desaparecido de cena até fazer o fanfarrão Lockhart. Agora, ele dirige *Thor*. 2

RHYS IFANS (Xenophilius Lovegood)
O amigo de Hugh Grant (eba!) em *Notting Hill* aparece como amigo de Harry (será?) e pai de Luna Lovegood. 7

GAME ON!

POR ROBERTO SADOVSKI, DE SAN DIEGO

SCOTT PILGRIM CONTRA O MUNDO

MISTURA QUADRINHOS E VIDEOGAMES EM UMA DAS MELHORES TRADUÇÕES DO CALDEIRÃO POP DO SÉCULO PARA O CINEMA

FOTOS: UNIVERSAL

A fila enorme que se forma em frente a um cinema em San Diego é uma cacofonia de sons, uma explosão de cores. Uma centena de fãs, que nessa semana batem o ponto na Comic Con, espera o momento de conferir em primeiríssima mão a aventura *Scott Pilgrim Contra o Mundo*, terceiro filme de Edgar Wright e provavelmente o filme mais hypado da temporada. Hmmm, taí uma coisa complicada para entender, a fórmula para o hype. No caso de *Scott Pilgrim*, é a combinação de música, atores com crédito indie (e reverenciados pela molecada como seus iguais) e, claro, a origem da coisa toda, o gibi acelerado de Bryan Lee O'Malley. Hype. Não sei explicar o que é, mas *Scott Pilgrim* traduz bem a coisa.

Como bom mestre de cerimônias, Wright, maestro dos excepcionais *Todo Mundo Quase Morto* e *Chumbo Grosso* (ignore os títulos brasileiros e fuce a locadora para conferir, já!), toma o palco, apresenta seu elenco e, ante a gritaria ensurdecedora mesclada com aplausos, dá o start a seu filme. Taí a palavra apropriada: start. O logo do estúdio, retrabalhado com pixels e sons de um Nintendo de 8-bits (o videogame-sensação da virada dos anos 80 para os 90), antecede uma viagem neo-psicodélica, em que Michael Cera, como o personagem-título, despe-se da qualquer resquício de sanidade para encarar a luta contra o mal. *Pow!*

Quase duas horas depois, *Scott Pilgrim Contra o Mundo* fecha as cortinas com uma combinação saborosa de todas as ferramentas que o cinema moderno dispõe para contar uma história que toma parte num mundo parecido-ainda-que-diferente do nosso. A sensação de ter pisado no cérebro de um sujeito regado a ácido perdura mesmo quando as luzes acendem. Os ouvidos ainda estão zunindo e os olhos se recuperam da explosão visual do filme de Wright. Talvez o mundo ainda não estivesse preparado para uma experiência como *Scott Pilgrim* (a pífia bilheteria é evidência concreta). Mas é perfeito para ilustrar como o casamento de tantas mídias pode, sim, resultar em arte. Projetada numa tela.

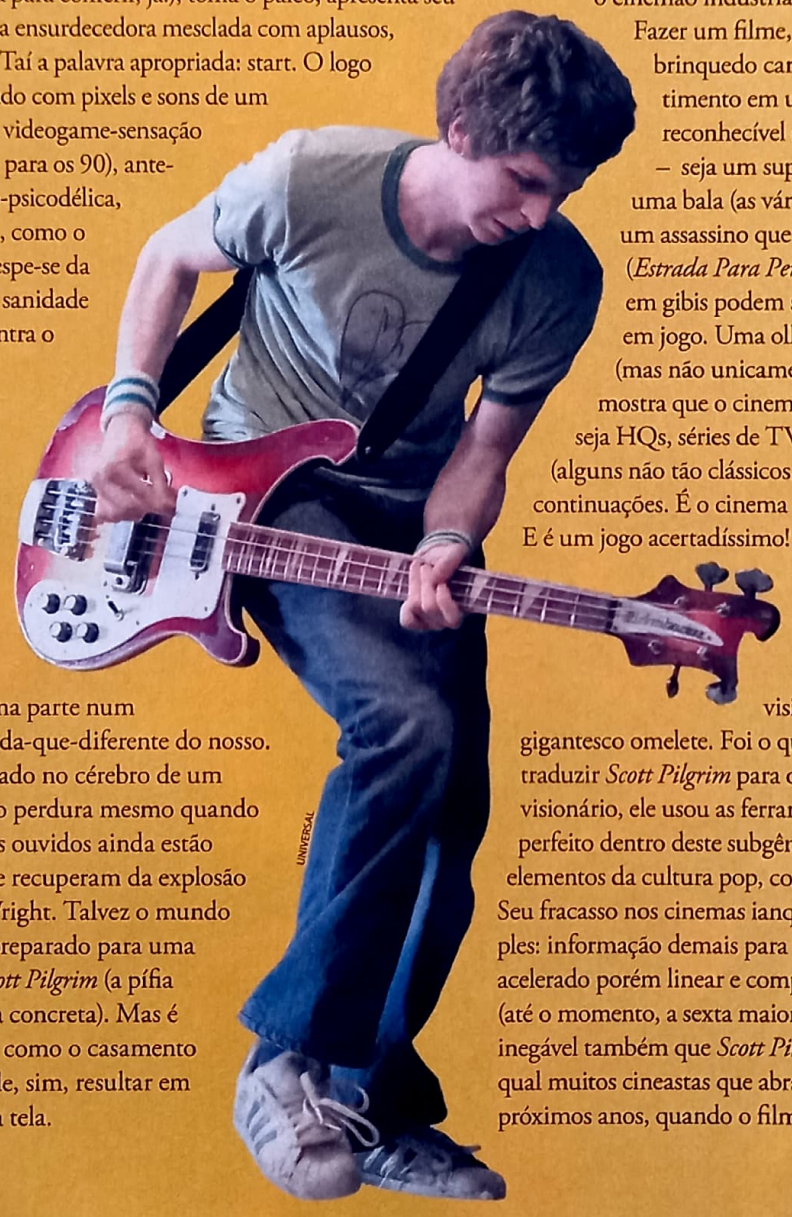
SCOTT PILGRIM TRAZ A ESSÊNCIA DA CULTURA POP

MISTUREBA POP

Nem parece que só dez anos separam *Scott Pilgrim* de *X-Men*. Foi em 2000 que a aventura mutante comandada por Bryan Singer literalmente fez dos "filmes baseados em quadrinhos" um gênero verdadeiro, e não uma curiosidade sazonal. Claro, traduções de personagens desenhados no papel para a tela do cinema estão por aí desde que Billy Batson gritou "Shazam!" no seriado *Capitão Marvel*, de 1941 – Robert Wagner e sua peruca ridícula protagonizaram *Príncipe Valente* em 1954, talvez o primeiro filme baseado em gibis. *X-Men* foi outra história. Era a primeira vez que super-heróis eram retratados de maneira, vai lá, "realista". Era também a primeira vez que um filme de gibis abria espaço para discussões e metáforas que iam além das rodinhas de nerds. Dois anos depois *Homem-Aranha* chegou aos cinemas, e o resto é história.

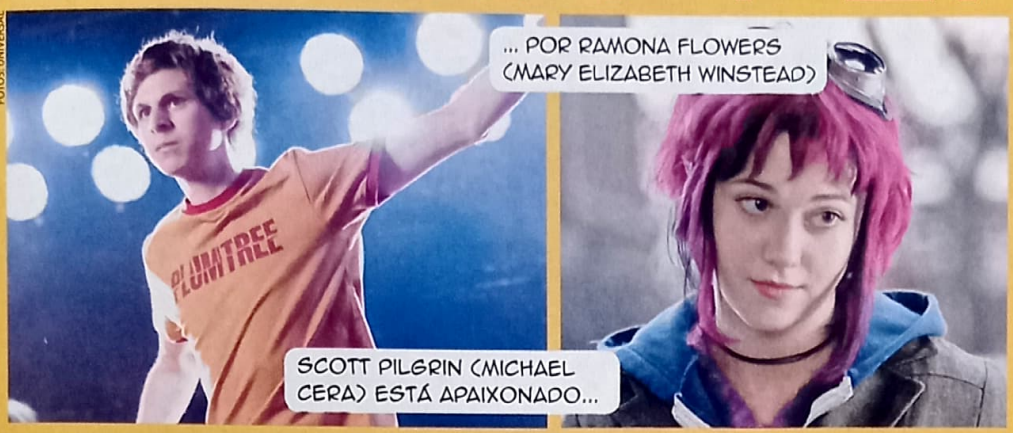
O fato não é que exista uma crise de criatividade no cinema – seja o cinemão industrial, seja a produção independente. Fazer um filme, e bancar seu marketing, se tornou brinquedo caro, e é mais "fácil" justificar o investimento em um produto que já tenha seu nome reconhecível e uma base de fãs mínima já formada – seja um super-herói que corre mais rápido que uma bala (as várias encarnações de *Superman*), seja um assassino que faz de tudo para proteger seu filho (*Estrada Para Perdição*). Ou seja, os filmes baseados em gibis podem ser a bola da vez, mas não é a única em jogo. Uma olhada na produção principalmente (mas não unicamente) hollywoodiana dos últimos anos mostra que o cinema é dominado por "forças externas", seja HQs, séries de TV antigas (ou não), clássicos modernos (alguns não tão clássicos...), remakes, reboots, reimaginações, continuações. É o cinema do velho e do novo.

E é um jogo acertadíssimo! Para competir com as centenas de novas mídias, o cinema tem apostado no certo – de vez em quando, inclina-se para alguma inovação e dá espaço para gente maluca e visionárias quebrassem seus ovos neste gigantesco omelete. Foi o que fez Edgar Wright quando topou traduzir *Scott Pilgrim* para o mundo tridimensional. Como todo visionário, ele usou as ferramentas em mãos e criou um produto perfeito dentro deste subgênero, colocando na mistureba outros elementos da cultura pop, como referências à videogames e música. Seu fracasso nos cinemas ianques pode ser explicado de forma simples: informação demais para uma platéia acostumada com o ritmo acelerado porém linear e compreensível de um *Homem de Ferro 2* (até o momento, a sexta maior bilheteria mundial de 2010). Mas é inegável também que *Scott Pilgrim* é um marco, e o "produto" pelo qual muitos cineastas que abraçarem o gênero vão se pautar pelos próximos anos, quando o filme inevitavelmente tornar-se cult.



SELECT PLAYER

FOTOS: UNIVERSAL



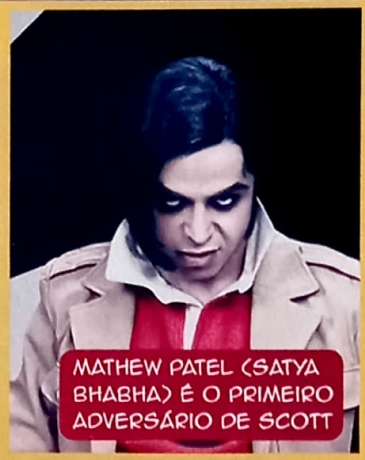
SCOTT PILGRIN (MICHAEL CERA) ESTÁ APAIXONADO...

... POR RAMONA FLOWERS (MARY ELIZABETH WINSTEAD)

...MAS NAMORA KNIVES CHAU (ELLEN WONG)...

... SOB PROTESTO DE SEUS AMIGOS, WALLACE WELLS (KIERAN CULKIN)...

... STEPHEN STILLS (MARK WEBBER) E KIM PINE (ALISON PILL).

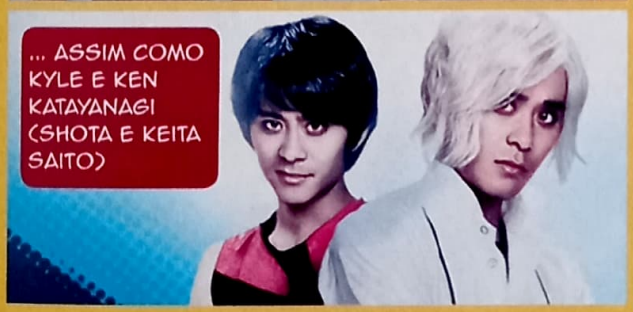


MATHEW PATEL (SATYA BHABHA) É O PRIMEIRO ADVERSÁRIO DE SCOTT

O ASTRO DE CINEMA LUCAS LEE (CHRIS EVANS) É OUTRO EX-NAMORADO DO MAL

TODD INGRAM (BRANDON ROUTH) É UM VILÃO VEGAN

ROXY RICHTER (MAE WHITMAN) TEVE UM CASO COM RAMONA...



... ASSIM COMO KYLE E KEN KATAYANAGI (SHOTA E KEITA SAITO)

GIDEON GRAVES (JASON SCHWARTZMAN) É O LÍDER DOS EX-NAMORADOS DO MAL

CHEFE DA FASE

Claro que, quando sentou para conversar com SET durante a Comic Con, Edgar Wright tinha em mãos o filme mais falado ao redor do mundo pela blogosfera – não por acaso, seu público-alvo. Ele defende seu trabalho com a força de um predador e não mede elogios ao elenco. Isso mesmo depois do pecado supremo: Wright não coloca as mãos em um gibi há anos. "Eu não acho que a gente precise ser leitor ávido para entender esse mundo", explica, com a convicção de quem é bom observador do mundo. "Essa cultura domina o entretenimento, pra gente saber o que acontece e como ela opera basta deixar os olhos abertos."

Michael Cera, ao lado do diretor, e com o mesmo olhar nervoso que apresenta em todos seus filmes, concorda: "Scott Pilgrim é um desses caras que frequenta a Comic Con, a diferença é que seu mundo amplia a percepção de toda essa cultura que nos cerca". A verdade é que existe uma discussão acerca do que seria real ou fruto da imaginação do personagem – seja no gibi, seja no filme. O plot é simples. Scott, pós-adolescente, toca baixo numa banda de rock, namora uma adolescente deslumbradinha e arrasta-se numa existência que não evolui, simplesmente é. Isso até ele conhecer Ramona Flowers (Mary Elisabeth Winstead, linda) e se apaixonar – para ficar com a moça, porém, ele precisa derrotar em combate seus sete ex-namorados do mal. Simples, não?

É nesse ponto que *Scott Pilgrim Contra o Mundo* assume sua alma de videogame, já que a trama evolui como em um jogo, com Pilgrim enfrentando seus inimigos como chefes de fase de dificuldade cada vez maior, até o quebra-pau com o chefão, Gideon Graves (Jason Schwartzman, abraçando com gosto uma produção com grana). Além de Schwartzman, outros ilustres dão as caras como inimigos do herói, como Chris Evans (perfeito no papel do astro boçal Lucas Lee) e

HQS PASSADO

EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE X-MEN

Era fevereiro de 2000 quando cheguei ao set de *X-Men* numa Toronto absurdamente gelada. Além de SET, somente dois outros jornalistas acompanharam Bryan Singer e sua equipe – a dupla não sabia o que eram os mutantes da Marvel, e duvidavam que um filme baseado em gibis pudesse fazer algum barulho. Em algumas horas, SET estava solitária, vendo Hugh Jackman estender suas garras pela primeira vez. Era a última semana de filmagens. Estávamos testemunhando o nascimento de um fenômeno.

Em 2000, não havia mesmo motivo para a imprensa cinematográfica se empolgar com um filme baseado em personagens de gibis. Apesar de um ou outro lampejo de produções com origem nas Hqs (*O Corvo*, *O Máskara*), *Batman & Robin*, de 1997, havia batido o último prego no caixão do subgênero. O interesse era zero. Super-heróis continuariam confinados ao imaginário dos fãs que os acompanhavam há décadas. Nem a Fox parecia empolgada num filme comandado por um diretor com nenhuma experiência em ação e zero astros. A dezena de roteiristas que contribuiu para o texto ficou fora dos créditos. *X-Men* era um mistério.

Então, ferro se tornou ouro. Quando chegou aos cinemas em agosto de 2000, há pouco mais de uma década, *X-Men* cravou uma bilheteria de 158 milhões de dólares – que se tornou 300 milhões em todo o mundo. O mundo (e os executivos de Hollywood) passaram a olhar os quadrinhos como fonte de inspiração e de lucro. A própria SET agraciou a chegada do filme com quatro capas diferentes. Dois anos depois, *Homem-Aranha* se tornou um dos maiores fenômenos de bilheteria da história. O gênio estava fora da garrafa.

Não é difícil quantificar a importância de *X-Men*. A série passou de aposta a uma das franquias prioritárias na Fox, criando um novo astro (Hugh Jackman) e rendendo duas continuações, o spin-off *X-Men Origens: Wolverine* (que ganha continuação em 2012) e *X-Men: First Class*, reboot da série agendado para o ano que vem. O próprio estúdio ainda apostou em *Demolidor*, *Elektra* e em *Quarteto Fantástico* no cinema. A Sony foi de *Homem-Aranha* (três filmes, um novo a caminho) e *Motoqueiro Fantasma* (que também terá continuação). E a Marvel, dona de todos os personagens no papel, é agora um estúdio ambicioso, sob as asas da Disney, com

projetos mais e mais ambiciosos. *X-Men*, ao voltar o olhar do cinemão para os gibis, também abriu um leque que abrigou diversos gêneros que fugiram dos super-heróis, mostrando que a "oitava arte" é um campo tão rico e diverso quanto qualquer outra mídia – e que abriga todo e qualquer gênero, muitos já traduzidos para o cinema (*Estrada Para Perdição*, *V de Vingança*, *Anti-Herói Americano*, *Oldboy*, a lista é interminável). Mostrou também a força dos personagens, provando que eram eles os verdadeiros astros que arrastavam multidões ao cinema – o que é provado de *O Senhor dos Anéis* a *Piratas do Caribe*, passando por *Harry Potter*. *Batman – O Cavaleiro das Trevas* foi o primeiro filme de gibi que bateu 1 bilhão de dólares nas bilheterias. Nada disso existiria sem *X-Men*. A aventura mutante foi uma aposta ousada que deu certo. Bryan Singer enxergou o realismo e inseriu criaturas fantásticas em um contexto humano, comum, em nossa realidade. E é de visionários como ele, que enxergam o potencial para mudanças, que o cinema sobrevive. Em constante evolução.

10 MELHORES DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

1 BATMAN - O CAVALEIRO DAS TREVAS / BATMAN BEGINS
Christopher Nolan e sua reinvenção do herói mudou a percepção do cinema para os quadrinhos

2 SIN CITY - A CIDADE DO PECADO
Menos uma adaptação e mais uma tradução da série de Frank Miller: perfeito.

3 V DE VINGANÇA
Anarquia e densidade nessa aventura sombria

4 KICK-ASS - QUEBRANDO TUDO
Super-heróis de verdade unem humor e ação

5 HOMEM DE FERRO
A Marvel apostou e acertou com o herói de armadura

6 X-MEN 2/ HOMEM-ARANHA 2
A segunda vez foi o charme nas duas séries da Marvel

7 300
Um verdadeiro gibi em movimento

8 ANTI-HERÓI AMERICANO
A HQ independente se tornou um filme sensível

9 MARCAS DA VIOLÊNCIA
Cronenberg acerta em cheio com sua versão para a HQ

10 HELLBOY II - O EXÉRCITO DOURADO
O segundo filme, sob o comando de Guillermo Del Toro, é a perfeição

Brandon Routh. Completando o elenco de credencial indie estão Kieran Culkin, Clifton Collins Jr. (este numa ponta impagável ao lado de Thomas Jane) e Anna Kendrick.

OLHOS ABERTOS

O cartaz de *Scott Pilgrim Contra o Mundo* veste a fachada de um hotel, bem ao lado do Centro de Convenções de San Diego – e impossível de não ser detectado pela centena de milhares de fãs que lotam a Comic Con. Há pelo menos seis anos, a feira se tornou parte integral da estratégia de lançamentos dos grandes filmes pop por parte dos estúdios de Hollywood, seduzidos pelo público prontinho para ver filmes e consumir produtos a eles atrelados. É até bobagem repetir o papo de que o mainstream abraçou a tal "cultura dos quadrinhos", uma grande besteira que nunca de fato existiu.

O que existe – e é provado pela penca de produções nascidas nos gibis que estão a caminho (leia no quadro ao lado) – é a consolidação de personagens como produtos, e sua exploração em qualquer mídia possível. Filmes, afinal, são apenas parte desse caldeirão, que inclui videogames de última geração (*Halo*, o best seller dos jogos, em breve desencanta e vira filme), bonecos colecionáveis (confira na Amazon a página para os brinquedos relacionados a *Tron*) e inúmeras experiências virtuais acompanhadas em celulares e tablets modernos.

De olho em um público ávido para consumir e colecionar, os estúdios continuarão despejando milhões de dólares em filmes como *Scott Pilgrim* – mesmo quando fracassam nas bilheterias, tornam-se referência e parte do mesmo caldeirão pop que o criou. É a arte alimentando a própria arte, se a gente piscar os olhos perde parte do movimento. Ou leva uma bronca de Edgar Wright... "Era a maior orientação dele", entrega Anna Kendrick, que interpreta a irmã do protagonista. "Como ele ia usar muita pós-produção, Edgar precisava que alguns takes fossem muito parecidos uns com os outros. E brigava sempre que alguém piscava demais os olhos." O diretor, como se sabe, sempre tem a última palavra.

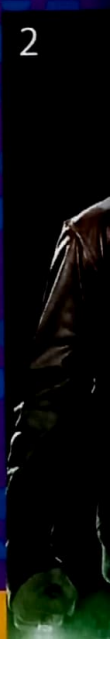
NOS FUTURO MARVEL INC. OS VINGADORES

OS FILMES DE GIBIS QUE MAL PODEMOS ESPERAR PRA VER

1 The Dark Knight Rises
Christopher Nolan coloca o fim de sua trilogia nos cinemas em 2012

2 Lanterna Verde
O guerreiro esmeralda estréia ano que vem em clima de *Star Wars*

3 X-Men: First Class
Nos anos 60, a nova aventura dos heróis mutantes recomeça a série



CHRIS EVANS
NAS HQS, O CAPITÃO AMÉRICA SE TORNA O LÍDER DOS VINGADORES. SERÁ QUE NO CINEMA TAMBÉM?

JEREMY RENNER
CLINT BARTON, O GAVIÃO ARQUEIRO, É OUTRO QUE PODE ESTRELAR UMA AVENTURA-SOLO

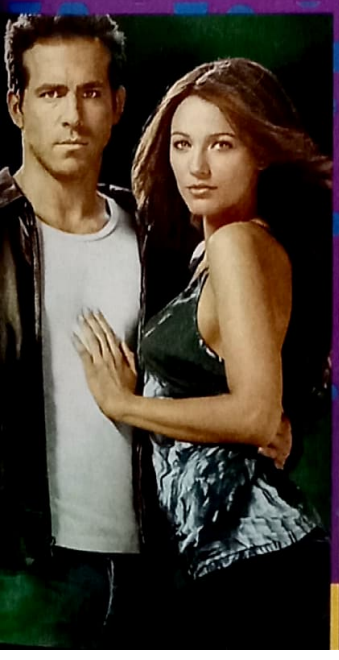
JOSS WHEDON
ROTEIRISTA DO GIBI DOS X-MEN, ASSUME O MAIOR FILME DE SUPER-HERÓIS DA HISTÓRIA

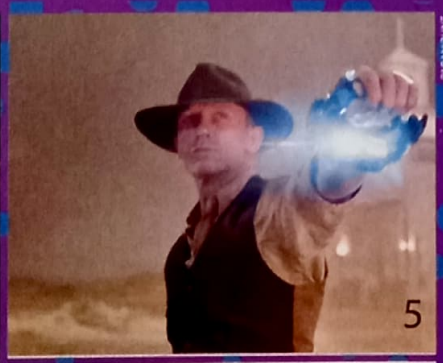
CHRIS HEMSWORTH
THOR ESTRÉIA NOS CINEMAS ANO QUE VEM, E SE PREPARA PARA CONHECER OUTROS HERÓIS

SAMUEL L. JACKSON
NICK FURY, DIRETOR DA SHIELD, É O HOMEM QUE ADMINISTRA TODO O PODER DA EQUIPE

MARK RUFFALO
SÓ O PODER COMBINADO DOS VINGADORES PODE ENFRENTAR BRUCE BANNER, O HULK

KEVIN FEIGE
PRESIDENTE DA MARVEL E PRODUTOR DE VINGADORES, É O HOMEM DA PALAVRA FINAL





PARAMOUNT

5

6

SONY

Superman – The Man of Steel 4

Chistopher Nolan produz o relançamento do Homem de Aço, agora sob a direção de Zack Snyder (*300*)

Cowboys & Aliens 5

Jon Favreu dá um pause no *Homem de Ferro* e conduz esse western com um twist com Daniel Craig e Harrison Ford

As Aventuras de Tin Tin: O Segredo do Unicórnio 6

Steven Spielberg entra na dança das adaptações de HQs filmando, com tecnologia de ponta, o clássico de Hergé

DIVULGAÇÃO

M. NIGHT SHYAMALAN

Um dos diretores mais bem sucedidos da última década tenta superar o fracasso de seus últimos filmes com a adaptação da animação *O Último Mestre do Ar*

POR MARIA FERNANDA MENEZES, DA CIDADE DO MÉXICO

"Ele não é mais o mesmo". "Esgotou a fonte". "A maionese desandou". Por estranho que pareça, o diretor M. Night Shyamalan luta contra seu próprio talento a cada filme que lança. É um exemplo pouco comum de como um diretor que explodiu pelo mundo com seu terceiro filme – *O Sexto Sentido*, que em 1999 rendeu mais de 600 milhões de dólares – é sempre cobrado e, ultimamente, massacrado pela crítica, por ter sido genial. Incomodado com a situação, o diretor desabafou à reportagem de SET após responder com luva de pelica perguntas da imprensa latino-americana sobre seu novo filme, *O Último Mestre do Ar*, primeira parte de uma possível trilogia baseada na animação da Nickelodeon.

Horas antes de nossa conversa no México, país da luta livre, Shyamalan jogou às cordas uma jornalista da imprensa mexicana, que tentou criar polêmica ao sugerir que o diretor tivesse dirigido o primeiro filme da série apenas para ter mais aceitação do público. "Se um dia isso acontecer, eu me mato! É por causa de gente como você, que sabe apenas o que está escrito nos sites de buscas, que nessas horas me dá vontade de ter escolhido a carreira de pintor. É triste demais ouvir coisas assim", respondeu. A irritação do diretor com a crítica, principalmente a norte- americana, encontra respaldo ao comparar suas performances nas salas de cinema. Sucesso de bilheteria em todo o mundo não-norte-americano, os filmes dirigidos por ele dobram, às vezes triplicam suas receitas fora dos EUA. Por exemplo, *A Vila*, primeiro grande embate do diretor com a crítica, rendeu 30 milhões de dólares a mais "fora de casa". Já *Fim dos Tempos* totalizou 100 milhões de dólares no exterior, contra 64 milhões nos EUA. Sua pior abertura norte-americana, com 18 milhões, (rendendo mais de 30 milhões fora do país) foi *A Dama na Água*, um relativo fracasso mundial de 70 milhões de dólares.

O projeto de *O Último Mestre do Ar* foi abraçado como uma oportunidade do diretor adaptar uma série baseada nos conceitos de animação de Hayao Miyazaki (diretor de *A Viagem de Chihiro*, de quem Shyamalan é fã confesso) e assim, poder abranger uma audiência ampla e familiar, um pouco menos sombria do que os roteiros dele costumam abordar. Caso a Paramount decida dar o sinal verde às duas continuações, os fãs do diretor podem ficar sossegados, pois os próximos filmes trarão situações terríveis e muito mais sombrias do que as deste primeiro, "afinal é disso que gosto e com isso me divirto", disse o fã confesso de Agatha Christie nesta entrevista exclusiva para SET.

"As crianças adoraram *O Último Mestre do Ar*. Mostramos a elas três vezes antes de finalizar e todas elas, com menos de 14 anos, acharam o filme perfeito!

Esta é a primeira vez na qual você escreve e dirige uma história com personagens que não criou, baseada em uma animação...
O fato de ser uma animação foi o que realmente me fez hesitar em pegar este projeto *(risos)*, mas a história me pareceu tão boa, com um timing certo do que anda acontecendo no mundo para falar sobre ela. É uma história que envolve um genocídio, o despertar espiritual, o equilíbrio entre a conexão com a natureza e a civilização, a natureza da responsabilidade, a família. Isso tudo é muito importante para mim, então foi a história que me fez ter a certeza frente à dúvida de adaptar uma animação baseada nos conceitos de um dos meus ídolos, Hayao Miyazaki. Mas no final, achei mesmo que seria uma ótima idéia transformar essa linda história em um filme live action.

A decisão de retirar o nome Avatar do título original do filme (a animação é chamada *Avatar: The Last Airbender*) parece não ter sido, afinal, um grande problema?
Por dois segundos foi um problema. No dia em que anunciaram o *Avatar* de James Cameron, pensei "o que diabos é isso, alguém está pensando no mesmo filme que eu?", mas daí vi que não tinha nada a ver com meu projeto e Cameron já estava trabalhando no dele há muito tempo. Estava claro que ele já havia registrado seu nome seis anos antes de a animação ter ido ao ar, então não foi uma grande luta para mudar o título, que na verdade foi apenas a supressão da palavra Avatar. Nós já íamos retirar um dos nomes de qualquer forma, então Cameron decidiu para nós que o filme se chamaria *The Last Airbender* (no Brasil, *O Último Mestre do Ar*). Pensei comigo mesmo "não tem como alguém estar trabalhando em um filme há dez anos", mas ele trabalhou *(risos)*.

Você realizou sessões-teste com crianças antes de finalizar o filme. Como foi a reação dos pequenos?
As crianças adoraram. Mostramos o filme a elas três vezes antes de finalizar, e não podia acreditar nos números: todas elas, com menos de 14 anos, acharam o filme perfeito! Eram cerca de 2000 crianças e achei que estava errado quando vi quase 100 por cento de aprovação *(risos)*. Mas sabia que a história estava completamente dentro do que eles esperavam e procurei respeitar o sentimento deles. Espero fazer parte do crescimento destas crianças, estar

no imaginário delas com, se possível, os três filmes da saga.

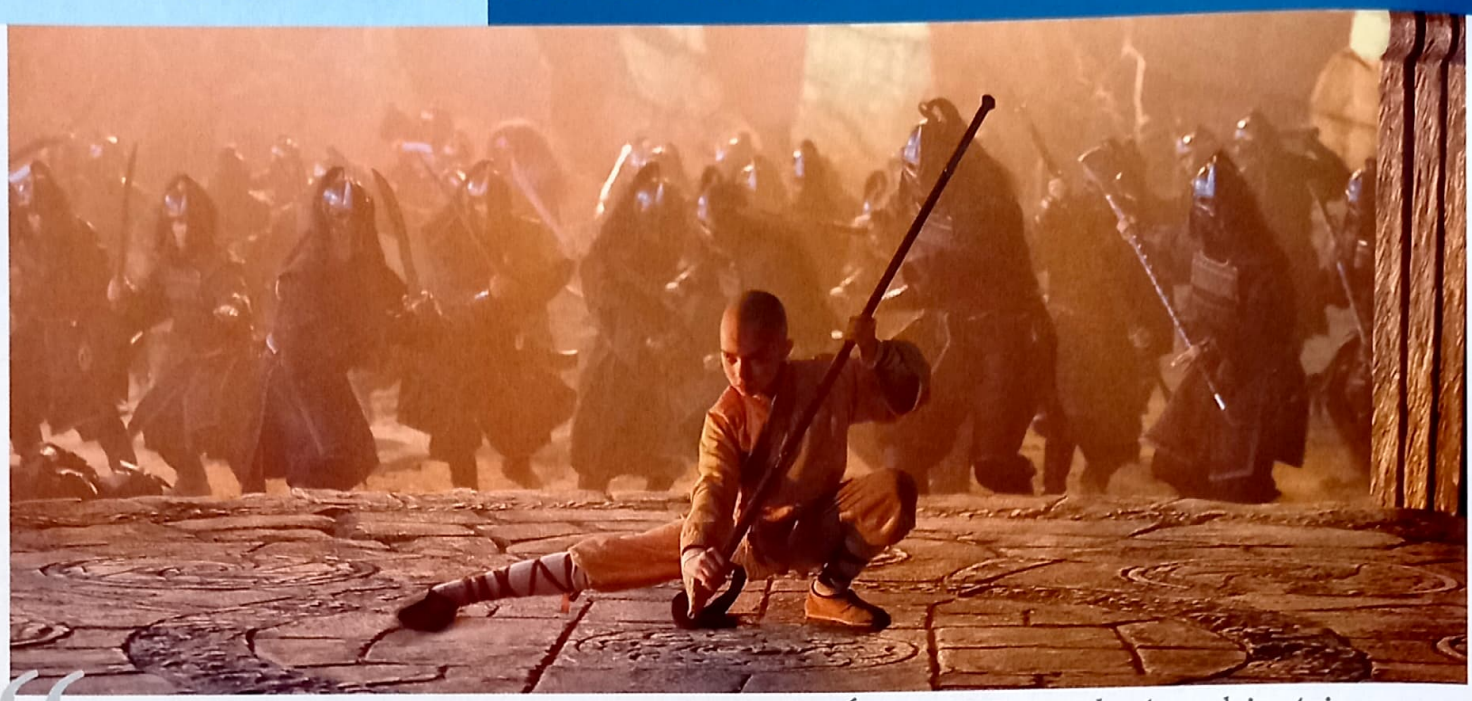
Vimos há pouco o quanto alguns críticos te "adoram". Você credita esse "amor" ao fato de ser um dos poucos diretores autorais em Hollywood, se arriscando em sua primeira saga?
A crítica já vem batendo em mim pelo menos em meus últimos quatro filmes. Na verdade, pensando bem, em cinco de sete. E é claro que tudo se resume ao fato de eu ser um autor. É muito claro. O meu nome está nos pôsteres vendendo os filmes, e isso é tido – principalmente na América – como arrogante, "oh, ele se acha tão demais". Mas quando é, por exemplo, o nome de Tom Hanks no pôster, eles não falam nada, não pensam assim. Eles não acham que é uma egotrip de Tom. Eles acham "Oh, Tom Hanks é demais, então está tudo bem!" Fodam-se eles! *(gargalhadas)*. Por alguma razão é ofensivo se o diretor tem uma relação com seu público, se ele vende ingressos pelo fato de ser ele. Mas isso é principalmente nos Estados Unidos que acontece. Fora do país eu tenho críticas fantásticas, os filmes rendem mais ou menos o dobro do que poderiam render nos Estados Unidos. E isso acontece com absolutamente todos os meus filmes. É uma cultura que nunca foi confortável com os autores, nunca foi. Seria muito mais fácil minha relação com os críticos se eu tirasse meu nome dos projetos e ficasse anônimo.

Já pensou em pseudônimos?
(Rindo) Claro que sim, seria uma ótima piada. Na literatura temos, por exemplo, "Stephen King apresenta" e então o título do livro. O título do livro é interessante, mas todo mundo se interessa porque é o nome de Stepehn King que está lá. E nos cinemas é a mesma coisa! Temos ali Neil Simon, e todos acham o máximo, não dizem "oh, Neil Simon, foda-se ele!" *(risos)*. Está é a relação! O autor se relaciona com seu público. Eu não sei como é o rosto de Neil Simon, não tenho uma opinião sobre ele. Sei quando ouço o reverso, "oh, é Tom Cruise, as crianças o amam, o estúdio o ama, é um cara legal... Foda-se ainda mais! *(gargalhadas)* Foda-se ele e todos em volta dele! E ainda temos o fato de meus filmes se perpetuarem por terem uma visão positiva da vida. Eu acho que as pessoas são boas e acho que sempre tudo vai dar certo. É o que eu sou como ser humano e é por isso que me odeiam *(risos)*. Não parece certo para eles e não há melhor resposta para isso que não seja: tempo. Acho que talvez um filme que eu dirija aos 73 anos de idade vá receber críticas melhores. Com esse pensamento, acho que consigo lidar melhor com o fato *(risos)*.

Dentro disso tudo que você disse, como é também pela primeira vez, emprestar suas idéias a novos cineastas, via sua produtora Night Chronicles?
Eu estou muito feliz com isso. Até dois, três anos atrás, eu queria todas as idéias para mim, "eu vou dirigir", "eu vou produzir", sempre pensando no que fazer depois, nos próximos projetos que gostaria de fazer. E obviamente, percebi que fisicamente é impossível desenvolver e realizar todos os projetos que minha mente cria, leva anos para eu dirigir um filme. Mas tem histórias que quero muito contar... Minha heroína é Agatha Christie, ela é 100 por cento quem eu queria ser, minha real heroína, e eu quero o que ela teve. Ela não era materialmente bem-sucedida, ironicamente. Ela tinha muitos problemas pessoais e usava suas histórias como uma forma de se ver longe deles por alguns momentos. Ela estudava a humanidade através de suas histórias e apesar de a amarem ou odiarem, ela continuava escrevendo suas histórias. Eu quero, como ela, olhar para trás e ver que tive 50, 60 histórias contadas e, a não ser que eu viva até os 150 anos, jamais conseguirei transformar todas em filmes. E quando uma idéia aparece, três anos depois, quando o filme está pronto, eu já sou uma pessoa diferente, que passou por coisas diferentes. Então pensei "vou separar três dessas histórias e começar o que seria uma espécie de *Além da Imaginação* para o cinema, em uma equação na qual eu seria o Rod Serling (apresentador e idealizador da série de terror fantástico). Já tenho até o terno preto para isso *(risos)*. E para o projeto temos novos diretores, novos atores, diretores de fotografia, e todo mundo que me inspira nesse sentido poderá me ensinar coisas, com novas idéias e com tudo que estará acontecendo em termos

FOTOS: DIVULGAÇÃO

***O Último Mestre do Ar* é baseado na animação *Avatar* – por motivos óbvios, não usou o nome de batismo...**



DIVULGAÇÃO

"Eu tenho o roteiro para a continuação de *O Último Mestre do Ar*, a história se torna mais sombria e perigosa, o que agrada muito a mim e ao estúdio.

de novas coisas para meus filmes. E isso já começou, já existe uma série de pessoas que quero em meus filmes. É muito excitante e o primeiro é *Demônio*.

Como funciona essa colaboração, quanto de material original seu é usado?
Eu escrevo normalmente um argumento de quinze a dezoito páginas, uma história curta, e digo "é isso o que vamos fazer", a partir daí.

As duas seqüências de *Mestre do Ar* estão entre as próximas idéias?
Tenho já o roteiro que escrevi para a segunda parte, que eu amo e que a Paramount também gosta muito. A história se torna mais sombria e perigosa, o que me agrada muito. E na terceira parte fica tudo bem pior *(risos)*. Mas infelizmente tenho que esperar para ver, é um mundo prático. Se o primeiro filme tiver boas aberturas pelo mundo e for bem, eles me ligarão e dirão "vamos para o segundo". Seria realmente maravilhoso se isso acontecesse, porque eu adoro a saga e o rumo que ela poderá tomar.

Como foi dirigir uma fantasia, projeto que pouco tem a ver com seus filmes anteriores?
É minha primeira fantasia, algo que realmente gostei de fazer, e é por isso que quero tanto fazer as outras duas continuações. É o aprendizado de uma linguagem nova, que eu posso desenvolver e isso seria super excitante para mim. Nesse momento, meu notebook tem em seus arquivos duas idéias desastrosas *(risos)*, uma bem espiritual, que talvez nunca encontre um estúdio para bancá-la *(risos)* e outra é um suspense bem bacana que está competindo com o argumento espiritual. Escolher entre uma das duas é como assistir a *The Bachelor* na televisão *(risos)*. Você tem duas mulheres lindas, mas tem que ficar com uma, é injusto *(gargalhadas)*.

E no seu notebook está a idéia para uma possível continuação de *Corpo Fechado*?
Tudo o que está escrito em meu notebook sobre ele, se quiser te mostro, é *Unbreakable 2: ? (risos)*. Nada em minha cabeça, nenhuma história. Apenas um grande e bonito ponto de interrogação. Da maneira que eu funciono, é muito difícil ser cobrado por uma continuação, só por fazer. Isso me dá mais vontade de não fazê-lo. Faz sentido? Minha mente não funciona assim... Eu amo o filme, só realmente não pensei em nenhuma história que o complemente.

***O Sexto Sentido* fez 10 anos. Como você o vê hoje?**
Eu me lembro de muitas tonalidades e muita coisa que me motivou ao dirigir *O Sexto Sentido*. Eu estava na França há pouco tempo, onde fizeram, acredite ou não, uma retrospectiva de meus filmes, o que mostra talvez o quão velho estou *(risos)*. Neste evento dei uma master class para cerca de 500 pessoas, mostrando pequenos trechos dos filmes. Quando passou o clipe de *O Sexto Sentido*, foi muito interessante pensar sobre ele, as tonalidades dele, a cena do carro quase me fez chorar e emocionou muitas das pessoas que ali estavam. É muito legal ver as diferenças, as cores, isso me deixou muito feliz e orgulhoso do filme. Mudando um pouco o assunto, eu estava sentado com um amigo meu ator que ganhou também uma retrospectiva. No evento, algumas das cenas dele eram de filmes não tão bons e podíamos ver o semblante dele cada vez mais caindo para o chão *(risos)*, todo mundo ali ficou super constrangido com isso. E pensei comigo mesmo que jamais gostaria de sentir isso. Espero que daqui a dez anos eu possa ver clipes de todos os meus filmes e não sentir vergonha deles, como graças a Deus, não sinto de nenhum. ■

AME OU ODEIE

UMA OBRA ÚNICA, CALCADA NO SUSPENSE E APRESENTADA DAS MAIS VARIADAS FORMAS, FAZ DOS FILMES DE M. NIGHT SHYAMALAN TEREM O DOM DE, PARA O BEM OU PARA O MAL, JAMAIS PASSAREM DESPERCEBIDOS.

FOTOS DIVULGAÇÃO

PRAYING WITH ANGER (1992)

Sua estréia foi com este filme autobiográfico que fala sobre um adolescente americano com raízes indianas que viaja à Índia para aprender sobre sua cultura e volta de lá com outra perspectiva de vida. O protagonista é interpretado, claro, pelo próprio M. Night Shyamalan. A produção venceu o prêmio de Melhor Filme de Estreia do Los Angeles Film Institute.

OLHOS ABERTOS (Wide Awake, 1998)

Um dos piores momentos da carreira de Shyamalan, o filme traz Rosie O'Donnel e Denis Leary em uma comédia que teve uma produção conturbada, com o corte final determinado pela mão não raramente pesada do produtor Harvey Weinstein, e que o diretor diz preferir esquecer.

O SEXTO SENTIDO (The Sixth Sense, 1999)

O filme que introduziu Shyamalan ao rol dos grandes diretores foi indicado a seis Oscar e conta a história de um psicólogo (Bruce Willis) tentando ajudar um paciente, o garoto Cole (Haley Joel Osment), que vê pessoas mortas. O equilíbrio entre drama sensível e filme de terror é o grande trunfo do filme, assim como o final "de onde diabos veio isso?". Com mais de 600 milhões de dólares em caixa, é seu maior sucesso.

CORPO FECHADO (Unbreakable, 2000)

O melhor filme de Shyamalan em sua própria opinião (e um dos melhores filmes sobre super-heróis em muitas opiniões) mostra o contraponto entre David Dunn (Bruce Willis), único sobrevivente de um acidente que descobre ter força e resistência sobre-humanas, e Elijah Price (Samuel L. Jackson), que desde criança já quebrou todos os extremamente frágeis ossos do corpo. Estes extremos se encontram numa trama melancólica que discute destino, lealdade e o que significa ser um herói de verdade.

SINAIS (Signs, 2002)

Mel Gibson é um pastor que questiona sua fé desde a morte de sua mulher e tem a oportunidade de rever seus conceitos quando aparecem círculos perfeitos em sua plantação – o que é revelado ser a comunicação de alienígenas na Terra. Faz tanto tempo assim desde que Gibson fez um bom filme na frente das câmeras?

A VILA (The Village, 2004)

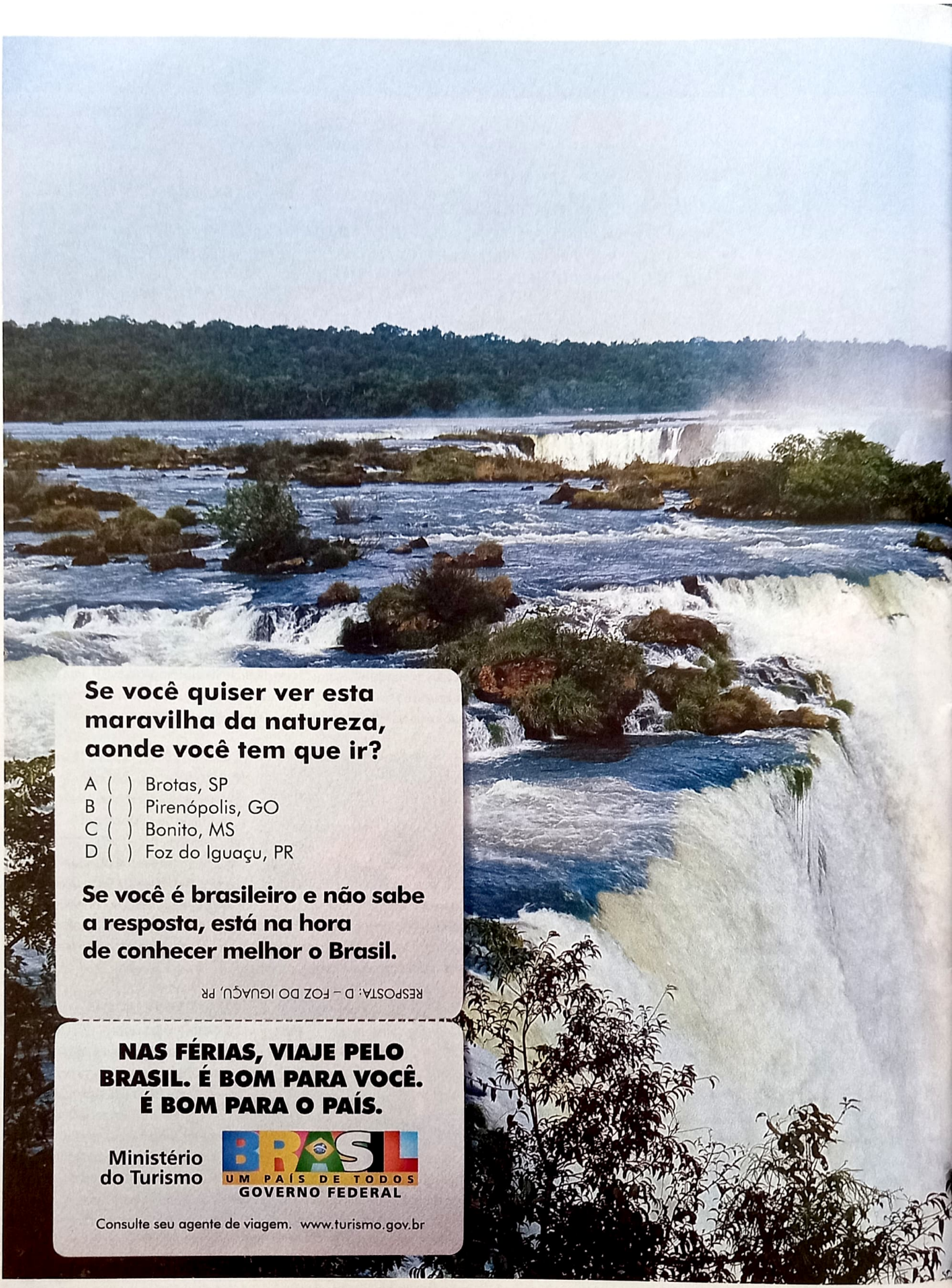
A crítica começou a ficar impaciente com Shyamalan neste suspense que fala sobre uma comunidade perfeita que tem problemas com as criaturas que habitam a floresta do povoado. É um delicado estudo sobre a natureza do medo e suas conseqüências, num filme que foi contra todas as expectativas dos fãs do diretor e deu ao "sobrenatural" uma explicação bem material. Ainda assim, mostrou Shyamalan em perfeito domínio da arte de tapear até seus defensores mais fervorosos.

A DAMA NA ÁGUA (Lady in the Water, 2006)

Não tem jeito, *A Dama na Água* ou é amado ou odiado. Sem meios-termos, ficou fácil para que Shyamalan tivesse sua pior abertura nos cinemas com esse filme que mistura contos de fadas com (mais uma vez) o medo do desconhecido. O diretor não aliviou, criando um crítico de cinema insuportável (que bate as botas rapidinho) e escalando a si mesmo como um autor cujo trabalho vai mudar o mundo. Menos, menos...

FIM DOS TEMPOS (The Happening, 2008)

Uma explicação natural para o fim do mundo também foi vista com maus olhos pela crítica, que não aceitou a teoria de Shyamalan que a natureza se volta contra seus agressores. Mark Wahlberg não rendeu o mesmo que seu irmão Donnie, que faz o paciente revoltado em *O Sexto Sentido* – e nem tinha como: em uma cena, Mark conversa com uma samambaia (!) para pedir um alívio nos ataques contra sua família. Aí, caro Night, é forçar a amizade...



Se você quiser ver esta maravilha da natureza, aonde você tem que ir?

A ( ) Brotas, SP
B ( ) Pirenópolis, GO
C ( ) Bonito, MS
D ( ) Foz do Iguaçu, PR

Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.

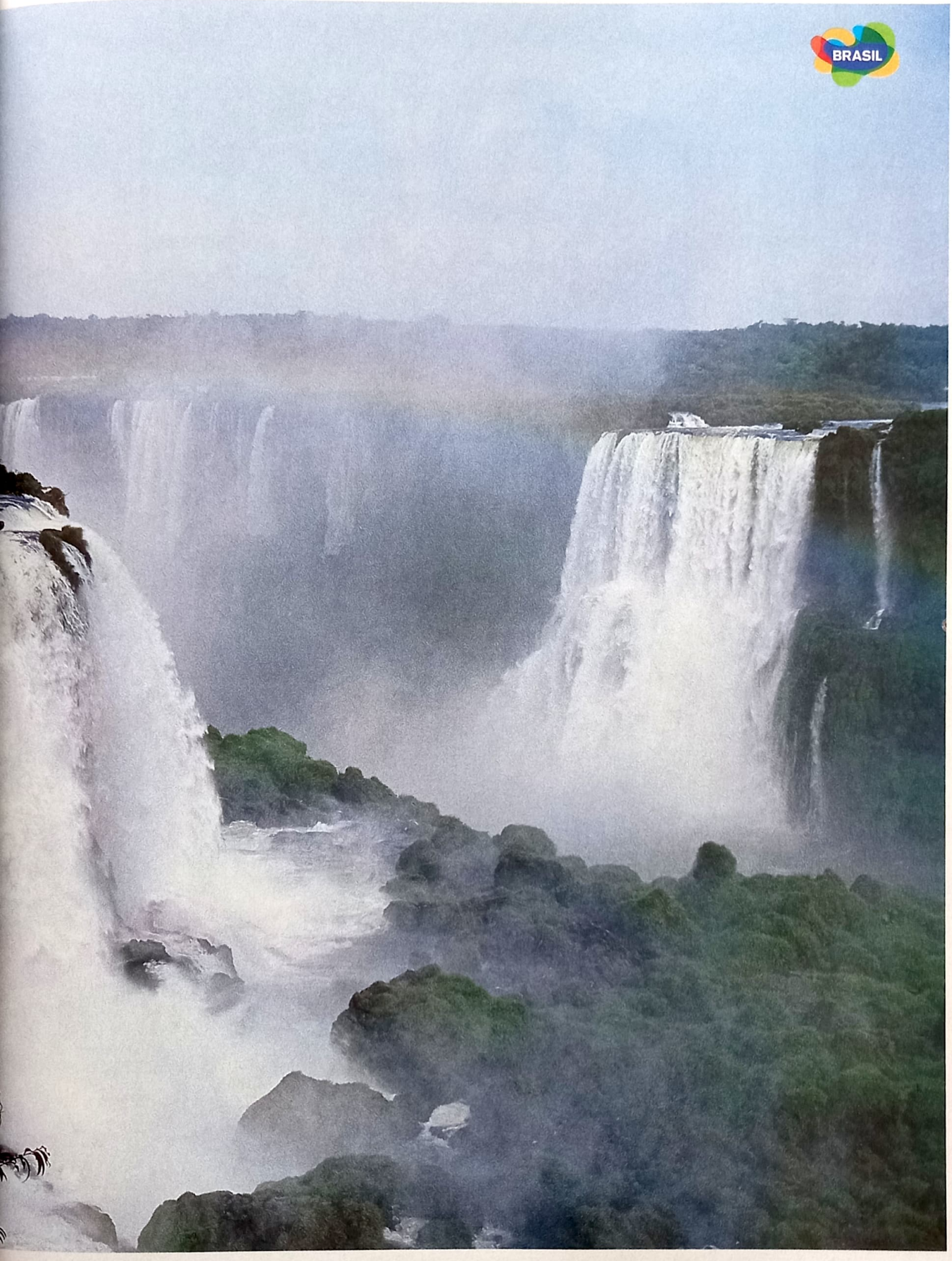
RESPOSTA: D – FOZ DO IGUAÇU, PR

NAS FÉRIAS, VIAJE PELO BRASIL. É BOM PARA VOCÊ. É BOM PARA O PAÍS.

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Consulte seu agente de viagem. www.turismo.gov.br


BRASIL

Em novembro em Disney Blu-ray **e** Disney DVD

www.disney.com.br

L — LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Tema: Solidariedade

FILTRO

★★★★★ excelente ★★★★ ótimo ★★★ bom ★★ regular ★ ruim

SEU GUIA DE ENTRETENIMENTO

FOTOS DIVULGAÇÃO

CINEMA

A Rede Social

David Fincher e Aaron Sorkin desconstroem o mundo moderno com a história da criação do Facebook

DVD/BLU RAY

A Origem

Leonardo DiCaprio invade sonhos nesta aventura perfeita de Christopher Nolan

TV

The Walking Dead

Os mortos voltam a caminhar nesta série de TV adaptada dos quadrinhos por Frank Darabont

CINEMA

Homens do futuro: Sean Parker (Justin Timberlake) e Mark Zuckerberg (Jesse Eisenberg) dão um tempo

FOTOS DIVULGAÇÃO

A Rede Social

David Fincher e Aaron Sorkin transformam a trajetória do criador do Facebook num retrato ácido do mundo moderno

★★★★★ **The Social Network**, *EUA, 2010.* **De** David Fincher. **Com** Jesse Eisenberg, Andrew Garfield, Justin Timberlake, Rooney Mara, Max Minghella, Armie Hammer, Josh Pence, Rashida Jones, Joseph Mazzello. 121 min. www.sonypictures.com/movies/thesocialnetwork. Sony. **Drama**

"Você não é um babaca, Mark. Só está tentando se tornar um." Com uma frase, a advogada que acompanha um dos processos contra Mark Zuckenberg, estudante de Harvard e o mais jovem bilionário do planeta, resume bem o que se passa na mente do criador do Facebook. Frustrado e bêbado depois de levar um fora, ele criou em seu dormitório na universidade o site Facemash, que ridicularizava as garotas da faculdade – logo a idéia de uma rede social evoluiria para o Facebook, montado com a ajuda de seu amigo, Eduardo Saverin, e baseada numa idéia dos gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss.

O motivo do processo foi Zuckenberg não ter creditado os Wilklevoss e ter excluído Saverin da parceria. Ou não. A verdade é que a última coisa que interessa ao diretor David Fincher e ao roteirista Aaron Sorkin é relatar os fatos sobre a criação da maior rede social do planeta. O que eles querem – e conseguem de maneira brilhante – é mostrar a condição humana neste novo século, em que a ilusão de vida social e de interação esbarra na tela fria de um computador.

De certa forma, é o que Fincher fez em 1999 com *Clube da Luta*. Com base no livro de Chuck Palahniuk, o diretor criou uma realidade que retratava o homem na virada do século, uma criatura consumista e individualista, integrada ao "sistema", que precisa buscar formas de prazer para interagir com outros humanos – no caso, arrebentando uns aos outros. A busca em *A Rede Social* é similar, e os questionamentos, semelhantes. O que mudou foi a execução. A criação do Facebook e suas conseqüências na vida de Zuckenberg tornam-se material perfeito para esse mergulho de Fincher – desta vez com a ajuda do texto de Aaron Sorkin (*West*

Wing), adaptando o livro *Bilionários por Acaso*, de Ben Mezrich.. O filme, assim como o livro, não se preocupa em verdades históricas, em documentar a gênese do Facebook. O que ele entrega, por outro lado, é a visão da mente de um gênio, de alguém desprovido de tato social que, ironicamente, criou a maior ferramenta de interação da história. Ou quase. Mark Zuckenberg (Jesse Eisenberg, sensacional) leva um fora homérico de sua namorada, Erika (Rooney Mara) – mesmo que ele não perceba que são suas palavras o catalisador do ato. Incapaz de uma resposta humana, ele cria um site, o Facemash, em que as alunas de Harvard ganham "notas" de seus amigos – um viral que quebrou o servidor da universidade com 22 mil hits em duas horas. A proeza, que só foi realizada com a ajuda matemática de Eduardo Saverin (Andrew Garfield, no papel de talvez o único amigo de Zuckerberg) , chama a atenção dos gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss (um efeito espetacular faz com que Armie Hammer interprete ambos, mesmo que o corpo de Tyler pertença a outro ator, Josh Pence), que o chamam para criar uma rede social exclusiva de Harvard.

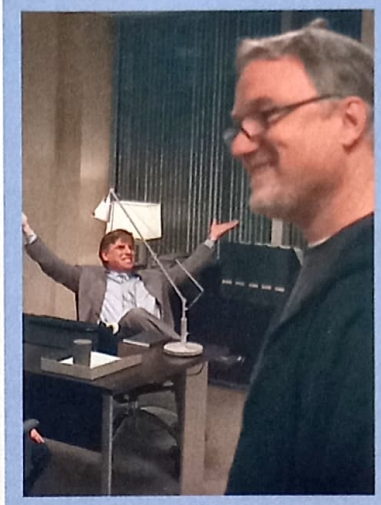
A salada de idéias terminou no Facebook, e marcou o começo da escalada bilionária de Zuckerberg. No caminho, ele conhece Sean Parker (Justin Timberlake), criador do Napster, e seu incentivo é o bastante para que ele decole com sua criação, deixando de lado os Wilklevoss e seu amigo Saverin – que foram fonte dos dois processos milionários que Zuckerberg enfrentou e perdeu. Com habilidade, Fincher desconstrói a personalidade de cada jogador: Saverin tinha as idéias, mas lhe faltava a ousadia para dar o salto necessário; Parker transborda entusiasmo, mas lhe falta foco; e Zuckerberg, o visionário que juntou tudo em um pacote só, tomou as decisões que podem ser interpretadas como falta de caráter.

Daí vem o brilhantismo de *A Rede Social*. David Fincher não faz nenhum julgamento, preferindo retratar seus personagens como gente de verdade, com complexidade e defeitos. É difícil não embarcar na viagem de Mark Zuckerberg, e é impossível não ter vontade de lhe puxar a orelha antes que ele perca de vista o que é ser humano – mesmo que isso talvez resultasse no fracasso do Facebook. Não é fácil ser um gênio, mais difícil ainda é se manter como tal sem perder o foco de quem você é. Em *A Rede Social*, Zuckerberg sempre esteve um passo à frente. Mesmo que isso lhe distanciasse do resto dos pobres mortais. ROBERTO SADOVSKI

Sem se intimidar: Mark Zuckerberg se impõe ante a Harvard

DE OLHO NO OSCAR

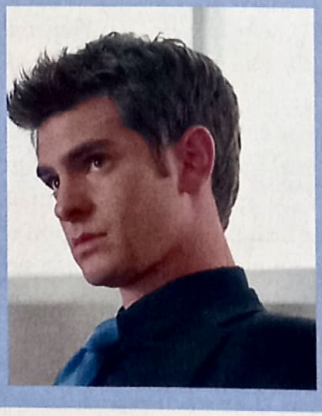
A REDE SOCIAL LIDERA OS FILMES QUE PODEM, EM FEVEREIRO, GARFAR UMA ESTATUETA DA ACADEMIA. MAS QUEM PODE LEVAR O QUE?



Desde que chegou aos cinemas, *A Rede Social* deixou os "olheiros" do Oscar em alerta: foi o primeiro filme com chances nas categorias principais. Até o momento, *The King's Speech* (sobre a ascenção de George VI ao trono da Inglaterra), *127 Horas* (a história real do acidente do montanhista Aron Ralston) e *A Origem* estão no topo da lista de apostas. Correndo por fora, a fantasia *Black Swan* e, claro, *Toy Stoy 3*.

O Oscar escapou das mãos de David Fincher (acima, com o roteirista Aaron Sorkin) e seu *O Curioso Caso de Benjamin Button*. Ele deve encarar Danny Boyle (*127 Horas*) mais uma vez. Christopher Nolan (*A Origem*) também deve estar entre os indicados.

Espera-se que seu background cômico não deixe Jesse Eisenberg (foto acima) fora dos candidatos a melhor ator. Ele pode bater de frente com James Franco (*127 Horas*), Colin Firth (*The King's Speech*) e Javier Bardem (*Biutiful*).



Tanto Justin Timberlake (acima) e Andrew Garfield (ao lado) lutam por uma vaga entre os atores coadjuvantes. Geoffrey Rush (*The King's Speech*), Jeremy Renner (*Atração Perigosa*), Jim Broadbent (*Another Year*) e Ed Harris (*The Way Back*) tem chances.

DVD/BLU RAY

FOTOS DIVULGAÇÃO

Hora de dormir: Arthur (Joseph Gordon-Levitt) toma Red Bull

A Origem

Leonardo DiCaprio e Christopher Nolan exploram o mundo dos sonhos no melhor filme de 2010

★★★★★ **Inception**, *EUA/Inglaterra*, 2010. **De** Christopher Nolan. **Com** Leonardo DiCaprio, Joseph Gordon-Levitt, Ellen Page, Tom Hardy, Ken Watanabe, Marion Cotillard, Cillian Murphy, Tom Berenger, Michael Caine. 148 min. DVD/Blu ray Warner

1 bilhão de dólares. Foi a bilheteria mundial de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*. E é também o número mágico que permitiu ao diretor Christopher Nolan cometer o que, no mercado cinematográfico atual, é quase heresia: criar um filme original. Muitos "ohs" e "ahs" erguem-se em uníssono quando um diretor foge da fórmula de levar para o cinema algo pré-existente e embarca em uma ideia nova. Bom, funcionou até que bem para James Cameron e *Avatar*. *A Origem* é o exemplo de um raio caindo duas vezes no mesmo lugar – só para falar em números, o filme encostou nos 820 milhões de dólares nas bilheterias. "Ohh...". "Ahh...".

Para uma trama complexa que exige mais das engrenagens da massa cinzenta da plateia, não é pouco. Mas *A Origem* não é um filme complexo no sentido de que se faz necessário uma enciclopédia para decifrá-lo: traz uma trama densa mas de fácil assimilação quando o objetivo no cinema é, ora, assistir ao filme. Talvez com o lançamento em DVD e Blu ray quem conferiu uma só vez possa tirar a prova dos nove de sua trama brilhantemente arquitetada e executada. O triunfo comercial de *A Origem* também tem origem (sem trocadilho) na vontade de descobrir o novo. 2010 foi, a bem da verdade, um ano preguiçoso. Um filme que chacoalha as ideias foi o produto perfeito no momento certo. Quem parece perder o rumo é Dom Cobb (Leonardo DiCaprio), ladrão especializado num tipo bem particular de operação: ele e sua equipe criam um ambiente de sonhos, nele depositam seu alvo e, em seu inconsciente, roubam segredos industriais. Depois de uma operação que não dá certo, Cobb e seu braço direito, Arthur (Joseph Gordon-Levitt, cada vez melhor) recebem uma oferta para um trabalho diferente: em vez de roubar, eles precisam plantar uma ideia na mente do alvo. É nesse ponto que

Cobb e Arthur montam uma nova equipe, ao estilo *Missão Impossível*, com pessoas de habilidades diferentes – e é nesse ponto que fica claro que os traumas de Cobb, relacionados com a morte de sua mulher, Mal (Marion Cotillard), e sua presença indelével em seu subsconsciente, sabotando suas ações, podem colocar o plano a perder. Afinal, para ele a missão é pessoal: acusado de assassinato e incapaz de voltar aos Estados Unidos para rever os filhos, ele precisa completar a tarefa para seu empregador mexer os pauzinhos e possibilitar seu retorno.

A partir daí Nolan monta uma aventura perfeita, que bebe tanto da fonte de filmes de conspiração dos anos 70 até de clássicos do cinema de ação, como os filmes de James Bond – em particular, *A Serviço Secreto de Sua Majestade*. Em um mundo de cortes rápidos, é impressionante a paciência do diretor em explicar a trama, mesmo que o papel de Ellen Page como "avatar" da platéia, sendo a pessoa que descobre o mecanismo da tecnologia que permite navegar pelos sonhos, se torne repetitivo. Por sinal, uma das boas ideias de *A Origem* como ficção científica é não se ater a explicações de como as máquinas funcionam. Já as cenas em que a realidade é retorcida e as leis da física, quebradas, entram no panteão dos grandes momentos do cinema – em particular a cidade que se dobra sobre si mesma e a luta em gravidade zero, com o eixo da realidade em rotação. Não é pouco destacar o papel do diretor de fotografia Wally Pfister (que trabalha com Nolan desde *Amnésia*) em tornar as ideias do diretor realidade.

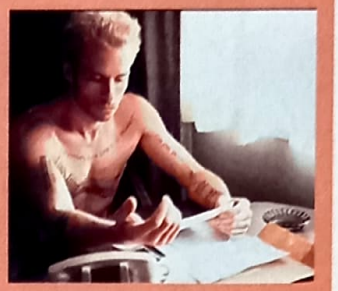
Claro que, entre ideias revolucionárias e conceitos inovadores, alavancados pela evolução da tecnologia em fazer filmes, *A Origem* é, em seu coração, uma história de amor e redenção. É com foco nestes conceitos que Christopher Nolan retém a humanidade em seu filme, e é com essa identificação que a platéia abraçou todo o conceito – não muito diferente do que aconteceu com *Matrix* uma década atrás. É o cinema olhando para o futuro sem perder contato com o papel da arte em primeiro lugar: instigar nossos neurônios, satisfazer nosso prazer em testemunhar a criação artística do homem e, no fim das contas, acalentar o nó no coração. R.S.

O que é real?: a equipe de Dom Cobb (DiCaprio) chega ao sonho

DIAS E NOITES IMERSO EM NOLAN

ASSISTIMOS A TODOS OS FILMES DO CINEASTA PARA PAVIMENAR O CAMINHO ATÉ *A ORIGEM*

FOLLOWING (1998)
A estréia de Nolan acompanha um escritor que segue pessoas para ter idéias. Ele termina envolvido com um ladrão, numa trama de reviravoltas.



AMNÉSIA (2000)
Seu primeiro grande filme, de narrativa afiada, foi um petardo sobre um homem sem memória que persegue o assassino de sua mulher.

INSÔNIA (2002)
Trabalhando com um grande estúdio, a Warner (que se tornou sua "casa"), Nolan dirigiu Al Pacino como um policial que vive no limite.

BATMAN BEGINS (2005)
A reinvenção do Homem-Morcego se tornou a base para os filmes de super-heróis, com uma visão "realista" de um mundo fantástico.

O GRANDE TRUQUE (2006)
A narrativa fragmentada ajuda a contar a história de dois ilusionistas envolvidos num jogo de ego e morte.

BATMAN - O CAVALEIRO DAS TREVAS (2008)
O segundo filme do herói de Gotham elevou o patamar do gênero e deu um Oscar póstumo a Heath Ledger.

TV PAGA

Miolos!: os zumbis de *The Walking Dead* são o retrato de um mundo morto

FOTOS DIVULGAÇÃO

The Walking Dead

Os mortos são o centro dessa nova e sensacional série que explora o apocalipse do ponto de vista dos vivos

O policial Rick Grimes está num posto de gasolina que mais parece um cemitério de carros. Ao redor, nem uma alma viva. Ou quase... Uma garotinha o observa de longe, e aos poucos acelera o passo. Metade de seu rosto deu lugar a um rombo de músculos, osso e sangue. O queixo está aos pedaços; o olhar, amarelado, entrega que não existe raciocínio lógico ali, é puro instinto. Rick saca sua arma e atira na testa da menina, que cai ao chão. Morta. Pela segunda vez.

Esses são os minutos iniciais de *The Walking Dead*, baseada na série em quadrinhos de Robert Kirkman, Tony Moore e Charlie Adlard, levada para a TV por Frank Darabont e Gale Ann Hurd. Acredite, é uma cena leve comparada ao que é mostrado no episódio-piloto – e também no que está por vir. E não que esse peso venha da carnificina anunciada por um planeta dominado por zumbis famintos por carne humana: o interesse de Kirkman – e posteriormente de Darabont – é mostrar a condição humana, nossa reação num mundo irrevogavelmente diferente, em que noções de civilização foram substituídas por algo mais simples e primordial: a sobrevivência.

The Walking Dead, a série em papel, começou a ser publicada nos Estados Unidos em 2003 e logo se tornou um sucesso. Apesar do apelo do tema – e da promessa de zumbis famintos perambulando as ruas atrás de miolos – o que Kirkman fez foi construir um elenco de personagens bem desenvolvidos, cada um lidando com a nova realidade à sua maneira. O roteirista também preferiu evitar clichês e outras armadilhas, deixando claro que ninguém estava à salvo. Aos poucos, também, *The Walking Dead* (ou *Os Mortos-Vivos*, título que a série em quadrinhos ganhou no Brasil) mostrou que o predador mais perigoso talvez não seja aquele que ronda para saciar sua fome de carne humana. Talvez ele seja eu ou você.

É isso que descobre o policial Rick Grimes (Andrew Lincoln), xerife ferido no cumprimento do dever e vai parar, em coma, num hospital. Quando ele desperta, o lugar está destruído; cor-

redores, aos pedaços; e os corpos, empilhados no estacionamento. Rick também descobre, para sua incredulidade, que nem todos os mortos descansam. Ele é capturado e depois ajudado por Morgan (Lennie James) e seu filho, Duane (Adrian Kali Turner). É quando toma ciência da praga que levantou os mortos e dos esforços, talvez fúteis, das autoridades para contê-los. Como não achou sua mulher e filho em casa, mas certo de que eles estão vivos, Rick parte para Atlanta, onde supostamente o governo tem a situação sob controle – logo ele vai se ver cercado por hordas de mortos-vivos.

Escrito e dirigido por Frank Darabont (*Um Sonho de Liberdade*), o piloto de *The Walking Dead* logo se coloca um patamar acima da qualidade que a TV atual oferece – o que não é pouco. Com um texto enxuto e um elenco afiado, o diretor conduz uma trama melancólica e sem esperança, em que só um fiapo de esperança mantém Rick são. Aos poucos ele também apresenta o elenco coadjuvante e promete que, logo na segunda temporada (o canal AMC encomentou seis episódios iniciais, mas os arcos seguintes devem seguir o esquema de treze programas), vai abraçar mais ainda o clima da série em quadrinhos, colocando em cena outros personagens que tentam sobreviver neste mundo trágico. Em meio a comédias e dramas, bons e ruins, que entopem a programação da TV ianque (e consequentemente nossa TV paga), *The Walking Dead* é um sopro de originalidade – mesmo que ele venha embalado numa premissa que não abre espaço para humor, só para a dor de descobrirmos que, no fundo, o ser humano é nosso pior inimigo. R.S.

Fox, Terças, 22h, com reprises aos sábados às 22h

PUTREFAÇÃO ELEGANTE

OS MELHORES ZUMBIS PELA CULTURA POP

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS

George Romero espalhou a praga de zumbis pelo mundo com seu clássico de 1968, que cutucava a Guerra do Vietnã (quem eram os zumbis? Os americanos?). Isolados numa fazenda, sete pessoas tentam sobreviver ao ataque dos mortos. Assustador e original, foi refilmado duas vezes – mas só *Madrugada dos Mortos*, remake de *Despertar dos Mortos* dirigido por Zack Snyder, é digno de nota.

EXTERMÍNIO

Danny Boyle reescreveu as "regras" dos filmes de zumbi colocando a causa do despertar dos mortos em uma praga que consome e isola a Grã Bretanha em um mês. No lugar dos mortos que se arrastam de Romero, os zumbis são rápidos. E, claro, mortais.

GUERRA MUNDIAL Z

O livro de Max Brooks reconta a grande guerra contra os zumbis uma década depois, e a nova face do mundo depois do apocalipse, com a população mundial reduzidíssima, os EUA em frangalhos e milhões de mortos-vivos ainda zanzando pelo planeta.

TODO MUNDO QUASE MORTO

Os ingleses são como zumbis – pelo menos é o que descobrimos nessa sátira de humor negro dirigida por Edgar Wright. Leva um tempo até os amigos Shaun (Simon Pegg) e Ed (Nick Frost) perceberem que a cidade está tomada pelos desmortos. O clímax é, claro, num pub.

ZUMBIS MARVEL

Na série original, os heróis da Marvel – Homem-Aranha, Capitão América e Hulk, entre eles – sucumbem a um vírus zumbificante e literalmente comem a população da Terra. Os protagonistas desse mundo terminam, em séries subseqüentes, chegando ao "nosso" planeta. O destaque são as capas, recriações zumbificadas de imagens clássicas dos gibis da editora.

CINEMA

FOTOS DIVULGAÇÃO

Mundos distantes: vizinhos (e vidas) se entrelaçam sob a batuta de Allen

Você Vai Conhecer o Homem dos Seus Sonhos

Aos 75 anos, Woody Alllen mostra vitalidade criativa e segue disposto a não perder o posto de maior autor dos EUA

★★★ **You Will Meet a Tall Dark Stranger**, EUA, 2010. **De** Woody Allen. **Com** Anthony Hopkins, Naomi Watts, Antonio Banderas, Josh Broslin, Gemma Jones Pauline Collins. 98 min. Vocevaiconhecerohomemdosseussonhos.com. Paris. **Comédia**

Prestes a completar 75 anos em 1º de dezembro, Woody Allen não para de trabalhar. De forma compulsiva, desde 1966 realizou em média um longa por ano. A impressão que se tem é que Allen, embora com menos brilho, faz questão de que não perder o posto do mais autoral dos cineastas americanos. Essa posição, ele alcançou com liberdade oferecendo análise existencial em dramas e comédias, ou em criações que alternam elementos os dois gêneros, presente em *Você Vai Conhecer o Homem de seus Sonhos*. É o 45º título da sua lista de direções e o 63º de seus roteiros.

A exemplo de *Celebridades*, ele entrelaça pessoas que têm ligações conjugais e sanguíneas. O ponto de partida é o fim do casamento de Helena (Gemma Jones) e Alfie (Anthony Hopkins). Enquanto ela se apóia em vidente (Pauline Collins), o sessentão busca a juventude perdida malhando e usando o poder sexual obtido com estimulantes. A filha do casal, Sally (Naomi Watts), enfrenta o fracasso do marido Roy (Josh Broslin) como escritor e apaixona-se pelo patrão, Greg (Antonio Banderas).

É impressionante a habilidade de Allen em mesclar condutas diversas. O cineasta se sai bem no trato das consequências geradas pela nova vida de Alfie, provoca o riso quando Helena insiste com o namorado viúvo em obter a aprovação "do além". No geral, porem, fica um sabor de inconclusivo. Mesmo assim, o rendimento obtido do elenco torna o filme mais atraente. A.S.

ALLEN EM QUATRO ÓTIMOS MOMENTOS

A Rosa Púrpura do Cairo (The Rose Purple of Cairo, 1984)
Nos anos da depressão, galã (Jeff Daniels) sai da tela atraído pela espectadora Cecília (Mia Farrow). A ausência do ator para a projeção e cria uma crise nos estúdios.

Hannah e suas Irmãs (Hannah and her Sisters, 1986)
Esta comédia dramática passa por anseios femininos e pelas consequências da paixão adúltera de Michael Caine pela cunhada, irmã de Hannah (Mia Farrow).

Crimes e Pecados (Crimes and Misdemeanors, 1989)
Enquanto um documentarista (Allen) apaixona-se por sua produtora, seu cunhado milionário (Martin Landau) tenta se livrar da amante (Anjelica Huston), a ponto de pensar em assassinato.

Ponto Final - Match Point (Match Point, 2005)
A ascensão social de um professor de tênis (Jonathan Rhys Meyers) junto de uma rica e aristocrática família passa por um assassinato. Suspense com soluções bizarras.

Rock Hudson (com Jane Wyman) em dois tempos: ator foi um dos "musos" de Douglas Sirk

DVD

Douglas Sirk, o rei do melodrama

Sublime Obsessão e *Tudo que o Céu Permite* celebram o mestre do intimismo romântico

Levou anos para Douglas Sirk (1900-1987) consagrar-se como o rei do melodrama. Alemão, desde 1934 ele dirigia em sua pátria. Após fazer quatorze longas (um na França e outro na Holanda), por volta de 1940, temendo que os nazistas implicassem com a sua esposa judia, foi para Hollywood. Sua estréia deu-se em 1942 com *O Capanga de Hitler*, melindrando o governo da Alemanha na época. Depois de transitar por diversos gêneros, o produtor Ross Hunter o contratou pela Universal para dirigir a segunda versão de *Sublime Obsessão*. Foi um sucesso estrondoso. Adaptado do romance de Lloyd C.Douglas (de *O Manto Sagrado*), conta a história de um irresponsável playboy, Bob Merrick (Rock Hudson), que se apaixona por Helen Phillips (Jane Wyman), viúva de um médico. Mas um acidente quando tentava escapar do assedio de Bob a deixa cega. Ele passa a dedicar-se a ela, primeiro de forma anônima, depois revelando-se. Nasce o amor entre os dois. Na trama conduzida por Sirk de uma forma toda especial e delicada, há vez para Bob aprender e praticar a obsessão do título: ser generoso sem almejar retribuição e divulgação, ajudando a quem precisa de ajuda para, dessa maneira, alcançar aquela força da qual falava Cristo.

O DVD traz também a primeira versão, feita em 1935 por John M. Stahl (do estupendo *Amar Foi Minha Ruína*). Mais didática na mensagem altruísta, envelheceu e resultou inferior ao filme de Sirk. Não por ser em preto e branco e pela produção modesta, com poucas externas. É que o roteiro demora-se na parte gaiata (quase quarenta minutos) que registra o lado leviano de Bob, possibilitando nas cenas de bebedeira uma atuação constrangedora de Robert Taylor. Ele era um ator fraco e Irene Dunne sempre foi uma intérprete algo dura. Já Jane Wyman e Rock Hudson tinham uma química incrível e o êxito de *Sublime Obsessão* fez com que o produtor Hunter os reunisse novamente sob a direção de Sirk no maravilhoso *Tudo que o Céu Permite*. Em vez da generosidade, o egoísmo ganhou força nessa história de amor entre o jovem jardineiro Kirby (Hudson, que era realmente um ótimo ator) e a viúva Scott (Wyman), mãe de um casal de filhos adultos. Na América dos anos 50, a diferença de idade provoca preconceitos de forma coletiva e íntima. A própria protagonista reluta, por causa dos filhos, em prosseguir nessa relação. O diretor mostrou-se mais inspirado, sobretudo ao acentuar a solidão da sra. Scott quando ela é apresentada ao aparelho de TV e na imagem em que vê os festejos natalinos através da janela. No documentário sobre o cineasta, Sirk explica a razão da cena. É um dos momentos que, junto com os dois grandes filmes, nos ajuda a compreender como ele se tornou o insuperável mestre do intimismo romântico. ALFREDO STERNHEIM

Sublime Obsessão
Magnificent Obsession, *EUA, 1954.* **De** Douglas Sirk. **Com** Jane Wyman, Rock Hudson, Agnes Moorehead, Barbara Rush. 107min. DVD. Versátil. **Drama**.
Filme: ★★★★
Extra (Sublime Obsessão, de 1937) ★★★

Tudo que o Céu Permite
All That Heaven Allows, *EUA, 1955.* **De** Douglas Sirk. **Com** Jane Wyman, Rock Hudson, Agnes Moorehead, Virginia Grey. 89 min. DVD. Versátil. **Drama**
Filme: ★★★★★
Extras: ★★★★★

DVD/BLU RAY

O Segredo de Seus Olhos

El Secreto de sus Ojos, *Argentina/Espanha, 2009.* **De** Juan Jose Campanella. **Com** Ricardo Darin, Soledad Villamin. 129 min. DVD/Blu ray. Europa. **Policial**

Juan Jose Campanella é o melhor cineasta da Argentina. Depois de uma obra prima (*O Filho da Noiva*), ele volta a nos extasiar com este policial que vai além do gênero. O filme tem como ponto de partida a lembrança de um crime que Benjamin Espósito (Ricardo Darin) investigou e ficou impune. Aposentado, ele vai atrás de respostas para o estupro e assassinato de Liliana (Carla Quevedo). A sua busca passa por paixões mal administradas, dissimulação, crueldade mental e física, política e violência, culminando num final surpreendente. Campanella fixa o olhar na realidade de seu país, em especial as atitudes repressivas e corruptas do governo de Isabelita Perón. Sua habilidade como diretor fica explícita quando passa da observação do irônico Morales (Pablo Rago) para um lotado e imenso estádio de futebol onde procuram um suspeito. Só esse plano-sequência (talvez o mais perfeito de toda a história do cinema) já seria suficiente para recomendar o filme, um dos melhores de 2010. A.S.

Filme: ★★★★★
Extras: N. A.

Christopher Lloyd e Michael J. Fox: clássico pop de verdade

FOTOS DIVULGAÇÃO

BLU RAY

De Volta Para o Futuro

★★★★★ **Back to the Future**, *EUA, 1985*; **Back to the Future Part II**, *EUA, 1989*; **Back to the Future Part III**, *1990*. **De** Robert Zemeckys. **Com** Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Lea Thompson. Blu ray Universal. **Aventura**

Uma das trilogias mais sensacionais do cinema ganha versão em alta definição neste lançamento carregado de nostalgia. Na verdade, é impressionante como *De Volta Para o Futuro*, quase três décadas depois do primeiro filme, continua mobilizando a mídia de maneira tão exemplar – diretor, roteirista, produtores e elenco voltaram aos holofotes para divulgar o lançamento do Blu ray da série e o barulho foi grande. E justificado: Bob Gale escreveu um dos roteiros mais perfeitos do cinema pop com a aventura de 1985, dirigida com agilidade por Robert Zemeckys. A história já é lendária: adolescente volta trinta anos à bordo de uma máquina do tempo instalada num DeLorean, e precisa fazer com que seus pais se apaixonem. A coisa ficaria por aí, um filme fechadinho e perfeito, mas Zemeckys e Gale levaram a história para o futuro e depois para o Velho Oeste em uma série que, entre altos e (poucos) baixos, merece ser (re)vista de uma vez só. De preferência, em turma. R.S.

QUADRINHOS

Lanterna Verde - Sem Medo

★★★★ Panini Books, De Geoff John, Ivan Reis. 324 págs.

Depois de reintroduzir o Gladiador Esmeralda em *Renascimento*, o roteirista Geoff Johns pavimentou seu retorno ao panteão dos grandes heróis da DC em sua série mensal. Com o auxílio do traço espetacular do brasileiro Ivan Reis, *Lanterna Verde* se colocou no topo de vendas nos EUA – e também no Brasil, onde ganhou título próprio. Este encadernado reúne os primeiros arcos do personagem em sua nova fase, preparando o caminho para as sagas *A Guerra do Anel* e *A Noite Mais Densa* – atualmente sendo publicada por aqui. Nada melhor para esperar o filme do herói que chega aos cinemas ano que vem. R.S.

CINEMA

Sentimento de Culpa

★★★★ **Please Give**, *EUA, 2010*. **De** Nicole Holofcener. **Com** Catherine Keener, Amanda Peet, Oliver Platt, Rebecca Hall. 90 min. Sony. **Drama**

Em um dos filmes mais sensíveis da temporada, a diretora Nicole Holofcener (*Amigas com Dinheiro*) reúne um elenco afiado para contar a história de Rebecca (Rebecca Hall), técnica em raios-x que mora com a avó e tem uma irmã, a fútil Mary (Amanda Peet), que trabalha em um spa. No apartamento colado ao seu vive Kate (Catherine Keener), casada com Alex (Oliver Platt) e donos de um antiquário. A interação das famílias, e a culpa que os define, abre espaço para uma trama que reforça, com elegância, o que é fazer o bem. M.L.

Cyrus

★★★★ *EUA, 2010*. **De** Jay e Mark Duplass. **Com** John C. Reilly, Jonah Hill, Marisa Tomei, Catherine Keener. 92 min. www.foxsearchlight.com/cyrus. Fox. **Comédia**

Os diretores e roteiristas Jay e Mark Duplass optaram por filmar *Cyrus* em ordem cronológica e deram liberdade de improvisação ao elenco. A idéia deu certo e o que vemos é um filme delicado, porém ágil e divertido. Jonah Hill é Cyrus, jovem mimado de 21 anos que mora com a mãe, Molly (Marisa Tomei). Quando ela se apaixona por John (John C. Reilly), divorciado há anos e com a vida estagnada, Cyrus não se conforma em dividir sua atenção e começa uma guerra de nervos com o padrasto. M.L.

Os Outros Caras

★★★ **The Other Guys**, *EUA, 2010*. **De** Adam McKay. **Com** Will Ferrell, Mark Wahlberg, Eva Mendes, Dwayne Johnson, Samuel L. Jackson, Michael Keaton. 107 min. www.theotherguys-movie.com. Sony. **Comédia**

Não consegue imaginar o carrancudo Mark Walhberg em uma comédia? Pois saiba que ele consegue ser muito engraçado e *Os Outros Caras* é a prova. No filme dirigido por Adam McKay (*Quase Irmãos*) ele é um detetive rebaixado após um acidente em serviço cujo parceiro (Will Ferrell) prefere executar assuntos forenses à partir para a ação das ruas. Até que algo acontece com os detetives queridinhos do distrito (The Rock e Samuel L. Jackson) e a dupla precisa mostrar serviço. Ferrell repete seu satisfatório papel cômico de sempre, enquanto Walhberg rouba quase todas as cenas. M.L.

TV PAGA

Charme Incontestável

NOS 50 ANOS DA MORTE DE CLARK GABLE, UM CICLO DE FILMES EM SUA HOMENAGEM.

TCM, a partir do dia 15, às 14h

É bem possível que nem William Clark Gable (seu nome completo) soubesse explicar a razão de seu magnetismo, capaz de mantê-lo como astro de primeira grandeza no cinema por inúmeras décadas. Americano nascido em 1 de fevereiro de 1901, foi gradativamente tornando-se um ídolo das mulheres já nos primeiros anos do cinema sonoro, embora ele estivesse na luta desde 1923, ainda no mudo. Em 1931, já era ator principal e ao lado da mítica Greta Garbo em Susan Lenox. Daí em diante não parou mais, sempre atuando ao lado de estrelas como Joan Crawford, Jean Harlow e. Norma Shearer, entre outras. Tornou-se um dos atores mais bem pagos de Hollywood, especialmente depois que fez *Aconteceu Naquela Noite*, com Claudette Colbert. Foi a primeira comédia a ganhar o Oscar de melhor filme e ele também levou o seu troféu, em 1935. Mas o seu maior sucesso aconteceria quatro anos depois, quando viveu Rhett Butler em *...E o Vento Levou*. Nesse personagem, mesclando certa dose de cafajestice com segurança e paixão, conquistou as platéias de todo o planeta.

Ele já era chamado de O Rei desde 1938, por conta de um concurso do programa radiofônico de Ed Sullivan. E o título permaneceu por muitos e muitos anos, em meio a sua vida pessoal que incluiu muitas amantes e cinco casamentos. O primeiro deu-se antes da fama com a sua professora de arte dramática, Josephine Dillon, quinze anos mais velha. O segundo, com a rica Rhea Langhan, durou de 1934 à 1939. Nesse mesmo ano, uniu-se à sua grande paixão, a atriz Carole Lombard. Mas o matrimônio terminou quando morreu num acidente aéreo em 16 de janeiro de 1942 – ela tinha 33 anos. Desolado, Gable abandonou os estúdios, alistou-se na força aérea e participou de várias batalhas na Segunda Guerra Mundial. Voltou a atuar após o fim do conflito em 1945, e casou-se em fins de 1949 com lady Silvia Ashley, viúva de Douglas Fairbanks. A relação durou pouco mais de dois anos, terminando quando o ator já estava comprometido para filmar *Mogambo*, com Ava Gardner e Grace Kelly.

Finalmente, em 11 de julho de 1955, aconteceu seu quinto e derradeiro casamento com Kay Williams. Ela estava grávida dele em 16 de novembro de 1960, quando O Rei morreu de um ataque cardíaco. Gable tinha se estressado muito semanas antes, durante as filmagens de *Os Desajustados*, sob a direção de John Huston. Foi o seu último desempenho e o último completo de outro mito, Marilyn Monroe.

Cinquenta anos depois de sua morte, o TCM mata as saudades exibindo um ciclo que começa e termina com o documentário *Clark Gable: Tall, Dark and Handsome* (dias 15 e 18, às 14 e 18:05 hs, respectivamente. Os filmes selecionados são *...E o Vento Levou* (dia 15, às 14h55), *O Grande Motim* e *Mogambo* (dia 16, ás 14 e 16h25h , respectivamente), *Vencido pela Lei*, *Mares da China* e *A Cidade do Pecado*, no dia 17, às 14h, 15h35 e 17h05, respectivamente), e *Piloto de Provas* e *Os Desajustados*, no dia 18, às 14h e 15h55. A.S.

Danny Trejo: não f... com Machete!

FOTOS DIVULGAÇÃO

CINEMA

Machete

Heróis mexicano chega num banho de sangue

★★★ *EUA, 2010.* **De** Robert Rodriguez e Ethan Maniquis. **Com** Danny Trejo, Jessica Alba, Michelle Rodriguez, Steven Seagal, Jeff Fahey, Robert De Niro. 105 min. www.vivamachete.com. Sony. **Ação**

O roteiro de *Machete* foi pensado por Robert Rodriguez a partir do trailer fictício homônimo exibido em *Grindhouse*, de 2007. Você leu certo: este legítimo exemplar de *mexploitation* é baseado em um... trailer! Danny Trejo, em seu primeiro papel como protagonista, é um ex-agente federal mexicano vivendo no Texas depois da morte de sua mulher pelas mãos de um traficante (Steven Seagal). Contratado para assassinar o senador John McLaughlin (Robert de Niro), que defende a morte dos imigrantes mexicanos ilegais nos EUA, Machete se vê em uma cilada. Para se vingar, ele conta com a ajuda da policial Yvetta Sartana (Jessica Alba) e de Luz (Michelle Rodriguez), defensora dos imigrantes ilegais. As cenas de ação frenéticas e os exageros visuais típicos de Rodriguez, apesar de já testarem a paciência, funcionam. O herói não usa armas de fogo, desferirindo seus golpes com facas e intrumentos cirúrgicos. Cabeças rolam (literalmente), intestinos são expostos e há muito sangue. O que também não falta são mulheres bonitas – Alba e Rodriguez estão estonteantes e até Lindsay Lohan, no papel da filha de um dos *bad guys*, está bem. MARIANA LAVIAGUERRE

DVD/BLU RAY

Lembranças

Remember Me, *EUA, 2010.* **De** Allen Coulter. **Com** Robert Pattinson, Emile de Ravin, Chris Cooper, Pierce Brosnan. 113 min. DVD/Blu-ray. Paris. **Drama**

Ally Craig vê sua mãe levar um tiro mortal de um assaltante. Anos depois, adulta (Emile de Ravin), se enamora de Tyler Hawkins (Robert Pattinson, de *Crepúsculo*), jovem traumatizado pelo suicídio do irmão. Além de abalados por tragédias passadas, ambos têm difíceis relações com os pais (Chris Cooper e Pierce Brosnan). Há tropeços no desenrolar da trama, fraqueza na atuação da jovem dupla central, mas o filme flui em sua melancolia e valoriza-se no surpreendente epílogo, chocante, mas que tem coerência com a força dolorosa do imponderável, tão ressaltada pela narrativa. A.S.

Filme: ★★★
Extras: Não tem

DVD

Domingo Maldito

Sunday Bloody Sunday, *Inglaterra, 1971.* **De** John Schlesinger. **Com** Peter Finch, Glenda Jackson, Murray Head, Peggy Aschroft. 110 min. DVD. Versátil. **Drama**.

O inglês John Schlesinger (*Perdidos na Noite*) ousou ao fazer este drama em torno das relações amorosas do jovem Bob (Murray Head) com a divorciada Alex (Glenda Jackson) e com o médico Daniel (Peter Finch). Embora ocorra em encontros separados, o triângulo é do conhecimento dos protagonistas. A dramaticidade não é exacerbada, e nem mesmo na angústia vivida por Daniel, que não saiu do armário e sofre a influência de sua religião judaica. É dessa forma linear e íntima, mas com lampejos de sensualidade, que o cineasta expõe a situação, valorizada pelo excelente trio de intérpretes. A.S.

Filme: ★★★
Extras: ★

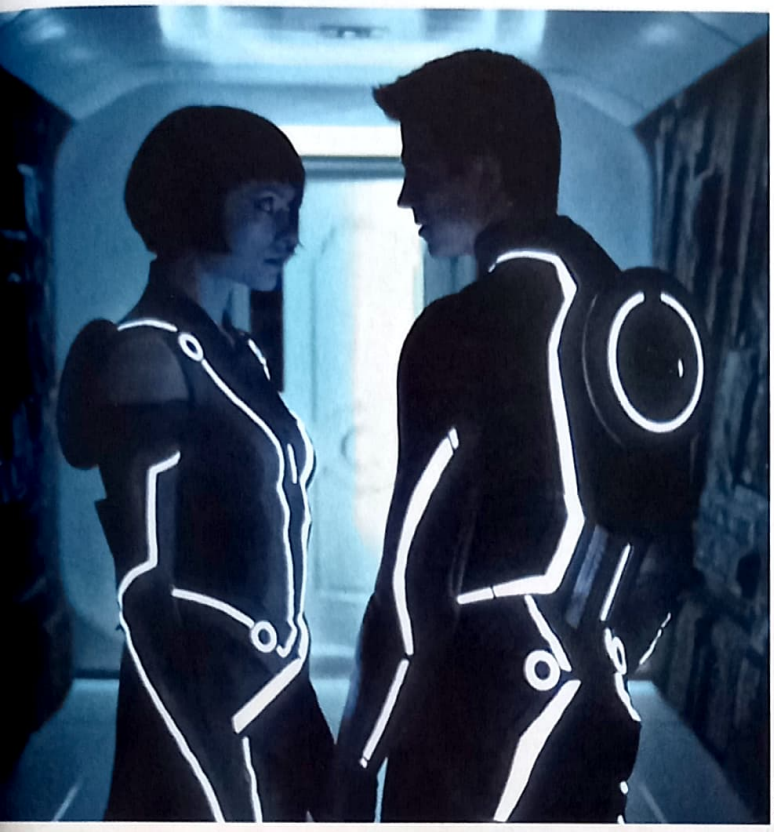
Investigação Sobre Um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita

Undagine su um Cittadino Al di Sopra di Ogni Sospetto, *Itália, 1970.* **De** Elio Petri. **Com** Gian Maria Volontè, Florinda Bolkan, Salvo Randone. 110 min. DVD. Versátil. **Policial**

Comunista assumido, Gian Maria Volonté (1933-1994) sempre deu preferência a filmes engajados, que lhe permitiam expressar suas opiniões. É o que faz em alguns momentos deste policial singular. Ele interpreta o inspetor-chefe da delegacia de homicídios que assassina a amante Augusta Terri (a brasileira Florinda Bolkan). Depois, cria pistas falsas, arruma uma testemunha mentirosa e conduz a investigação oficial de uma maneira que pode incriminar jovens ativistas. Laureada com o Oscar de melhor produção estrangeira, a inteligente criação do também politizado Elio Petri não se preocupa só em manter o interesse quanto ao trabalho da policia em busca da verdade. Em meio as artimanhas do verdadeiro criminoso e sem prejuízo da fluência da investigação, oferece uma análise profunda do mecanismo do medo, da luta de classes e da força do corporativismo. Tudo isso sob uma edição dinâmica, ainda hoje moderna, sublinhada pela eficiente música de Ennio Morricone. A.S.

Filme: ★★★★
Extras: ★★

Próximas atrações



DISNEY

TRON – O LEGADO

Trinta anos depois de Jeff Bridges entrar no mundo digital de *Tron*, uma outra odisséia elerônica leva os limites do cinema ao extremo

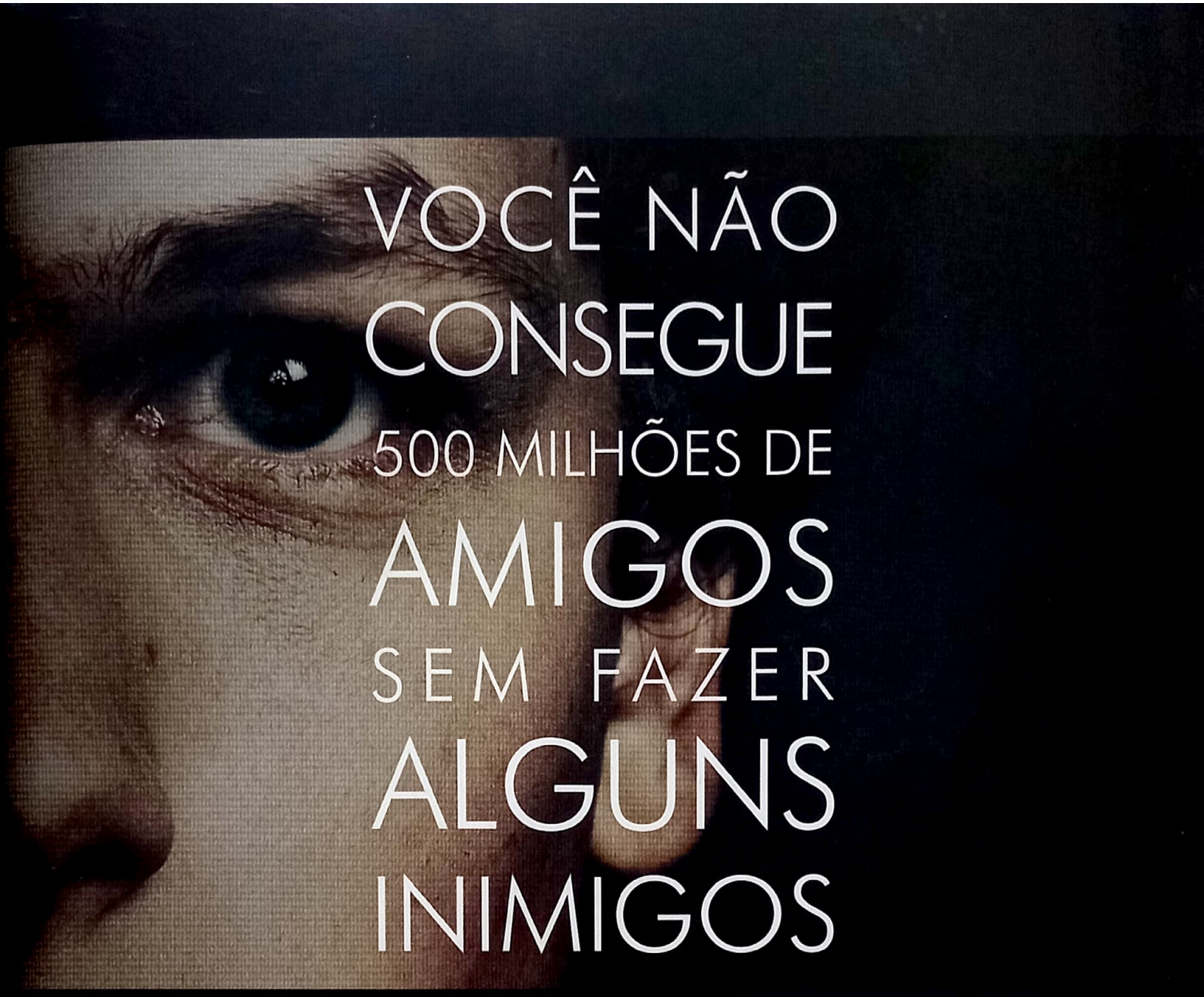
PARAMOUNT

DEIXE-ME ENTRAR

O diretor de Cloverfield coloca Kodi Smit-McPhee e Chloe Moretz na refilmagem do terror nórdico *Deixa Ela Entrar*

Bonecos de ação

Jack Nicholson e Michael Keaton fazem pose no filme que, em 1989, escancarou a relação entre arte e marketing: *Batman*, de Tim Burton, foi um evento, um sucesso – e, acima de tudo, um produto.



VOCÊ NÃO CONSEGUE 500 MILHÕES DE AMIGOS SEM FAZER ALGUNS INIMIGOS

UM FILME DE DAVID FINCHER

a rede social
(the social network)

COLUMBIA PICTURES APRESENTA EM ASSOCIAÇÃO COM RELATIVITY MEDIA
UMA PRODUÇÃO SCOTT RUDIN / MICHAEL DE LUCA / TRIGGER STREET UM FILME DE DAVID FINCHER
"THE SOCIAL NETWORK"
JESSE EISENBERG ANDREW GARFIELD JUSTIN TIMBERLAKE ARMIE HAMMER MAX MINGHELLA
MÚSICA DE TRENT REZNOR & ATTICUS ROSS PRODUTORES EXECUTIVOS KEVIN SPACEY
BASEADO NO LIVRO "THE ACCIDENTAL BILLIONAIRES" DE BEN MEZRICH ROTEIRO DE AARON SORKIN
PRODUZIDO POR SCOTT RUDIN DANA BRUNETTI MICHAEL DE LUCA CEÁN CHAFFIN
DIRIGIDO POR DAVID FINCHER

aredesocial.com.br

COLUMBIA PICTURES

TRILHA SONORA NULL

Verifique a classificação indicativa

3 DE DEZEMBRO NOS CINEMAS

SONY
make.believe

FROTA **100%**
BRASILEIRA

Só a Azul tem 100% de sua frota de jatos fabricados no Brasil. Não somente por serem brasileiros, mas, acima de tudo, porque são os melhores aviões do mundo.

A Azul é a única empresa aérea do mundo com 100% da frota equipada com Head-up Displays duplos.

Os Embraer 190 e 195 da Azul são os jatos mais ecologicamente corretos em operação no país.

No Brasil, somente a Azul tem 100% de sua frota equipada com Electronic Flight Bags.

Além disso, eles não são lindos pra chuchu?

Tudo novo. Tudo Azul.

www.**voeazul**.com.br

Azul
Linhas Aéreas Brasileiras